

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
MESTRADO EM FILOSOFIA

Olga Nancy P. Cortés

**A INTER-RELAÇÃO BOURDIEUSIANA:
HABITUS, CAMPO E CAPITAL**

Porto Alegre
2016

Olga Nancy P. Cortés

**A INTER-RELAÇÃO BOURDIEUSIANA:
*HABITUS, CAMPO E CAPITAL***

Versão definitiva para depósito da dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Norman R. Madarasz

Porto Alegre

2016

Olga Nancy P. Cortés

**A INTER-RELAÇÃO BOURDIEUSIANA:
*HABITUS, CAMPO E CAPITAL***

Versão definitiva para depósito da dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Norman R. Madarasz (Orientador)

Prof. Dr. Fabio Caprio Leite de Castro (PUCRS)

Prof. Dr. Luis Carlos dos Passos Martins (PUCRS)

Porto Alegre

2016

À Maria Margarita (in memoriam)

À Maria Teresa e Juan Bautista, a imensa gratidão.

À Margarita Alexandra e João Francisco, o amor fraternal.

*À Benja, o reconhecimento da vida como espaço de
combate e de realizações.*

AGRADECIMENTOS

O resultado desta dissertação é o aparente solitário carregado de interações entre diversas pessoas. As palavras apenas deixam à mostra a ponta do iceberg.

Agradeço à equipe do Dr. Brasília pelo apoio incondicional e pelo ensino permanente dos limites que transcendem fronteiras e ilumina caminhos. À Benja, amigo e companheiro, grande incentivador de projetos que almejam a desacomodação intelectual, a apatia social e a preguiça mental. Obrigada pelo legado e pela presença.

Ao meu orientador prof. Dr. Norman R. Madarasz pelo seu apoio e incentivo desde que adentrou no espaço desta universidade, sobretudo pela postura instigante do pesquisador que estimula a cada e todo momento seu orientando a ousar e a se desenvolver. Ao prof. Dr. Ricardo Timm e prof. Dr. Thadeu Weber pela dedicação, respeito e cuidado ao conhecimento e à sua transmissão. Ao prof. Dr. Fábio Caprio de Leite Castro e ao prof. Dr. Luis Carlos dos Passos Martins agradeço a participação na banca de avaliação, assim como as contribuições e o interesse no enriquecimento desta dissertação. Ao colega doutorando prof. Richer Fernando Borges de Souza pelas sugestões na banca da pré-defesa.

Ao PPG de Filosofia, à coordenação e ao corpo docente pela oportunidade da convivência em um ambiente enriquecedor. À secretária Juliana Hammerschmidt, ao Paulo Mota e, especialmente, à secretária Andrea Simioni por suas palavras amigas, seu carinho e sorriso alentador em momentos cruciais desta trajetória.

À prof. Dra. Maria Carolina dos Santos Rocha pelo sempre carinho e incentivo e ao prof. Dr. Francis Kanashiro Meneghetti pelo interesse constante na pesquisa e no tema em questão.

Aos colegas que conheci ao longo do intenso período de estudos e debates, com os quais tive e tenho a feliz oportunidade não somente de compartilhar ideias, mas de apreender formas diferentes de ser. À Águeda Martinelli, companheira nas longas discussões filosóficas e poéticas da vida; à Bruna Bortolini e Leonardo Bragé, pela convivência a qual tem sido uma sensível revelação; à Régis Barbosa e Elvis pela sempre torcida; à amiga de

todos os tempos Mara Luiza D. da Silva e aos meus grandes amigos Maria Vilda, Marito, Bruna e Camilo pela compreensão da ausência e a alegria compartilhada a cada conquista e reencontro.

A todos aqueles que por ventura não se encontram nomeados por estarem escondidos nos cantos obscuros da memória e daqueles lembrados, cujo anonimato é necessário, saibam-se enredados em cada pensamento expresso, em cada letra escrita, em todo sentimento vivido. Mas, sobretudo, agradeço a todos aqueles que ousam pensar o seu tempo, aos intelectuais conhecidos e desconhecidos que transformam suas angústias em ideias alicerçadas no desejo de compreender o mistério que nos rodeia. Entre tantos, destaco Pierre Bourdieu com o qual tenho tido a oportunidade de aprender a aprender constantemente.

Não há palavras que possam expressar o imensurável sentimento de gratidão à minha família.

Aos meus pais *Maria Teresa e Juan Bautista* agradeço a evolução e construção de suas trajetórias, iluminando cada segundo do meu percurso. Aos meus irmãos, *Margarita Alexandra e João Francisco*, meus companheiros, amigos e incansáveis incentivadores, na ausência das palavras, obrigada pela oportunidade de compartilhar minha existência com suas presenças.

*“La structure dépend des idées que j’ai de l’être,
des autres, de l’Histoire, mais pas seulement,
le secret intérieur que je ne connais pas.”*

Annie Ernaux

*“Face au réel, ce qu’on croit savoir clairement
offusque ce qu’on devrait savoir.”*

Gaston Bachelard

RESUMO

O ponto de partida do constructo teórico do filósofo e sociólogo francês Pierre Bourdieu são as desigualdades existentes na realidade social. Na busca pela compreensão da realidade social e a posição do indivíduo perante a mesma, o autor elabora uma teoria a qual visa à superação da dicotomia das teorias subjetivistas e objetivistas presentes em sua época. Assimilando o pensamento relacional como fio condutor da teoria identificada como construtivismo estruturalista ou estruturalismo construtivista, o autor propõe relevar das pesquisas empíricas o senso prático das ações dos agentes sociais. Tal proposta apresenta uma teoria da prática ou praxiologia, na qual a prática é considerada o motor propulsor das posições, disposições e tomadas de posição do agente social. Com isso as noções de *habitus*, campo e capital são elaboradas oportunizando uma visão global do meio social a partir da noção de espaço social. A partir disso, a proposta desta pesquisa dissertativa possui como objetivo demonstrar a inter-relação da tríade de noções: *habitus*, campo e capital. No intuito de alcançar esse objetivo, inicialmente se propõe a contextualização do espaço-tempo do pensamento bourdieusiano, seguido da apresentação isolada de cada noção para finalizar com o levantamento dos pontos que auxiliam a demonstração da inter-relação da tríade das noções bourdieusianas.

Palavras-chaves: Pensamento relacional. Teoria da prática. *Habitus*. Campo. Capital.

RÉSUMÉ

La construction théorique du philosophe et sociologue français Pierre Bourdieu a pour point de départ les inégalités existant dans la réalité sociale. Afin de comprendre la réalité sociale et la position de l'individu face à celle-ci, l'auteur construit une théorie visant à dépasser la dichotomie des théories subjectives et objectives en vogue à l'époque qui était la sienne. Adoptant la pensée relationnelle comme fil rouge de la théorie nommée le constructivisme structuraliste ou le structuralisme constructiviste, l'auteur propose de faire ressortir des recherches empiriques le sens pratique des actions des agents sociaux. Cette proposition présente une théorie de la pratique ou une praxéologie pour laquelle la pratique est le moteur des positions, des dispositions et des prises de position de l'agent social. Les notions d'*habitus*, de champ et de capital sont alors élaborées fournissant une vision d'ensemble du milieu social à partir de la notion d'espace social. Ainsi, cette recherche vise à montrer l'interrelation dans la triade des notions: *habitus*, champ et capital. Pour ce faire, on propose d'abord de situer dans son contexte espace-temps la pensée bourdieusienne, pour ensuite présenter chaque notion séparément, avant de relever, enfin, les points permettant de mettre évidence l'interrelation des notions bourdieusiennes dans la triade.

Mots-clés: Pensée relationnelle. Théorie de la pratique. *Habitus*. Champ. Capital.

ABSTRACT

The starting point of French philosopher and sociologist Pierre Bourdieu's theoretical construct are inequalities in social reality. In seeking to understand social reality and the individual's position in it, the author develops a theory aimed at overcoming the dichotomy between the subjectivist and objectivist theories of his time. Taking relational thinking as a guide to the theory identified as structuralist constructivism or constructivist structuralism, the author proposes to highlight from empirical research the practical sense in the actions of social agents. This proposal results in a practice theory or praxeology, in which practice is the driver of positions, dispositions and position-taking by social agents. Thus, the concepts of *habitus*, field and capital are developed to provide an overview of the social environment from the notion of social space. On these grounds, the aim of this dissertation is to demonstrate the interrelationship between the triad of concepts: *habitus*, field and capital. In order to achieve this goal, it proposes an initial contextualization of the Bourdieusian thought in space-time, followed by an independent presentation of each concept, and finally a survey of the points which help demonstrate the interrelations between the triad of Bourdieusian concepts.

Keywords: Relational Thinking. Practice Theory. *Habitus*. Field. Capital.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 O ESPAÇO-TEMPO DE PIERRE BOURDIEU: CONTEXTOS HISTÓRICO E INTELLECTUAL	23
2 TEORIA DA PRÁTICA E AS NOÇÕES DE <i>HABITUS</i>, CAMPO E CAPITAL	49
2.1. A NOÇÃO DE <i>HABITUS</i> E A MEDIAÇÃO COM O MEIO SOCIAL	54
2.1.1 <i>Habitus</i> : uma breve trajetória do conceito.....	54
2.1.2 O <i>habitus</i> bourdieusiano	57
2.2 NOÇÃO DE CAMPO	62
2.3 O CAPITAL BOURDIEUSIANO	68
2.3.1 Capital cultural, capital social e capital simbólico.....	71
3 A INTER-RELAÇÃO DAS NOÇÕES <i>HABITUS</i>, CAMPO E CAPITAL	76
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	98

INTRODUÇÃO

“[...] dans l'impensable d'une époque il y a tout ce que l'on ne peut pas penser faute de dispositions éthiques ou politiques inclinant à le prendre en compte et en considération mais aussi ce que l'on ne peut pas penser faute d'instruments de pensée tels que problématiques, concepts, méthodes, techniques [...]”¹

A teoria social bourdieusiana propõe-se pesquisar as desigualdades engendradas no mundo social a partir da elaboração de um constructo teórico, cujo ponto de partida é a superação da dicotomia entre o subjetivismo e o objetivismo das teorias sociais. Com esse objetivo, Pierre Bourdieu (1931-2012) se empenha em rastrear, por meio da realização de pesquisas teóricas e empíricas, os mecanismos de reprodução e de dominação sociais presentes no meio social. Ao propor uma teoria alicerçada em pesquisas empíricas, o objetivo não se restringiu à proposta teórica de superação das dicotomias, mas cumpriu igualmente com o ensejo de fornecer à sociologia uma base científica. Assinalam-se, portanto, duas vertentes de análise e interpretação possíveis, as quais se encontram entretecidas na obra bourdieusiana: a construção de uma ciência sociológica e uma teoria social. Na presente dissertação, no entanto, será contemplada a teoria social em detrimento da construção da ciência sociológica. Tal escolha justifica-se pelo objetivo principal de interesse investigativo, a saber, abordar a tríade de noções *habitus*, campo e capital com o intuito de demonstrar sua inter-relação. O objetivo encontra-se alicerçado nas diversas ocasiões que o autor² faz referência à necessidade de considerar a tríade de noções em conjunto e não de forma isolada. A insistência do autor cumpria com a intenção de alertar para a necessidade de considerar essa perspectiva ao empreender o estudo de sua teoria para melhor compreendê-la.

¹BOURDIEU, P. *Le sens pratique*. Paris: Les Éditions Minuit, 1980. p. 14. Tradução nossa: “[...] no impensável de uma época, existe tudo o que não se pode pensar por falta de disposições éticas ou políticas que permitam a levá-lo em conta e em consideração, mas também o que não se pode pensar por falta de instrumentos de pensamento tais como problemáticas, conceitos, métodos, técnicas [...]”

²Destacamos a seguinte colocação: “Las mencionadas nociones de habitus, campo y capital pueden ser definidas, pero solo dentro del sistema teórico que constituyen, no de manera aislada.” In: BOURDIEU, P & WACQUANT, L. *Una invitación a la sociología reflexiva*. Siglo XXI editores, 2002. p.133.

Com a finalidade de alcançar esse objetivo, esta dissertação encontra-se estruturada em três capítulos. Assumindo a concepção de que ao estudar um autor é pertinente contextualizá-lo, sobretudo quando sua obra não é tradicional no campo filosófico ³, a proposta do primeiro capítulo cumpre com o objetivo de contextualizar o espaço e o tempo em que o referido autor realizou sua formação intelectual, a partir da qual se fará a introdução do seu pensamento. Formado filósofo pela *École normale supérieure*, nos anos cinquenta, Bourdieu participa das discussões propostas pelo existencialismo sartriano aproximando-se também das discussões propostas pela epistemologia histórica ou filosofia da ciência francesa. Ciente da complexidade da proposta e dado os limites de uma dissertação, o recorte realizado no tempo cumpre o propósito de inserir o leitor no campo filosófico francês nos anos entre guerras do século XX. Durante esse período e nos anos seguintes, as discussões filosóficas sofreram a influência dos acontecimentos sociais e políticos. Tais acontecimentos promoveram rupturas com a tradição filosófica, ao incluir no campo de investigação filosófica temas como a vida cotidiana, o homem concreto, a guerra, a sociedade, a política, conjuntamente com o questionamento do papel social do intelectual, promovendo uma profícua discussão entre filosofia, política e sociedade.

Cumprindo com a finalidade de realizar essa inserção, apresentar-se-á brevemente a *École normale supérieure*, palco principal da efervescência intelectual naquele período. A sua relevância na sociedade francesa deve-se ao objetivo para a qual fora constituída: a formação de uma elite intelectual francesa. Assim, as discussões engendradas dentro e a partir da reconhecida instituição possibilitaram a formação de relevantes escolas de pensamento ao longo de sua existência, às quais Bourdieu esteve exposto tanto por meio da aquisição do conhecimento à época de sua formação como também pela convivência com as principais discussões e seus respectivos representantes desse período. Além disso, essa experiência permitiu-lhe realizar uma análise

³A maioria dos trabalhos de dissertação e teses, assim como artigos, publicações de livros e pesquisas a respeito da obra bourdieusiana ocorrem, prioritariamente, no campo da sociologia. No entanto, nos últimos dez anos, pesquisas no campo filosófico tanto na Europa como no Brasil tem sido publicadas ora ressaltando aspectos de sua teoria, ora rastreando os autores recepcionados pelo autor ou analisando a obra como um todo sob o viés filosófico.

fecunda do sistema escolar francês, um dos eixos mais conhecidos de sua pesquisa, consolidando-o definitivamente no campo intelectual.

A adoção da proposta de Frédéric Worms, especificamente de seu livro, *La philosophie en France au XXe siècle. Moments*. (2009) para apresentar as principais discussões ocorridas nos anos cinquenta e sessenta deve-se à proposta de apresentar a filosofia francesa contemporânea a partir da noção de momentos e de rupturas. A proposta parece-nos interessante do ponto de vista da visualização do movimento sincrônico ocorrido no cenário intelectual durante esse período. Compreende-se que ao realizá-la, o autor mostra-nos a rede de discussões filosóficas existentes em determinados momentos, cuja predominância se modificava com a modificação do problema filosófico. Essa modificação, no entanto, permitia a emergência à cena filosófica de discussões as quais se encontravam presentes à margem do cenário intelectual no momento anterior. O interesse dessa proposta recai na possibilidade de assimilar a dinâmica do cenário intelectual do qual Bourdieu não somente participou, mas a partir do qual ergueu os alicerces de sua teoria. Para cumprir com o objetivo da contextualização ressaltar-se-á, sobretudo, as duas principais correntes filosóficas presentes à época de sua formação: o existencialismo sartriano e o estruturalismo levistraussiano. A partir da apresentação dos principais pontos de discussão empreendidos por essas duas vertentes do pensamento filosófico ocidental, torna-se possível introduzir o pensamento bourdieusiano. Assumindo uma postura crítica em relação ao estruturalismo e ao existencialismo, o autor assimila de ambas correntes filosóficas aspectos que lhe permitiram propor uma teoria social denominada construtivismo estruturalista ou estruturalismo construtivista.

A contextualização do primeiro capítulo e a identificação da proposta teórica bourdieusiana permite-nos abordar as noções *habitus*, campo e capital de maneira separada no segundo capítulo como forma de demonstrar a peculiaridade de cada uma delas e, assim, alicerçar o terceiro capítulo. Considerando o senso prático como ponto convergente dessas noções, apresentamos a teoria da prática ou praxiologia como ponto de partida do referido capítulo. A prática bourdieusiana adquire *corpus* teórico a partir das ações dos agentes, as quais se tornam foco de atenção desde as primeiras

pesquisas realizadas em Cabília, Argélia e no Béarn, cidade do interior francês. Apresentada, sobretudo em duas obras, *Esquisse d'une théorie de la pratique* (1972) e em *Le sens pratique* (1980), a teoria da prática parte da análise das práticas ritualísticas, para elaborar uma teoria que pudesse superar o objetivismo e o subjetivismo focalizados na antropologia levi-straussiana e no existencialismo sartriano respectivamente. Compreender o senso prático das ações dos agentes sociais pode ser considerado como fundamental para, então, compreender a tríade de noções e a relação agente social e meio social.

O *habitus* bourdieusiano é uma das noções mais pesquisadas de sua obra, percebendo-se pelos inúmeros artigos, análises e estudos publicados a respeito do mesmo. O percurso filosófico dessa noção teve início, sobretudo com Aristóteles na “Ética a Nicômano”, sob a denominação de *hexis*, noção mais tarde traduzida por *habitus* na “Suma Teológica” no século XIII, por São Tomás de Aquino. A denominação de *habitus*, portanto, é o termo que permanece na modernidade sendo utilizado por diversos pensadores, entre os quais destacamos Émile Durkheim e Marcel Mauss. Conhecedor e estudioso desses autores, a noção de *habitus* vê-se esboçada na obra bourdieusiana desde as primeiras pesquisas etnológicas dos anos sessenta. No entanto, é no estudo da obra “Arquitetura Gótica e Escolástica: sobre a analogia entre arte, filosofia e teologia na Idade Média (1951)”, de Erwin Panosfki que Bourdieu encontra o caminho para consolidar tal concepção. Valendo-se do estudo de Panosfki, o autor elabora sua própria noção de *habitus*, conferindo-lhe uma concepção peculiar, cuja relevância em sua obra é indiscutível. Tradicionalmente compreendido como o resultado de ações reflexivas formadoras de condutas iguais tornadas automáticas e inconscientes, o *habitus* bourdieusiano carrega consigo a tradição do termo, superando-a. Noção complexa de sua teoria, ponto mediador entre agente e campo, estrutura estruturante e princípio gerador e disposicional, o *habitus* cumpre com a função teórica de estabelecer uma relação dialética entre agente social e meio social.

A despeito de aparecer em sua obra desde a década de sessenta em artigos referentes ao campo intelectual, a noção de campo somente é consolidada como categoria de análise na obra “As Regras da Arte: Gênese e estrutura do campo literário (1992)”, com a análise da formação do campo

literário francês no século XIX. O campo bourdieusiano é compreendido como microcosmos sociais a partir da concepção de mundo social como espaço social. Partindo da pesquisa do campo literário, Bourdieu busca estabelecer as leis invariantes com as quais é possível analisar os diversos campos sociais constituintes do espaço social. A adoção da noção de campo permite ao autor configurá-la como um espaço de lutas e de conflitos, cuja força repulsora e atrativa introduz os agentes em um espaço de permanente jogo em busca da aceitação e do reconhecimento. Disto decorre a introdução de elementos como *nomos*, *doxa* e *illusio*, os quais são concebidos como sendo elementos constituintes dos campos sociais. Na elaboração da teoria social bourdieusiana, a busca pela introdução do agente, por sua vez, exigiu a introdução da noção de capital, com o objetivo de fornecer um elo às noções de *habitus* e campo. Tal noção refere-se ao meio pelo qual as relações de dominação e reprodução do mundo social são constituídas. Considerada pelo autor como a força impulsora das relações estabelecidas entre *habitus* e campo, a noção de capital fornece tanto aos campos sociais como aos agentes sociais a matéria prima por meio da qual se estabelecem as relações de força e de luta seja para conservar o *status quo* do campo seja para modificá-lo. Valendo-se da noção de capital existente nas teorias sociais, mas discordando da redução das desigualdades sociais ao capital econômico, Bourdieu amplia essa noção incorporando a esse último, o capital social, cultural e simbólico.

A apresentação isolada das noções cumpre com o objetivo de nos conduzir ao terceiro capítulo, no qual tecemos as ligações existentes entre a tríade de noções de maneira que nos permita afirmar a inter-relação das mesmas. É relevante ressaltar a assunção do pensamento relacional do estruturalismo na construção da teoria bourdieusiana. A assunção desse modo de pensamento é fundamental na obra do autor, pois lhe permite analisar o meio social a partir das relações invisíveis que o compõem. Preocupado em relevar os mecanismos de reprodução e a possibilidade de transformação das desigualdades sociais, o autor parte de uma concepção agonística da realidade social para elaborar a sua concepção de espaço social. Para uma melhor compreensão de nossa proposta investigativa, introduzimos a noção de espaço social como o ponto de partida para a discussão proposta. A noção de espaço

social bourdieusiana é apresentada no início de seu percurso teórico, incorporando-a à noção de campo, o que lhe permitiu apresentar uma visão global do espaço social. Essa visão possibilita-nos assimilar a dinâmica das interações e do movimento da sociedade, relevando uma visão tensional entre determinismo e não determinismo social. Além disso, permite-nos traçar os elos entre as noções de maneira que sua inter-relação possa ser demonstrada. A partir disso almejamos chegar à conclusão tecendo problematizações decorrentes da presente pesquisa. No entanto, convém ressaltar que a proposta desta dissertação visa a obra bourdieusiana no que diz respeito ao tema proposto. Significa relevar que o estudo está direcionado ao rastreamento dos elementos na obra do autor que possam alicerçar tal objetivo. Com isso gostaríamos de alertar que não será tratada a obra como um todo e nem serão feitas relações e correlações com outros autores.

Pierre Bourdieu encontra-se entre os grandes pensadores do século XX, deixando como legado uma vasta obra entre livros, artigos, entrevistas, emissões radiofônicas e televisivas e conferências. Internacionalmente reconhecido, o pensamento bourdieusiano têm propiciado desde o início de seu percurso intensos debates, interpretações e críticas, mas igualmente permitindo pesquisas nos mais diversos domínios do conhecimento contemporâneo entre os quais citamos alguns: história, administração, turismo, relações internacionais, diplomacia, nutrição, direito, economia, psicologia. Por um lado, tal amplitude sinaliza a versatilidade de um pensamento ainda não esgotado pelo tempo, por outro lado sinaliza que o mesmo não se deixa encerrar em classificações apressadas e, na maioria das vezes, restritas. Ao contrário, instigado pela necessidade de compreender a realidade social na qual estamos inseridos, Bourdieu oferece uma ampla pesquisa teórica e empírica realizada ao longo de quarenta anos de estudo e dedicação, permitindo-nos ter uma noção a respeito da procura incessante do autor em desvelar, nos mais variados campos sociais, os mecanismos de reprodução das desigualdades sociais.

No que diz respeito à trajetória intelectual bourdieusiana, pode-se colocar que esteve alicerçada em uma carreira profícua como docente, como pesquisador e teórico e, nos últimos anos de sua vida, como intelectual engajado nos movimentos sociais surgidos contra a política neoliberal implementada pelo governo francês na década de noventa. A assunção desse posicionamento lhe gerou duras críticas e ataques pessoais⁴, mas também lhe permitiu colocar em prática a atuação do intelectual coletivo. O resultado disso é a criação coletiva da editora *Raison d'Agir*, cujo objetivo é disponibilizar investigações políticas e sociais a respeito dos problemas da época a serviço dos movimentos de resistência às políticas neoliberais⁵. Além disso, possibilitou-lhe organizar a criação de uma rede internacional de pesquisadores e grupos de pesquisa com o intuito de intercambiarem os estudos realizados a respeito de variados temas a fim de serem divulgados tanto na França como em outros países. Contudo, convém ressaltar que o posicionamento político assumido não se restringe à severa crítica da política neoliberal, mas a crítica também se estende à esquerda francesa, a qual considera distanciada das causas que motivaram sua existência⁶. Com isso, buscamos salientar que o

⁴“Duas citações permite-nos perceber a reação ao engajamento político do autor: “Desde las huelgas de 1995, las intervenciones públicas de Pierre Bourdieu han sido objeto de condena, a veces violenta, por parte de los periodistas y de los intelectuales mediáticos cuyo poder analiza en sus textos sobre la televisión y el periodismo.” In: POUPEAU, F. & DISCIPOLO, T. *Textos y contextos de un modo específico de compromiso político*. In: BOURDIEU, P. **Intervenciones 1961-2001. Ciencia Social y Acción Política**. Hondarriba: Editorial Hiru, 2004. p.11; “[...] os ataques a Bourdieu são de 1995, são de uma violência incrível. [...] Era muito violento e, ao mesmo tempo, era de uma grande efervescência.” In: GARCIA, A. & PESSANHA, E. *Encontros com Pierre Bourdieu e com sua obra: Entrevista com Gisele Sapiro*. Tradução de Eduardo Dimitrov e Maíra M. Volpe. **Sociologia&Antropologia**, Rio de Janeiro, v.3, p. 11-42, jun. 2013. Disponível em: <http://revistappgsa.ifcs.ufrj.br>. Acesso em 15 março 2016.

⁵“El grupo de trabajo de Raison d'Agir, que constituimos inmediatamente después de las huelgas de diciembre para tratar de realizar de manera práctica esta especie de 'intelectual colectivo', que desde hace años apelo para que se constituya, nació de la preocupación por producir los instrumentos de una solidaridad práctica entre los intelectuales y huelguistas. Nos hemos reunidos regularmente y pensamos sacar libritos baratos en los que se presentarán los resultados de la investigación más avanzada sobre un problema político, social o cultural importante con, en la medida de lo posible, proposiciones concretas de acción. [...] Así se constituiría poco a poco una especie de gran enciclopedia popular internacional en la que los militantes de todos los países pueden encontrar armas intelectuales para sus combates.” In: BOURDIEU, P. *Retorno a las huelgas de diciembre de 1995*. _____. **Intervenciones, 1961-2001. Ciencia Social y Acción Política**. Textos seleccionados y presentados por Franck Poupeau e Thierry Discepolo. Traducción de Beatriz Morales Bastos. Hondarriba: Editorial Hiru, 2004. p.422.

⁶“Las falsas apariencias de la izquierda plural decepcionan a los votantes de izquierda, desmovilizan a los militantes, envían a la extrema izquierda los más exasperados. Apenas sorprende que los primeros en protestar hayan sido los primeros estafados por la demagogia

autor assumia no engajamento político a mesma posição que assumia perante as escolas de pensamento e os diversos autores que compuseram seu constructo teórico. Em outras palavras, talvez seja possível colocar que Bourdieu se manteve vinculado tanto na política como na pesquisa ao interesse investigativo que impulsionou sua vida intelectual, qual seja, a busca pela superação da visão dicotômica da sociedade a fim de rastrear os mecanismos de reprodução e possibilidades de transformação das desigualdades existentes no mundo social.

Dotado de um estilo peculiar, com um acentuado espírito crítico e inconformista e uma personalidade combatente, a construção de sua teoria se alicerça em *modus operandi* singular. Tal *modus operandi* de certa maneira acaba transformando-se em obstáculo para os estudiosos de sua obra. Mauger refere-se ao estilo de sua escrita como um obstáculo possível de ser superado desde que seu estilo seja compreendido como sendo a expressão de um pensamento que busca “[...] restituir a complexidade de uma realidade que se esforça para se tornar inteligível [...]”⁷. Além disso, o autor acrescenta a relevância de considerar que o estilo bourdieusiano encontra-se ancorado em um pensamento reflexivo dotado de uma vasta cultura e de uma imaginação sociológica incomum. Portanto, pode-se depreender disso que o esforço bourdieusiano resulta em um método de trabalho alicerçado na busca pela resposta do problema que se propõe pesquisar. Valendo-se de uma sólida formação filosófica acrescida do interesse pela pesquisa empírica encontrada na antropologia estruturalista, pode-se colocar que Bourdieu se mantém fiel à problemática que o motiva a empreender a construção de sua teoria desde o início de sua trajetória intelectual.

Ao comentar seu *modus operandi*, o autor faz referência a uma espécie de senso filosófico como sendo o fio condutor para a escolha de pensadores os

plural de una izquierda verdaderamente singular: los sin-papeles, los parados, los docentes.” In: BOURDIEU, P. *Por una izquierda de izquierda*. In: _____. **Intervenciones, 1961-2001. Ciencia Social y Acción Política**. Textos seleccionados y presentados por Franck Poupeau e Thierry Discepolo. Traducción de Beatriz Morales Bastos. Hondarribia: Editorial Hiru, 2004. p. 449.

⁷Tradução nossa. No original: “[...] restituer la complexité d'une réalité qu'il s'efforce de rendre intelligible [...]”. In: MAUGER, G. **Lire Pierre Bourdieu**. Disponível em: http://psychanalyse.com/pdf/LIRE_PIERRE_BOURDIEU_RAISONS_D_AGIR_GERARD_MAUGER_4PAGES.pdf. Acesso em: 18 mar 2016.

quais pudessem responder às inquietações intelectuais visadas na construção de sua teoria.⁸ Assim, encontra-se em seus textos uma ampla gama de autores, às vezes contraditórios como a presença de Max Weber e Karl Marx, por exemplo. As escolhas, portanto, não são feitas por escolas de pensamento, mas obedece ao que denomina de *pensar com e contra um autor*,⁹ o que significa compreender que na construção teórica, Bourdieu vale-se dos autores como pontos de referência buscando os vínculos invisíveis que os aproxima para fazer deles uma síntese. De tal maneira compõe seu arcabouço teórico. Além disso, a introdução de um léxico de várias áreas de conhecimento, o uso de oxímoros, a adoção de termos filosóficos tradicionais, parágrafos longos e escritos muitas vezes em espiral tornam sua escrita muitas vezes densa e de difícil compreensão. Acrescenta-se o uso de termos presentes na tradição filosófica como *illusio*, *doxa*, *nomos*, entre outros, os quais podem induzir a enganos, pois na mão do autor adquirem um novo entendimento. Tais considerações apontam para os obstáculos a serem superados no momento em que se aceita enfrentar o estudo dessa teoria.

A recepção internacional da obra ocorre de maneira paulatina a partir do final da década de setenta, consolidando-se na década de noventa. Sapiro¹⁰ considera esse tempo como sendo o auge de sua internacionalização, promovendo amplas discussões de suas ideias em países não ocidentais, como é o caso do Japão. Os cursos, conferências, workshops, seminários, aulas e a traduções de seus livros para diversas línguas provocaram no autor o questionamento a respeito da possibilidade de transposição de seus conceitos para outros países. A questão que se impôs com isso, no fundo, se relacionava à questão do particular e do universal assimilados na preocupação com a

⁸HONNETH, A.; KOCYBA, H.; SCHWIBS, B. *The Struggle for Symbolic Order. An Interview with Pierre Bourdieu. Theory, Culture & Society*, v.3, n.3, p. 35-51, nov.1986.

⁹“And yet, these were utterly artificial oppositions. I believe it is possible to think *with* a thinker and to think, at the same time, *against* him or her. This means that, in a radical way, we have to challenge the classificatory, and hence political, logic in which – almost everywhere – relations with the thoughts of the past are established.” In: Bourdieu, P. ; Schultheis, F. & Pfeuffer, A. *With Weber Against Weber: Conversation With Pierre Bourdieu*. Translate by Simon Susen. In: SUSEN, S. & TURNER, B.S. *The Legacy of Pierre Bourdieu: Critical Essays*. London: Anthem Press 2011.p.114.

¹⁰GARCIA, A. & PESSANHA, E. Encontros com Pierre Bourdieu e com sua obra: Entrevista com Gisele Sapiro. Tradução de Eduardo Dimitrov e Maíra M. Volpe. *Sociologia&Antropologia*, Rio de Janeiro,v.3, p. 11-42, jun. 2013. Disponível em: <http://revistappgsa.ifcs.ufrj.br>. Acesso em 15 março 2016.

apropriação do conhecimento advindo de pesquisas regionais e o quanto das mesmas pode ser assimilado em outras culturas. No entanto, a abrupta interrupção por ocasião de seu falecimento não lhe permitiu avançar nesse sentido.

A referência à internacionalização da obra cumpre com o objetivo, ainda que breve, de destacar a recepção brasileira entre os vários países que a recepcionaram. A introdução das obras bourdieusianas no Brasil pode ser localizada no final da década de sessenta com a tradução de dois artigos publicados em duas coletâneas: “Problemas do estruturalismo” (1968) organizada por Jean Pouillon e “Sociologia da Juventude” (1968) organizada por Sulamita de Brito. Na década de setenta é traduzida a antologia “A economia das trocas simbólicas”, publicada em 1984, organizada por Sérgio Miceli, ocorrendo igualmente a tradução da obra “A Reprodução” no ano seguinte. Segundo Catani, Catani e Pereira¹¹, a conhecida dificuldade do autor associada à necessidade acadêmica de encontrar meios contra o momento político brasileiro deixou o pensamento bourdieusiano afastado de outras áreas e de outras possibilidades de pesquisa, mantendo-se restrito à antropologia e à sociologia.¹² Além disso, o fato de obras apontarem para um pensamento altamente crítico do campo educacional, naquele momento foi entendido como um pensamento com uma acentuada tendência reprodutivista e, com isso, politicamente limitada.

Ao estudarem a recepção brasileira de sua obra por meio da publicação em periódicos, os autores assinalam três momentos diferentes de apropriação do pensamento bourdieusiano: incidental, caracterizado por citações e referências rápidas; conceitual tópico, caracterizado pela utilização não sistemática de conceitos e de citações para reforçar argumentos ou resultados

¹¹CATANI, A. M.; CATANI, D. B. & PEREIRA, G. R de M. As apropriações da obra de Pierre Bourdieu no campo educacional brasileiro através de periódicos da área. **Rev. Brasileira de Educação**, n.17, p. 63-65, mai/jun/jul/ago 2001. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27501706ER> . Acesso em 20 março 2016.

¹²Ao referir-se a esse período, Ortiz coloca que a proposta bourdieusiana alicerçada no estruturalismo e na epistemologia histórica francesa o afastava do interesse acadêmico brasileiro daquele momento alicerçado no marxismo e no existencialismo sartriano. In: ORTIZ, R. Nota sobre a recepção de Pierre Bourdieu no Brasil. **Sociologia&Antropologia**, Rio de Janeiro, v.3, p.81-90, jun. 2013. Disponível em: <http://revistappgsa.ifcs.ufrj.br>. Acesso em 20 março 2016.

de pesquisas e a apropriação de um modo de trabalho, caracterizada pelo uso sistemático das noções e dos conceitos. Tal situação se modifica com o fim do regime militar e a abertura democrática ocorrida na década de oitenta, a qual também se reflete na academia. Portanto, uma nova mudança na recepção da obra é percebida na década de noventa, quando os autores apontam para uma preocupação maior com o *corpus* teórico bourdieusiano, propiciando um passo adiante na apropriação de sua teoria. Da mesma maneira que as pesquisas antes restritas a antropologia e a sociologia passam a ser incorporadas na educação. A partir desse período, portanto, os estudos ancorados na teoria bourdieusiana assinalam uma maior familiaridade com a obra, na medida em que incorporam outros artigos e contribuições do autor.

Os desafios impostos pela complexidade de seu pensamento, no entanto, continuam sendo um convite ao pensar e ao investigar, instigando pesquisadores brasileiros e estrangeiros a enfrentarem o duro constructo teórico que desenvolveu, o qual combina uma alta exigência acadêmica, disciplina e motivação constantemente renovada pelo interesse em desvelar de sua teoria o impensado de seu pensamento. Convém ressaltar que as considerações aqui apresentadas cumprem com o objetivo de realizar uma breve apresentação do estilo bourdieusiano de pensar e de tecer pensamentos.

1 O ESPAÇO-TEMPO DE PIERRE BOURDIEU: CONTEXTOS HISTÓRICO E INTELECTUAL

*Comprendre, c'est comprendre d'abord le champ avec lequel on s'est fait.*¹³

Partindo do pressuposto que uma teoria é elaborada à luz do tempo no qual se encontra inserida o intelectual que a elabora, é relevante contextualizar o espaço e o tempo em que ocorre a formação intelectual como forma de retratar minimamente a rede de discussões sociais e políticas que alimentam e transformam inquietações em complexos constructos teóricos. Abordar o contexto no qual um pensador se forma intelectualmente implica em realizar um recorte histórico e também em apresentar o ambiente institucional no qual sua formação ocorreu como tela de fundo para apresentar as discussões teóricas as quais se expôs e a partir das quais constrói seu pensamento, principal objetivo deste capítulo. Especificamente no caso francês, a contextualização do ambiente acadêmico da década de cinquenta em conjunto com as correntes filosóficas que ali dialogavam e disputavam espaço institucional e social, pode-se dizer, constitui-se em uma chave de leitura significativa dos pensadores franceses desse período. Assim, no sistema educacional francês destacamos a *École normale supérieure*, instituição na qual Pierre Bourdieu realizou sua formação inicial e a partir da qual adentra no campo intelectual.

A década de cinquenta na França é uma década de intensos debates sociopolíticos e filosóficos. A efervescência de um país em plena reconstrução no período do pós-guerra pode ser percebida em três eixos: no crescimento econômico, na instauração de um Estado voltado para o bem-estar social e na expressiva ebulição política e cultural¹⁴. No entanto, no mesmo período, a sociedade francesa é confrontada com outra realidade: o descontentamento das colônias francesas e a sua luta pela independência. Entre as colônias em ebulição, salienta-se a Argélia. A guerra com a Argélia estendeu-se ao longo

¹³BOURDIEU, P. *Esquisse pour une auto-analyse*. Paris: Raison d'Agir, 2004. p.15. Tradução nossa: "Compreender, é compreender primeiro o campo no qual a gente se faz."

¹⁴Lane refere-se a esse período como sendo o momento no qual a França crescia sob a lente dos Trinta Gloriosos. In: LANE, J. *Pierre Bourdieu. A Critical Introduction*. London: Pluto Press, 2000.p.34-35.

de oito anos promovendo intensos debates políticos, problemas econômicos e humanitários. Ao longo desse período o envolvimento tanto de intelectuais como da sociedade civil em prol do seu fim ocorreu de maneira paulatina, porém relevante até a obtenção do reconhecimento da independência argelina. Acrescenta-se ainda que esses acontecimentos locais encontram-se tecidos à luz da Guerra Fria (1945-1991), cuja divisão do mundo em dois blocos, comunismo e capitalismo, faz-se sentir nas relações intra e interinstitucionais da academia francesa.

O breve panorama dessa época visa situar-nos no intenso momento que a *École normale supérieure* vivenciava em seu interior. Autores¹⁵ ao retratarem esse período referem-se ao ambiente da instituição como sendo um ambiente no qual o estudo da filosofia incluía viver a filosofia. Grenfell¹⁶, ao abordar o clima intelectual desses anos, destaca o fato da geração dos anos cinquenta ser ávida pela cultura, pela racionalidade e pela história, buscando um caminho novo na investigação filosófica. Ao colocarmos a vivacidade desse ambiente buscamos compreender que as discussões a respeito dos acontecimentos da época não se limitavam a sala de aula ou aos corredores da instituição. Significa compreender que os encontros transcendiam os muros institucionais levando tanto alunos como professores para outros espaços sociais. Nesse sentido, Baring¹⁷ refere-se ao entorno da *Sorbonne*, da *École normale supérieure*, do *Collège de France* e da *École Pratique des Hautes Études*, no qual se incluem os cafés, restaurantes e clubes de jazz, como sendo os espaços em torno dos quais ocorriam os encontros e desencontros intelectuais, propiciando amplas discussões, filiações e rompimentos teóricos e pessoais. A relevância disso consiste em mostrar o amplo movimento que ocorria àquela época, na qual confluíam filosofia e sociedade. Em relação a isso, o autor esclarece¹⁸, “[...] estudantes e professores atribuíam significância filosófica às

¹⁵ Refiro-me à Marie-Anne Lescourret, Edward Baring, mas também pode ser visto em Alan Shrift os quais se referem à agitação que os *normaliens* e seus mestres vivenciavam no interior da *École normale supérieure* nos anos cinquenta.

¹⁶ GRENFELL, M. *Pierre Bourdieu Agent Provocateur*. London: Continuum, 2004. p.13-16.

¹⁷ BARING, E. *The young Derrida and French philosophy, 1945-1968*. New York: Cambridge University Press, 2011. p. 1-5.

¹⁸ Tradução nossa. No original: “[...] students and teachers attributed philosophical significance to broader social and political trends, while political disputes seeped into academic exchange.” In: BARING, E. *The young Derrida and French philosophy, 1945-1968*. New York: Cambridge University Press, 2011.p.3.

vastas tendências sociais e políticas, enquanto que disputas políticas eram filtradas por intercâmbios acadêmicos”.

A *École normale supérieure* pertence às *Grandes Écoles* francesas. As *Grandes Écoles* francesas¹⁹ são compostas por um grupo de instituições de ensino voltadas para áreas específicas do conhecimento: humanidades, ciências sociais, engenharia, *business* e assuntos civis. O conjunto de instituições busca uma formação de alto nível, cujo objetivo é formar a elite intelectual e científica francesa. Condição a qual confere à referida instituição a característica de escola elitista, alvo de discussões nos anos sessenta e de consequentes reformulações ao longo do tempo de sua existência, sobretudo no século XX. Instituição tradicional, a sua fundação data do ano 1794, marcada desde o início pelo reconhecimento de uma instituição de excelência intelectual. Como decorrência disso, o processo seletivo se caracteriza por sua alta exigência na preparação dos candidatos, os quais disputam as poucas vagas disponíveis aumentando não somente o nível da exigência, mas também restringindo o número de alunos aprovados. Assim, têm-se o destaque social de um pequeno e seleto grupo de alunos.

Nos anos cinquenta, o grupo de *normaliens* frequentava um ambiente institucional de estreitas amizades e intensas rivalidades, cujo espaço abrigava jovens de diversas regiões francesas e de diversos posicionamentos políticos e filosóficos. Salienta-se o objetivo do Estado francês em formar uma elite intelectual alicerçada na meritocracia. O interesse dos dirigentes, portanto, era proporcionar igualdade de condições para que cada um pudesse se desenvolver conforme seu mérito e independente de sua origem social. Em relação a essa questão, Grenfell²⁰ nos recorda que a educação na França no período do pós-guerra era vista como a chave principal na construção de um novo país. Portanto, a geração desse período via na educação o caminho para o crescimento social, profissional e pessoal. A relevância dessas colocações

¹⁹Schrift refere-se às seguintes instituições: *École National des Ponts et Chaussés*, *École de Mines*, *École Centrale*, *École Polytechnique*, *École de Gestion et de Commerce*, *École National d'Administration*, *Institut d'Études Politiques (Sciences Po)* e a *École Normale Supérieure*. In: SCHRIFT, A.D. *Twentieth-Century French Philosophy Key Themes and Thinkers*. London: Blackwell Publishing Ltd., 2006.p.195. Além disso, é relevante colocar que a *École normale supérieure* congrega quatorze departamentos de pesquisa divididos em duas grandes áreas: humanidades e ciências.

²⁰GRENFELL, M. *Pierre Bourdieu Agent Provocateur*. London: Continuum, 2004. p. 16-18.

consiste em compreender a importância social que detinha a admissão na referida instituição, e, portanto, o reconhecimento, por parte da sociedade civil, dos intelectuais ali formados.

A condição elitista da instituição, por sua vez, ocorre em torno de dois níveis diferenciados de hierarquia, a saber, um interno e outro externo. Baring²¹ sublinha o cunho diferenciado da hierarquia estabelecida entre a instituição e o mundo exterior. A hierarquia presente no interior da escola, conforme o autor, não se encontrava alicerçada nas diferenças de classes sociais presentes na sociedade francesa, mas se encontrava na aquisição de conhecimento, a qual promoveu o surgimento de outra classe social: a dos intelectuais. Por outro lado, a distinção entre os *normaliens* com a sociedade em geral percebia-se tanto pela gíria utilizada pelos estudantes – fator de diferenciação entre *normaliens* e *non-normaliens* - como pela existência de uma das poucas restrições presentes na instituição: a circulação e a permanência de *non-normaliens* no ambiente institucional. Portanto, assinala-se o incentivo institucional para a convivência interna entre *normaliens*, restringindo-se veladamente a convivência em relação aos *non-normaliens* e o mundo exterior à instituição. Contudo, essa restrição em relação à sociedade, não se repete em relação ao convívio entre intelectuais. Ao contrário, a instituição propiciava ampla liberdade intelectual, permitindo o intercâmbio tanto entre as diferentes disciplinas como também com as outras instituições filosóficas, entre elas, *Collège de France* e a *École Pratique des Hautes Études*.

O intercâmbio intra e interinstitucional, por sua vez, permitiu o contato com pesquisas desenvolvidas em outros campos e inclusive com a própria filosofia de outras instituições, favorecendo a abertura intelectual para além da formação de origem. As consequências disto podem ser vistas na ruptura com a filosofia vigente e o surgimento de outras correntes filosóficas, assim como a migração de filósofos para outras áreas de conhecimento. Perante o distanciamento entre instituição e sociedade, por um lado, e a relação intrainstitucional, por outro lado, ressalta-se o sentimento de pertencimento a uma elite intelectual proporcionado pela instituição ao mesmo tempo em que se

²¹BARING, E. *The young Derrida and French philosophy, 1945-1968*. New York: Cambridge University Press, 2011.p.85-102.

revelam as diferenças internas advindas das condições e das características das diferentes origens sociais e regionais dos *normaliens*.²²

Ao visualizarmos esse período sublinha-se a divisão interna da instituição, a qual ocorria claramente entre os estudantes vindos do interior e os parisienses. Além disso, as diferenças também ocorriam entre disciplinas, percebendo-se a diferença no convívio entre os alunos do curso de letras com a comunidade científica ou entre os alunos de filosofia em relação aos alunos de sociologia²³, por exemplo. Cumpre ressaltar que a filosofia nesse momento era considerada a rainha das disciplinas em parte devido à grande expressão pública da fenomenologia-existencialista sartriana e, em parte, pela tradição que ocupava no campo do saber, o que provavelmente acentuava um forte sentimento elitista nos filósofos²⁴. Por outro lado, no interior da instituição, as divisões presentes não se limitavam a diferenças de escolas de pensamento, mas incluía também as diferenças políticas vivenciadas na presença de grupos comunistas e de grupos católicos, os quais detinham internamente lutas entre suas respectivas subdivisões. Convém referir a ocorrência de certa dominação por parte daqueles que lideravam o ambiente em determinado momento, pressionando os colegas para aderirem a seu grupo político sob o risco de serem marginalizados. Exemplo disso pode ser visto na colocação que Bourdieu realiza ao referir-se a esse período.

“[...] Mas esse período via também o triunfo do stalinismo. Muitos dos meus colegas, hoje ardorosos anticomunistas eram membros do Partido Comunista. A influência stalinista era forte que alguns de nós na École Normale Supérieure – entre eles Derrida, Bianco, Pariente – formamos um Comitê para a Defesa da Liberdade. Le Roy Ladurie

²²As pesquisas bourdieusianas no campo educacional realizadas na década de sessenta e setenta tinham como alvo, entre outras coisas, demonstrar as inter-relações que compõem o referido campo desmistificando a aparente homogeneidade social por meio da pertença à elite intelectual.

²³Bourdieu, em relação à superioridade da filosofia nessa época, coloca: “perçu par les profanes comme proche par son objet d’une sorte de journalisme, la sociologie est en outre dévaluée par rapport à son allure de vulgarité scientiste, voire positiviste qui ne se voit jamais aussi bien que lorsqu’elle touche aux croyances les plus indiscutées du monde intellectuel [...]” In: BOURDIEU, P. *Esquisse pour une auto-analyse*. Paris: Raison d’agir, 2004. p.28.

²⁴A respeito dessa colocação, vejamos a seguinte citação: “The sense of elitism was particularly strong among the philosophers. In part a result of the success of existentialism, philosophy in the 1950s was the queen of all disciplines, attracting the best and the brightest students.” In: BARING, E. *The younger Derrida and French philosophy, 1945-1968*. New York: Cambridge University Press, 2011. p. 85.

(1982) então denunciou-nos em um encontro do partido na École como 'traidores sociais'.²⁵

Em relação à predominância de determinados grupos, Baring²⁶ destaca os comunistas e os católicos como os dois grupos que marcaram fortemente os anos cinquenta tanto na disputa por espaço como por alunos. Os comunistas, mais voltados para os acontecimentos internacionais daquele momento, disputavam entre si a aderência a posições mais ou menos radicais em relação à teoria marxista e à aderência ao Partido Comunista francês. No que concerne aos católicos, os grupos se dividiam em relação ao posicionamento mais voltado para o posicionamento político mais próximo ou mais distante da esquerda ou aqueles estritamente voltados para a filosofia afastada das discussões religiosas ou políticas. As disputas, por sua vez, influenciavam as escolhas filosóficas, e a predominância de uma sobre outra no cenário intelectual se relacionava, em parte, a aderência a um ou outro grupo²⁷.

No início dos anos 50, a pequena elite do instituto voltado para um alto nível educacional fornecia o espaço onde a pressão social tomava a forma política, e a lealdade política, mais frequentemente do que o oposto demandava lealdade intelectual. Isso demonstrava uma forma extrema de deslocamento da academia em direção ao cotidiano; as condições sociais para a contextualização política da filosofia.²⁸

O cenário do início dos anos cinquenta, entretanto, se modifica à medida que a década avança. A disputa entre os grupos políticos e o desgaste do

²⁵Tradução nossa. No original: “[...] But this period saw also the triumph of Stalinism. Many of my fellow-students who are now hardened anti-communists were then members of the Communist party. The Stalinist influence was so strong that some of us at the École Normale Supérieur – among them Derrida, Bianco, Pariente – formed a Committee for the Defence of Freedom. Le Roy Lauderie (1982) them denounced us at a Party meeting at the École as ‘social traitors’”. In: HONNETH, A; KOCYBA, H. & SCHWIBS, B. *Theory, Culture & Society*, vol.3, n.3, nov./1986.

²⁶BARING, E. *The young Derrida and French philosophy, 1945-1968*. New York: Cambridge University Press, 2011.p.91-107.

²⁷É relevante compreender, portanto, que a filosofia predominante no espaço institucional responde às características de convivência intrainstitucional, as quais se encontram estreitamente relacionadas aos acontecimentos sociopolíticos desse período. Abordar a filosofia francesa dessa época implica em ter como tela de fundo essa visão.

²⁸Tradução nossa. No original: “In the early 1950s, the small elite institute for higher education provided a space where social pressure took on political form, and a political loyalty, more than not, demanded intellectual loyalty. It demonstrates in an extreme form the translation of the academic into to everyday; the social conditions for the political contextualization of philosophy.” BARING, E. *The younger Derrida and French philosophy, 1945-1968*. New York: Cambridge University Press, 2011.p.83.

pensamento filosófico vigente na época, a saber, a fenomenologia existencialista, culminou na migração de *normaliens* para outras disciplinas. Autores²⁹ apontam como possível causa dessa migração a crise instaurada no seio do grupo comunista dominante naquele período, sobretudo, devido às notícias recebidas da ex-União Soviética a respeito das barbáries cometidas no governo stalinista somando-se às notícias a respeito da forte repressão à revolução húngara. Acrescenta-se a essa questão, a guerra pela independência argelina a qual envolveu de maneira geral a sociedade civil francesa, cujas manifestações refletiram na posição política dos intelectuais e estudantes da instituição. Os posicionamentos claramente divididos entre colonialistas e anticolonialistas alicerçados nas posições ideológicas refletem-se na acentuação do descontentamento já existente seja com a politização da vida intelectual, seja pela predominância de uma filosofia considerada transcendental, seja pela conjunção de ambos os fatores em consonância com a busca de uma renovação filosófica já em vigência desde o início do século. Com isso, alguns seguiram a antropologia estrutural, a psicanálise lacaniana, a sociologia, a literatura, entre outros, inaugurando novos caminhos nas pesquisas intelectuais enquanto outros permaneceram na filosofia promovendo sua renovação.

O intenso movimento político no ambiente da *École normale supérieure* encontra-se estreitamente vinculado ao intenso movimento intelectual que ocorria nos anos da guerra e do pós-guerra. Assumindo o pressuposto de que formação intelectual, pertencimento institucional e contexto social e político estão entrelaçadas nas teorias filosóficas, ao contextualizar o pensamento bourdieusiano é preciso apresentar as principais discussões filosóficas do período no qual realizou sua formação. Com este ensejo adotamos a proposta

²⁹SCHRIFT, A. D. *Twentieth-Century French Philosophy Key Themes and Thinkers*. London: Blackwell Publishing Ltd, 2006. p. 40-41; LESCOURET, M.A. *Pierre Bourdieu vers une économie du bonheur*. Paris: Flammarion, 2008. p.42-47.

de Worms³⁰ o qual sugere compreender a filosofia francesa contemporânea por meio de momentos e de rupturas. A proposta do autor visa a destacar na filosofia francesa da primeira metade do século XX, a rede de discussões surgidas em torno de problemas filosóficos entretecidos entre sociedade e política. Tais problemas encontram-se ancorados em obras singulares, cuja singularidade reside na expressão dessa rede de relacionamentos, posicionamentos e debates que configuram cada momento. Acrescenta-se ainda a influência que tais obras ofertam, a qual não pode ser considerada uma influência linear, mas descontínua na medida em que cada momento releva à cena intelectual redes de discussões existentes no momento anterior presentes à margem do cenário intelectual. Com isso, a adoção de tal proposta visa a relevar a confluência dos momentos dos quais Bourdieu participou e a partir dos quais ele surge no cenário intelectual.

Os momentos que interessam para a presente dissertação são denominados pelo autor como “Momento da Segunda Guerra”, cuja abrangência ocorre aproximadamente entre os anos 1930 e os anos 1960 e “Momento dos anos 60” o qual se estende até o momento atual. Compreender a filosofia contemporânea por meio de momentos e rupturas permite-nos visualizar a dinâmica intelectual desse período, o qual inclui a assunção da estreita relação entre filosofia e os acontecimentos da época na qual se situa. Da mesma forma, compreende-se a necessidade do recurso cronológico como ponto de referência sem perder de vista a composição dinâmica do campo do pensamento intelectual. Além disso, essa proposta torna possível visualizar em torno de quais problemas a filosofia ergue seu constructo teórico.

Mas é desde o fim dos anos 20 que se tirará essa lição, confirmando que maiores mudanças na filosofia, não se produzem somente na filosofia (os problemas, os conceitos) nem somente nos acontecimentos extra-filosóficos (científicos, estéticos ou históricos, mesmo a guerra), mas sim na junção entre os dois.³¹

³⁰Compreender a filosofia francesa a partir de momentos e rupturas significa compreendê-la a partir da divisão proposta pelo autor: 1. Momento 1900 e o problema do espírito, representado pela filosofia de Bergson e de Brunschwig; 2. Momento da Segunda Guerra (1930-1960) e o problema da existência e 3. Momento dos anos 60 e o problema da estrutura. In: WORMS, F. **La philosophie em France au XXe siècle. Moments**. Paris:Gallimard, 2009. p.9-19.

³¹Tradução nossa. No original: “Mais c’est bien dès la fin des années 20 que será tirée cette leçon, confirmant que les basculements majeurs, en philosophie, ne se produisent ni dans la philosophie seule (les problèmes, les concepts), ni dans les événements extraphilosophiques

O “Momento da Segunda Guerra” surge e ganha força nos anos trinta por meio da publicação de três manifestações filosóficas: a do filósofo Julien Benda com a publicação de *La Trahison des clercs* em 1927, a de Georges Politzer com a publicação *La Fin d'une parade philosophique: le bergsonisme* em 1929 e a de Paul Nizan com a publicação *Les Chiens de garde* em 1932. O teor dessas publicações visava aos filósofos Henri Bergson e Léon Brunschvicg proeminentes naquele momento na academia francesa, cujo posicionamento foi alvo da contundente acusação de traição pelo filósofos acima citados. A acusação de Julien Benda, entretanto, se opunha à realizada por Georges Politzer e Paul Nizan. Enquanto o primeiro reivindicava a retomada do papel do filósofo como aquele que devia dedicar-se aos valores universais, sem envolver questões políticas e sociais, Georges Politzer e Paul Nizan reivindicavam uma filosofia voltada para o homem concreto, criticando a tendência a uma filosofia do espírito puro. O autor³² refere que a provocação destes últimos tinha o ensejo de lembrar os filósofos da sua responsabilidade social, a saber, o comprometimento com a história por meio de uma filosofia da ação³³.

As contundentes manifestações, por sua vez, assinalam a ocorrência de uma dupla ruptura filosófica tanto interna quanto externa. Segundo Worms³⁴, a ruptura interna refere-se à crise do discurso do espírito, revelando o ambivalente laço entre metafísica e história³⁵. Contra a unidade do espírito - sua atividade e sua reflexão - a manifestação nascia das inquietudes provocadas pelas perturbações oriundas dos anos vinte frente à

seuls (scientifiques, esthétiques ou historiques, et meme la guerre), mais bien à la charnière des deux.” In: WORMS, F. *La philosophie em France au XXe siècle. Moments*. Paris: Gallimard, 2009. p.27.

³²WORMS, F. *La philosophie en France au XXe siècle. Moments*. Paris: Gallimard 2009. p.198.

³³Tal discussão possui ecos na filosofia do pós-guerra quando as discussões sobre a atuação do intelectual nos acontecimentos do país ganham nova expressão. O posicionamento e atuação de Jean Paul Sartre, no cenário intelectual e público, a partir dos anos quarenta retomam não somente o papel social do intelectual, mas também a maneira de sua atuação.

³⁴WORMS, F. *La philosophie en France au XXe siècle. Moments*. Paris: Gallimard 2009.p 197.

³⁵As manifestações demonstram a discussão entre a filosofia de Henri Bergson considerada ainda com traços metafísicos e a filosofia de Leon Brunschvicg a qual buscava uma aproximação com a ciência.

crise econômica, política e social europeia.³⁶ O resultado disso é a ruptura externa a qual não se limita à ruptura com a tradição filosófica nem ao engajamento do intelectual em algum tipo de ação político-social, mas ocorre principalmente pelo surgimento de novos problemas filosóficos perante a demanda dos acontecimentos. Portanto, é a partir dessa conjunção que surge a necessidade de novas pesquisas. O concreto e a ação, no entanto, não são considerados como um problema filosófico, mas são considerados como sendo um passo transitório em direção ao momento acima identificado.

Assim, em todos os domínios, o que é recusado é o recurso ao 'espírito' como norma subjetiva e interior, para ver mais como, sem desaparecer, é preciso daqui em diante buscá-lo em sua relação com o externo, ou mesmo *no externo, no mundo, no conhecimento, na história*, tomados e estudados por eles mesmos e de maneira concreta. Assim se desenvolverão os estudos da consciência, da história, mas também da ciência (por exemplo, em Cavaillès, Canguilhem ou Bachelard) em seus próprios desenvolvimentos ou dialéticas próprias.³⁷

³⁶Em relação a esse momento, Paul Valéry publica sob o título *La crise de l'esprit* (1919) dois artigos a respeito da crise europeia após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). O seguinte trecho nos parece significativo para ilustrar a intensidade das discussões provocadas pelos acontecimentos daquele momento: "Mais l'espoir n'est que la méfiance de l'être à l'égard des prévisions précises de son esprit. Il suggère que toute conclusion défavorable à l'être *doit être* une erreur de son esprit. Les faits, pourtant, sont clairs et impitoyables. Il y a des milliers de jeunes écrivains et de jeunes artistes qui sont morts. Il y a l'illusion perdue d'une culture européenne et la démonstration de l'impuissance de la connaissance à sauver quoi que ce soit; il y a la science, atteinte mortellement dans ses ambitions morales, et comme déshonorée par la cruauté de ses applications; il y a l'idéalisme, difficilement vainqueur, profondément meurtri, responsable de ses rêves; le réalisme déçu, battu, accablé de crimes et de fautes; la convoitise et le renoncement également bafoués; les croyances confondues dans les camps, croix contre croix, croissant contre croissant; il y a les sceptiques eux-mêmes désarçonnés par des événements si soudains, si violents, si émouvants, et qui jouent avec nos pensées comme le chat avec la souris, — les sceptiques perdent leurs doutes, les retrouvent, les reperdent, et ne savent plus se servir des mouvements de leur esprit." In: VALÉRY, P. *La crise de l'esprit* (1919). Québec: Bibliothèque Paul -Émile Boulet de l'Université du Québec à Chicoutimi. (édition numérique), 2005. p.6. Disponível em: http://www.uqac.ca/Classiques_des_sciences_sociales.

³⁷Tradução nossa. No original: "Ainsi dans tous les domaines, ce qui est refusé, c'est le recours à 'l'esprit' comme à une norme subjective et intérieur, pour voir plutôt comment, sans disparaître, il faut désormais le saisir dans sa relation au dehors, et même dans le *dehors, dans le monde, dans le connaissance, dans l'histoire*, prises et étudiées pour elle-mêmes et de manière concrète. Ainsi se développeront les études de la conscience, de l'histoire, mais aussi de la science (par exemple chez Cavaillès, Canguilhem ou Bachelard) dans leur développement ou leurs 'dialectiques' propres." In: WORMS, F. *La philosophie en France au XXe siècle. Moments*. Paris: Gallimard 2009.p 198.

Às discussões sociais e políticas que permeavam o cenário filosófico questionando o papel social da filosofia e do filósofo, acrescenta-se a discussão norteadora da filosofia desde o século XIX e início do século XX, a saber, a relação ciência e filosofia. O incremento das ciências modernas e o entusiasmo com os métodos científicos positivistas conduziram os debates e os questionamentos a respeito do papel da própria filosofia no campo do conhecimento. Perante a ciência moderna, a fenomenologia transcendental husserliana³⁸ propõe fornecer à filosofia um método rigoroso e seguro de maneira que pudesse garantir o *status* de ciência rigorosa³⁹. A breve referência à fenomenologia husserliana, por sua vez, deve-se à sua influência na filosofia francesa⁴⁰, a partir da década de vinte e de trinta⁴¹.

A relevância dessa influência é assinalada nas colocações realizadas pelo filósofo Michel Foucault ao realçar o delineamento de duas trajetórias diferentes traçadas a partir da fenomenologia transcendental: uma que se direciona à filosofia da experiência, do sentido e do sujeito e outra direcionada à filosofia do conceito, da racionalidade e do saber. Conforme o autor, “De um lado, uma filiação que é a de Sartre e de Merleau-Ponty; e depois outra a de Cavailles, Bachelard, Koyré e Canguilhem.”⁴² Ambas as trajetórias, aponta

³⁸ A preocupação do filósofo é com a apreensão do conhecimento, o qual é realizado em parte pelos métodos científicos, pois no seu entendimento as ciências preocupadas com a objetividade deixam de lado a via subjetiva de acesso ao conhecimento do mundo. Assim, a fenomenologia transcendental, segundo Joumier, possui como ponto de partida a evidência da existência do mundo para qualquer área de conhecimento, seja filosófico ou científico. No entanto, essa evidência não está dada por si, ela requer uma atitude em prol do conhecimento das coisas do mundo por meio da aplicação da *epoché* de maneira que possa se realizar a redução transcendental em busca do fenômeno puro, tal como se revelam enquanto objetos de pensamento na consciência intencional, anterior a toda e qualquer representação e racionalidade. In: JOUMIER, L. **Husserl**. Paris: Ellipses, 2012. p.7-16.

³⁹ “A filosofia tornar-se-á ciência de rigor quando nos fizer tomar consciência de que as construções teóricas do espírito não podem restringir-se à descrição objetivista dos fatos individuais e subsistentes em si mesmo. Como ciência rigorosa, exigirá de nós uma postura fenomenológica que nos conduzirá às raízes últimas de todas as coisas.” In: ZILLES, U. A fenomenologia husserliana como método radical. In: HUSSERL, E. **A crise da humanidade europeia e a filosofia**. Introdução e tradução de Urbano Zilles. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. p. 38.

⁴⁰ Nesse mesmo período a filosofia heideggeriana, hegeliana, nietzschiana, a teoria marxista e a psicanálise freudiana também são introduzidas no cenário intelectual francês influenciando igualmente a produção filosófica do início do século passado.

⁴¹ Husserl realiza um conjunto de conferências na Sorbonne, em Paris, no ano de 1929, publicadas posteriormente na obra “Meditações Cartesianas: introdução à fenomenologia (1933)”, a qual também foi publicada como “Conferências de Paris”.

⁴² FOUCAULT, M. A vida: a Experiência e a Ciência (1985). In: MOTTA, M.B. (org.) **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Ditos e Escritos II. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. p.353.

Foucault⁴³, advém de duas leituras possíveis da fenomenologia husserliana, a primeira privilegiando a filosofia do sujeito e da consciência e a segunda alicerçada nos problemas fundadores do pensamento husserliano: o formalismo e o intucionismo. Com isso, ao tratarmos do “Momento da Segunda Guerra” é pertinente ressaltar os seguintes aspectos: 1. a convivência de ambas as trajetórias no cenário filosófico, no qual uma será predominante e estará em destaque no meio intelectual; 2. o ponto de convergência das duas trajetórias desse momento é uma filosofia voltada para o exterior (*au dehors*): o mundo, a história, o conhecimento; 3. na busca pela renovação filosófica perante a ciência tem-se a aproximação a outras disciplinas e a consolidação da epistemologia histórica e do estruturalismo no cenário intelectual francês.

Na esteira das discussões a respeito da ciência, da filosofia, da sociedade e da política, o problema da existência é apontado por Worms⁴⁴ como sendo o problema filosófico em torno do qual a filosofia realiza suas pesquisas. No cenário intelectual a fenomenologia existencialista sartriana é a filosofia predominante no espaço institucional entre os anos quarenta e os anos cinquenta. Alicerçada na fenomenologia husserliana e na filosofia heideggeriana, a fenomenologia existencialista de Jean Paul Sartre propõe uma ontologia fenomenológica voltada para o mundo real e concreto a partir do qual a existência do indivíduo se constrói. Consolidado com a publicação da obra “O ser e o nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica” em 1943, a polêmica suscitada por sua proposta filosófica encontra resposta na palestra proferida em 1945, “O existencialismo é um humanismo”, publicada no ano seguinte. O centro da polêmica ocorreu, sobretudo em torno da tese: “a existência precede a essência”⁴⁵. A essência como uma realização da existência permite ao filósofo realizar uma dupla negação: a da natureza humana e a da natureza divina. As consequências disto são a exaltação da subjetividade como único universo existente a partir do qual o homem age e intervém no mundo em prol de efetuar seu projeto existencial por meio de suas

⁴³FOUCAULT, M. A vida: a Experiência e a Ciência. In: MOTTA, M.B. (org.) **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Ditos e Escritos II. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. p.353-354.

⁴⁴WORMS, F. **La philosophie em France au XXe siècle. Moments**. Paris:Gallimard, 2009. p.9.

⁴⁵SARTRE, J. P. **O existencialismo é um humanismo**. 3ªed. Tradução de Rita Correa Guedes. São Paulo: Nova Cultural, 1987. p.6.

escolhas. Constituído por meio de suas escolhas, o homem torna-se o único responsável pelas consequências das mesmas, conforme ressaltado na seguinte citação: “Condenado porque não criou a si mesmo e, como, no entanto, é livre, uma vez que foi lançado no mundo, é responsável por tudo o que faz”⁴⁶. Em sendo assim, o homem é considerado o único responsável por suas ações e pelas consequências decorrentes das mesmas tanto individualmente quanto pela humanidade⁴⁷. Embora, a liberdade seja objetivada individualmente por meio de atos concretos - parecendo exaltar o individualismo - as ações realizadas confrontam tal liberdade com sua dependência em relação à liberdade dos outros. O objetivo do filósofo é defender a noção de que existe um engajamento entre as liberdades humanas, o qual é possível se compreendermos que cada indivíduo ao buscar sua própria liberdade carrega consigo o desejo pela liberdade dos outros.

Negando a natureza humana e a natureza divina, é a condição humana alicerçada na liberdade da escolha das ações em prol do projeto existencial que é ressaltada ao colocar o homem como resultado de suas ações. Afinado com as exigências de seu tempo, Sartre, o qual se tornara *compagnon de route* do Partido Comunista francês no período do pós-guerra, rompe com o mesmo no final da década de cinquenta. Ao deparar-se com a brutalidade do regime stalinista soviético, o filósofo se vê diante do impasse entre a filosofia existencialista e o materialismo histórico-dialético proposto pela teoria marxista. A tentativa de saída para tal impasse político-intelectual encontra-se na obra “Crítica da Razão Dialética (1960)”, na qual ao reafirmar a relevância do marxismo para a cultura ocidental, busca conciliar o materialismo histórico-dialético e o existencialismo. Münster ressalta o objetivo sartriano de realizar uma síntese do existencialismo e do materialismo histórico-dialético de maneira que “[...] pudesse manter certos conceitos da fenomenologia pela tentativa de

⁴⁶SARTRE, J. P. **O existencialismo é um humanismo**. 3ªed. Tradução de Rita Correa Guedes. São Paulo: Nova Cultural, 1987.p.9.

⁴⁷“Subjetivismo significa por um lado escolha do sujeito individual por si próprio e, por outro lado, a impossibilidade em que o homem se encontra de transpor os limites da subjetividade humana. É esse segundo significado que constitui o sentido profundo do existencialismo. Ao afirmarmos que o homem escolhe a si mesmo, queremos dizer que cada um de nós se escolhe, mas queremos dizer também que, escolhendo-se, ele escolhe todos os homens.” In: SARTRE, J. P. **O existencialismo é um humanismo**. 3ªed. Tradução de Rita Correa Guedes. São Paulo: Abril Cultural, 1987. p.6.

esboçar uma *ontologia social* (materialista) ampliada por uma *antropologia histórico-social*.⁴⁸ Pode-se considerar a ação e a liberdade como sendo os conceitos-chaves da filosofia sartriana, as quais dialogam com a filosofia marxista em uma tentativa de propor uma visão dialética entre o indivíduo e a sociedade visando a transformação social. Com isso, Worms⁴⁹ ressalta que o filósofo na “Crítica da razão dialética” busca demonstrar que a ação livre permite transformar a realidade social e econômica na soma das consciências individuais livres. Convém ressaltar que esta obra é escrita em reação também ao estruturalismo, o qual já ocupava um espaço considerável no cenário intelectual francês.

A breve inserção no complexo existencialismo sartriano visa o destaque dos pontos em torno dos quais ocorreram as duras críticas recebidas dos grupos presentes na *École normale supérieure*. Entre os grupos, destacam-se os grupos católicos e os grupos comunistas. As principais críticas sofridas por parte dos grupos católicos se referem ao ateísmo existencialista e por parte dos grupos comunistas as críticas se referem, principalmente, à primazia da subjetividade. Tal primazia conduzia à compreensão por parte destes últimos como sendo a expressão de uma filosofia individualista e burguesa.⁵⁰ Cumpre colocar que às críticas recebidas acrescenta-se a marcante presença da pessoa do filósofo tanto no cenário intelectual quanto na vida social e política francesa. Segundo Merino,⁵¹ o projeto sartriano apontava para a compreensão total de sua época por meio da assunção do intelectual total, capaz de se expressar em todos os âmbitos na busca de coerência entre pensamento e ação, conferindo-lhe legitimidade. O conjunto das críticas em torno de sua filosofia, de sua atuação política e de sua ação como intelectual total ao longo da década o conduziu a um processo de declínio no cenário intelectual. No

⁴⁸MÜNSTER, A. Dialética e práxis no pensamento de Jean Paul Sartre (Uma leitura crítica da *Crítica da Razão Dialética*). **doispontos**, Curitiba, São Carlos, v.3, n.2, Out./2006, p. 173-188. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/doispontos/article/view/6502/4670>. Acesso em 31 jan 2016.

⁴⁹WORMS, F. *La philosophie en France au XXe siècle. Moments*. Paris: Gallimard 2009. p.241-245.

⁵⁰SCHRIFT, A. D. *Twentieth-Century French Philosophy Key Themes and Thinkers*. London: Blackwell Publishing Ltd, 2006. p. 40-47.

⁵¹MERINO, C. *Sartre y la figura del intelectual comprometido*. **Ciência Política**, n.2. Julio-diciembre/2006, p.30-57. Disponível em <http://www.revistas.unal.edu.co/index.php/cienciapol/article/view/29361/29595>. Acesso em: 10 set 2015.

entanto, as críticas se incrementaram a luz das mudanças no cenário intelectual ocorridas na década de sessenta, período em que o estruturalismo chamava a atenção da academia, ocupando um espaço de destaque.

As críticas à filosofia do sujeito e da consciência, considerada por muitos como insuficiente para contemplar as questões da época, assim como a consolidação de outras áreas do conhecimento, possibilitaram a migração de intelectuais para áreas como antropologia, psicanálise, literatura, sociologia, psicologia, entre outras. Contudo, é relevante ressaltar que as críticas centravam-se principalmente na primazia da subjetividade, destacando-se aquelas direcionadas principalmente à fenomenologia existencialista sartriana. Para muitos filósofos a filosofia sartriana era considerada pouco rigorosa, e, portanto, distanciada de uma filosofia mais próxima da ciência⁵². Na realidade, buscava-se uma concepção filosófica, cujo pressuposto teórico pudesse subsidiar uma nova compreensão a partir dos acontecimentos históricos, os quais haviam colocado em xeque a racionalidade, a ideia de progresso, a universalidade do conhecimento e a concepção de sujeito.

Dosse⁵³ refere-se a uma provável crise da filosofia perante o incremento das ciências sociais e o confronto advindo destas com novas pesquisas. A consequência disto pode ser vista no deslocamento do lugar central no campo do saber ocupado pela filosofia até aquele momento e o consequente questionamento tanto de suas concepções como das instituições de formação acadêmica. O descontentamento com a filosofia universitária ocorria, sobretudo, por seu enclausuramento na tradição, favorecendo a manutenção da distância do filósofo com a sociedade à qual pertencia. A desatenção ao desafio apresentado pela trajetória da filosofia do conceito, da racionalidade e do saber, cujo viés para a epistemologia histórica e história da ciência apontavam para um novo horizonte no postulado filosófico mais adequado ao momento, assim como a proposta epistemológica que vinha de outras instituições, proporcionaram não somente a renovação almejada há muito

⁵²Entre os pensadores, destacamos Pierre Bourdieu, o qual em diversas ocasiões faz referência a essa limitação da fenomenologia. Entre elas citamos: BOURDIEU, P. *Esquisse pour une auto-analyse*. Paris: Raison d'Agir, 2004. p.23; BOURDIEU, P. Post-scriptum I: Confessions Impersonnelles. In: *Meditations pascaliennes*. Paris: Éditions du Seuil, 1997. p.61.

⁵³DOSSE, F. **História do Estruturalismo: o campo do signo, 1945-1966**. v.1. Tradução de: Álvaro Cabral. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1993. p. 227 e 419-431.

tempo no cenário intelectual e institucional, mas também a ascensão de grupos de intelectuais à margem da tradição.

Na esteira da oposição ao subjetivismo realçado pela fenomenologia, o “Momento dos anos 60” é introduzido pela ruptura interna que ocorre ao longo da década de cinquenta com a primazia do sujeito consciente e histórico. Worms⁵⁴, então, identifica a estrutura como sendo o problema filosófico desse momento em torno do qual as ciências humanas e sociais e também a filosofia voltarão suas pesquisas. Identificando a estrutura como problema comum, o autor⁵⁵ resalta as tensões internas entre local e global, relativo e absoluto e entre sistema e diferença, tensões que vão propiciar diversos desdobramentos no decorrer da década seguinte. A discussão subjacente ao problema é o questionamento da concepção iluminista do homem, cuja racionalidade mostrou sua face obscura, expondo a fragilidade das concepções a respeito do progresso e da liberdade. Contudo, o que interessa neste momento é a virada estruturalista proporcionada pelo antropólogo Claude Lévi-Strauss, cuja obra transcende disciplinas e fronteiras. Filósofo de formação, Lévi-Strauss volta-se para a antropologia nos anos quarenta, tornando-se conhecido quando da publicação de sua tese “As estruturas elementares do parentesco” (1949). No entanto, a consolidação de sua obra ocorre com a publicação de “Tristes Tópicos” (1955) e mais tarde com “Antropologia Estrutural” (1958), momento em que ganha ampla expressão e é assimilado por filósofos, psicanalistas, literários, entre outros⁵⁶. Insatisfeito com a filosofia de sua época por considerá-la especulativa, o antropólogo visa fornecer às ciências sociais e humanas o mesmo *status* científico das ciências da natureza uma vez que defendia o rigor da pesquisa como o ponto primordial que daria ao estudo do homem e da vida social segurança científica e, portanto, mais credibilidade.

Alicerçado em uma concepção interdisciplinar (a psicanálise freudiana, o marxismo, a geologia, a matemática, a teoria da comunicação, a biologia, a

⁵⁴WORMS, F. **La philosophie en France au XXe siècle. Moments**. Paris: Gallimard 2009. p.13.

⁵⁵_____. Paris: Gallimard 2009. p.469.

⁵⁶DOSSE, F. **História do Estruturalismo: o campo do signo, 1945-1966**. v.1. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1993. p.30-38.

sociologia), ressalta-se a linguística e a fonologia⁵⁷ como disciplinas decisivas nas quais encontra o ponto de inflexão para fornecer à antropologia o almejado estatuto científico⁵⁸. Lévi-Strauss⁵⁹ compreende que da mesma forma como a linguística, os fenômenos culturais estão alicerçados na ideia de um sistema focado na relação entre pares de opostos (esposo/esposa; pais/filhos, entre outros) os quais são vistos como elementos de significação que são significados quando em relação em um sistema elaborado inconscientemente pela mente humana. Os fenômenos culturais observáveis, portanto, são derivados de uma lei geral inconscientemente assimilada.⁶⁰ Descola⁶¹ salienta que todo o projeto estruturalista encontra-se esboçado em “As estruturas elementares do parentesco” (1949), na qual o antropólogo ressalta a inscrição no espírito de esquemas formais e universais como fundantes da própria cultura a partir da proibição do incesto.

Convém ressaltar que ao projetar a ciência antropológica, Lévi-Strauss elabora o método estruturalista, cuja objetividade visa à elucidação das

⁵⁷A linguística estrutural inaugurada com Ferdinand de Saussure em *Cours de linguistique générale* (1906) publicada postumamente é apresentada a Lévi-Strauss por Roman Jakobson e Nicolai Troubestkoy. Desse encontro, Lévi-Strauss retém a investigação de invariantes e o afastamento da noção de consciência do sujeito falante, com isso priorizando os fenômenos inconscientes da estrutura. In: DOSSE, F. **História do Estruturalismo: o campo do signo, 1945-1966**. v.1. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1993. p. 65-81.

⁵⁸“En el conjunto de las ciencias sociales, del cual indiscutiblemente forma parte, la lingüística ocupa sin embargo un lugar excepcional: no es una ciencia social como las otras, sino la que, con mucho, ha realizado los mayores progresos: sin duda la única que puede reivindicar el nombre de ciencia y que, al mismo tiempo, ha logrado formular un método do positivo y conocer la naturaleza de los hechos sometidos a su análisis.” In: LÉVI-STRAUSS, C. *El análisis estructural en lingüística y en Antropología*. In: _____. **Antropología Estructural**. Traducción de Eliseo Veron. Barcelona: Paidós, 1995.p.75.

⁵⁹LÉVI-STRAUSS, C. *El análisis estructural en lingüística y en Antropología*. In: _____. **Antropología Estructural**. Traducción de Eliseo Veron. Barcelona: Paidós, 1995.p.75-78.

⁶⁰“Esse modelo apresenta quatro características importantes: abandona o nível dos fenômenos conscientes para privilegiar o estudo de sua infraestrutura inconsciente; dão-se por objeto de análise não os termos, mas as relações que os unem; procura mostrar que essas relações formam sistema; enfim, busca descobrir leis gerais. Desde essa época, Lévi-Strauss lança a hipótese de que esses quatro procedimentos combinados podem ajudar a esclarecer os problemas de parentesco em razão da analogia formal que ele descobre entre os fonemas e os termos que servem para designar os parentes. Ambos são elementos cuja significação provém do fato de estarem combinados em sistemas, eles próprios produtos do funcionamento inconsciente do espírito, e cuja recorrência em muitos lugares do mundo sugere que respondem a leis universais.” In: DESCOLA, Philippe. Claude Lévi-Strauss, uma apresentação. **Estud. av.**, São Paulo, v. 23, n. 67, p. 148-160, 2009 . Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v23n67/a19v2367.pdf>> . Acesso em: 02 nov. 2015.

⁶¹DESCOLA, Philippe. Claude Lévi-Strauss, uma apresentação. **Estud. av.**, São Paulo, v. 23, n.67, p. 148-160, 2009 . Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v23n67/a19v2367.pdf>> . Acesso em: 02 nov. 2015.

estruturas inconscientes subjacentes às diversas instituições humanas por meio das quais se reconhece a estrutura do espírito humano. Disto decorre o papel do antropólogo cientista, cuja postura teórica-prática implica na assunção da objetividade das observações e registros efetuados. Ponto vulnerável das pesquisas em ciências humanas e sociais, Lévi-Strauss constrói um método de pesquisa alicerçado em três níveis, a saber, etnográfico, etnológico e antropológico visando contemplar a observação, a análise e a teorização de modelos, cujo ponto fundamental é o distanciamento do pesquisador em relação a seu objeto de estudo.

A contribuição primordial do estruturalismo levistraussiano, entretanto, encontra-se na ruptura que exerce ao ampliar o escopo de análise da formação do indivíduo. Ao priorizar a estrutura, o pensador proporciona a concepção da ausência do homem enquanto ser consciente e histórico, contrapondo-se à visão subjetivista. Em resposta, sobretudo às críticas empreendidas por Sartre na obra “Crítica da Razão Dialética” (1960), Lévi-Strauss em “História e Dialética” no livro “Pensamento Selvagem” (1962), refere-se ao objetivo das ciências humanas de dissolver o homem e não de constituir-lo, o que não significa sua destruição, mas sua recolocação no mundo. Como refere Lévi-Strauss, “o eu não se opõe mais ao outro do que o homem se opõe ao mundo: as verdades apreendidas através do homem são “do mundo” e elas são importantes por isso⁶²”. Compreende-se que ao colocá-lo como meio de expressão de estruturas inconscientes pré-existentes à sua presença, o sujeito encontra-se preso em uma cadeia simbólica prévia a seu nascimento e posterior a sua morte. Tal visão implica em um deslocamento do sujeito, promovendo uma fecunda discussão a respeito da sua formação individual e sua relação com o meio social. Além disso, proporciona o enriquecimento do debate a respeito da ciência em geral e, em especial, das ciências humanas e sociais.

⁶²LÉVI-STRAUSS, C. História e Dialética. In: _____. **O pensamento selvagem**. Tradução de Tânia Pellegrini. Campinas: Papirus, 2008. p. 276.

Pierre Bourdieu surge no cenário intelectual no final da década de cinquenta com a publicação de *Sociologie de l'Algérie* (1958), obra que aponta sua inflexão para a sociologia. Contudo, é com a publicação de *Les Héritiers. Les étudiants et la culture*, em 1964, escrita junto com Jean-Claude Passeron que ocorre sua consolidação no cenário intelectual. Agregado de filosofia pela *École normale supérieure* na década de cinquenta, Bourdieu participa das discussões provenientes da fenomenologia husserliana, do existencialismo sartriano, da fenomenologia merleau-pontyana, da história e da filosofia da ciência bachelardiana e canguilheana e da antropologia levistraussiana.⁶³ Além disso, o autor não somente participa das discussões filosóficas institucionais e das características institucionais do ambiente apresentadas anteriormente⁶⁴, mas igualmente vivencia o período de reconstrução francês no pós-guerra, assim como participa ativamente da guerra pela independência argelina. Afinado com a filosofia das ciências e a epistemologia histórica, por um lado, e com o estruturalismo⁶⁵, por outro lado, o autor conduz sua trajetória intelectual relacionando filosofia, sociologia e política, buscando um percurso teórico paralelo ao tradicionalmente traçado na academia francesa àquele momento.⁶⁶ Portanto, pode-se colocar que é do entrelaçamento da formação pessoal e

⁶³Em relação ao impacto que teve a obra de Claude Lévi-Strauss, Bourdieu faz a seguinte colocação: “Il n'est pas facile d'évoquer les effets sociaux qu'a produits, dans le champ intellectuel français, l'apparition de l'oeuvre de Claude Lévi-Strauss et les médiations concrètes à travers lesquelles s'est imposée à tout une génération une nouvelle manière de concevoir l'activité intellectuel qui s'opposait de façon tout à fait dialectique à la figure de l'intellectuel “total”, décisoirement tourné vers la politique, qu'incarnait Jean Paul-Sartre. Cette confrontation exemplaire n'a sans doute pas peu contribué à encourager, chez nombre de ceux qui se sont orientés à ce moment vers la sciences sociales, l'ambition de réconcilier les intentions théoriques et les intentions pratiques, la vocation scientifique et la vocation éthique, ou politique, si souvent dédoublées, dans une manière plus humble et plus responsable d'accomplir leur tâche de chercheurs, sorte de métier militant, aussi éloigné de la science pure que de la prophétie exemplaire.” In: BOURDIEU, P. In: **Le sens pratique**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980. p.8.

⁶⁴Neste ponto faço referência ao ambiente institucional da *École normale supérieure* desse período apresentada no início deste capítulo.

⁶⁵Ressaltam-se para efeitos desta dissertação as principais linhas filosóficas com as quais Bourdieu travou seus principais embates. No entanto, é inegável a influência em sua obra de autores como Gaston Bachelard, George Canguilhem, Maurice Merleau-Ponty, Edmund Husserl, Émile Durkheim, Marcel Mauss, Marx Weber, Karl Marx, Nbert Elias entre tantos outros.

⁶⁶Pinto refere que o rechaço da filosofia universitária na década de cinquenta conduziu Bourdieu a buscar outro polo de investigação considerado pouco legítimo e mais inclinado à investigações aplicadas. In: PINTO, L. **Pierre Bourdieu y la teoría del mundo social**. Traducción de Eduardo Molina y Vedia. Buenos Aires: Siglo XXI editores, 2002. p.36-37.

intelectual, pertencimento institucional e contexto social e político que surgem as inquietações intelectuais bourdieusianas.

Sob um viés inconformista e acentuadamente crítico, o autor encontra nas desigualdades existentes na realidade social, seja desigualdades econômicas, culturais ou educacionais o ponto de partida de seu empreendimento teórico. Na busca pela compreensão da realidade social e da posição do indivíduo perante a mesma, propõe-se a elaborar uma teoria social que supere a dicotomia presente à época entre objetivismo e subjetivismo⁶⁷ nas teorias a respeito da relação indivíduo e sociedade. Gutiérrez⁶⁸, no entanto, alerta para considerar no projeto bourdieusiano de superação das dicotomias, o reconhecimento de ambas as perspectivas, pois apesar de considerá-las limitadas por oferecem uma visão parcial da realidade social, as mesmas não são irreconciliáveis. Ao contrário, a proposta bourdieusiana tenta reconciliar ambas as perspectivas considerando-as como momentos da realidade social.

Partícipe das discussões entre ciência e filosofia, assim como afinado com a necessidade das ciências sociais e humanas de desenvolverem métodos científicos rigorosos, e seguindo a provocação acentuadamente presente em sua época de aliar teoria e prática,⁶⁹ a proposta teórica bourdieusiana busca construir uma sociologia de cunho científico. Para alcançar tal propósito, elabora uma teoria, cuja metodologia pudesse contemplar tanto o mundo social como o próprio pesquisador enquanto intelectual pertencente a determinada realidade social e formado intelectualmente em determinada instituição.⁷⁰ O rigor teórico e metodológico

⁶⁷ Conforme Ortiz é relevante salientar: “O embate objetivismo/subjetivismo transcende o campo de uma teoria particular na medida em que considera métodos distintos como o positivismo e o estruturalismo enquanto perspectivas objetivistas ou interacionismo simbólico e a etnometodologia enquanto epistemologia fenomenológica. Mas, pode também inscrever-se no seio de uma teoria específica [...]” In: ORTIZ, R. **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p.9.

⁶⁸ GUTIÉRREZ, A. B. **Las prácticas sociales: una introducción a Pierre Bourdieu**. Córdoba: Ferreyra Editor, 2005. p.18-19.

⁶⁹ A discussão dos anos vinte e trinta a respeito da necessidade da filosofia sair dos muros acadêmicos a fim de reencontrar o homem concreto e seu cotidiano não ficou restrita a esse período. Na verdade, com os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial essas discussões ganharam força, colocando em xeque as categorias de verdade, racionalidade, humanidade e sujeito. Tais questionamentos também atingem o papel do intelectual em relação à sociedade. Os presentes temas foram abordados no início do presente capítulo.

⁷⁰ BOURDIEU, P; CHAMBOREDON, JEAN-CLAUDE & PASSERON, JEAN-CLAUDE. **El ofício del sociólogo**. Traducción de Fernando H. Azcurra e José Sazbon. 1.ed. Buenos Aires: Siglo

desenvolvido busca fortalecer a própria sociologia enquanto campo de conhecimento e, principalmente contribuir efetivamente com a renovação do pensamento a respeito da relação entre indivíduo e mundo social. Com estas questões em mente, Bourdieu ergue um complexo constructo teórico, cujo método de trabalho lhe permite colocar-se *com e contra* pensadores e teorias.

Nas obras *Esquisse pour une théorie de la pratique* (1972) e *Le sens pratique* (1980)⁷¹ encontramos especificamente os questionamentos realizados tanto ao estruturalismo levistraussiano como à fenomenologia existencialista, nos quais encontra a ancoragem de seu constructo teórico. O ponto de partida da crítica ao estruturalismo encontra-se no método estruturalista aplicado por Bourdieu por ocasião das pesquisas realizadas na década de sessenta tanto na Cabília, Argélia como na região do Béarn, sudoeste francês. Por um lado, a afinidade teórica do autor com o estruturalismo encontra-se na proposta de objetivação da realidade, já que tal proposta possibilita romper com a intuição e com a ilusão da experiência primeira proposta pela fenomenologia, assim como na superação do modo de pensamento substancialista, adotando o pensamento relacional na sociologia. Por outro lado, ao aplicar o método estruturalista depara-se com o limite no uso objetivista que é feito do modelo, isto é, o deslocamento que o pesquisador faz do modelo da realidade para a realidade do modelo.⁷² Significa compreender que assumir o modelo como se realidade fosse conduz o cientista estruturalista a negar que tal modelo é uma leitura e uma interpretação advinda da análise dos dados de determinada pesquisa. O autor releva com isso que esse deslocamento do modelo estruturalista deixa escapar da análise e da observação, a rede de práticas que

XXI editores, 2002. p. 61-76; _____. *Le sens pratique*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980. p.20-41.

⁷¹ Em uma entrevista concedida a Yves Desault, Pierre Bourdieu esclarece que *Esquisse d'une théorie de la pratique* deveria ser retirada de circulação quando fosse publicada a obra definitiva *Le sens pratique*, publicada nos anos oitenta. Entretanto, a combinação prévia com o editor não se cumpriu e, por isso, as duas obras encontram-se publicadas. Bourdieu esclarece que antes das publicações, seus manuscritos, até os anos oitenta, circulavam entre seus alunos e com isso sofriam constantes revisões. Acrescenta que por ocasião da publicação de segundas edições de alguma obra sua até esse mesmo período sempre solicitava ao editor a oportunidade da revisão. In: DESAULT, Y. Entrevista de Pierre Bourdieu com Yvette Desault: Sobre o espírito da pesquisa. Tradução de Paulo Neves. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v.17, n.1, p.175-210. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v17n1/v17n1a07>. Acesso em: 01 fevereiro 2016.

⁷² BOURDIEU, P. *Le sens pratique*. Paris: Éditions Minuit, 1980. p. 20-40.

alicerçam as ações realizadas pelos indivíduos nas relações estabelecidas com o meio social.

A crítica bourdieusiana advinda da aplicação do método ressalta, sobretudo, a posição distanciada que o observador ocupa no cenário da pesquisa empírica. Na realidade, tal distanciamento favorecia o distanciamento social que permeia o cientista e seu objeto de pesquisa o que, em seu entender, é preciso reconhecer e incluir na análise dos dados colhidos e das observações realizadas, sob pena de “[...] imputar ao intervalo das culturas ou das mentalidades o que é um efeito dos intervalos das condições (e que se encontra na experiência nativa do etnólogo sob a forma de diferença de classes).”⁷³ Assim, Bourdieu na busca pela apreensão da prática das ações dos agentes sociais volta-se para a prática do próprio cientista social, percebendo a necessidade de também objetivar a objetivação, ou seja, [...] objetivar essa distância objetivante e as condições sociais que a tornam possível, como a exterioridade do observador, as técnicas de objetivação que ele dispõe, etc.”⁷⁴ Na discussão a respeito do deslocamento do modelo da realidade para a realidade do modelo, o autor destaca a posição do pesquisador e, assim, destaca os distanciamentos e as aproximações do pesquisador com seu objeto de estudo. Com isso, pode-se compreender que Bourdieu visava não somente uma proposta metodológica na qual inclui o pesquisador como um ponto de referência a ser considerado na análise dos dados empíricos - incluindo as afinidades ou distanciamentos sociais com seu objeto de estudo, propondo o que denominaria de socioanálise⁷⁵ erguida no projeto de uma sociologia reflexiva - mas, ao mesmo tempo, constrói a teoria social que almejava inserir o agente social na análise do meio social.

⁷³ Tradução nossa. No original: “[...] à imputer à l'écart des 'cultures' ou des 'mentalités' ce qui est un effet de l'écart des conditions (et qui se rencontre dans l'expériences indigène de l'ethnologue sous la forme de différences de classe).” In: BOURDIEU, P. **Le sens pratique**. Paris: Les Éditions Minuit, 1980. p. 30.

⁷⁴ Tradução nossa. No original: “[...] objectiver cette distance objectivante et les conditions sociales qui la rendent possible, comme l'exteriorité de l'observateur, les techniques d'objectivation dont il dispose, etc.” In: BOURDIEU, P. **Le sens pratique**. Paris: Les Éditions Minuit, 1980. p.29-31.

⁷⁵ Pode-se acompanhar Bourdieu na aplicação de sua proposta em si mesmo na obra inacabada *Esquisse pour une auto-analyse* (2004), publicada postumamente. O objetivo do autor foi submeter-se à prática da reflexividade desenvolvida ao longo de sua trajetória intelectual, colocando-se como objeto de pesquisa.

Convém ressaltar que o interesse bourdieusiano ao realizar a crítica ao método estruturalista consistia na apreensão do senso prático das ações dos agentes por meio da análise dos dados das pesquisas empíricas realizadas nos anos sessenta a respeito dos rituais do casamento, as quais são retomadas ao longo da década de setenta. Além disso, com tais pesquisas também se amplia a análise estruturalista ao incluir às variantes genealógicas, as variantes econômicas e sociais como elementos formadores de uma rede de sustento do laço social. A inclusão dessas variantes permite visualizar um espaço social, no qual o laço é tecido por estratégias que visam cumprir com os objetivos e interesses dos agentes em dado momento⁷⁶. Com isso, torna-se possível a inclusão do agente social no *corpus* teórico, o qual visa a superação do subjetivismo e do objetivismo. Ao propor uma teoria que possa dar voz ao agente na estrutura social, Bourdieu parte do sujeito estruturalista submerso na estrutura para o surgimento do agente social inserido em uma determinada estrutura social desde o nascimento. Em tal estrutura, o agente cresce aprendendo e apreendendo estratégias de sobrevivência que vão sendo recriadas, desenvolvidas e modificadas ao longo de sua vida.

Na contrapartida, a crítica ao existencialismo sartriano encontra-se centrada, sobretudo, na ação livre individual como possibilidade de transformação da sociedade presente, principalmente, na “Crítica da Razão Dialética” (1960). Segundo Bourdieu, ao propor a ação individual alicerçada na consciência e na liberdade, o existencialismo concebe um sujeito que ao agir livremente é compreendido como uma consciência sem inércia e sem constrangimentos. Nas palavras do autor, “[...] como o objetivismo universaliza a relação erudita ao objeto da ciência, o subjetivismo universaliza a experiência que o sujeito do discurso erudito faz de si mesmo como sujeito⁷⁷.” Apesar da tentativa sartriana em assimilar a filosofia marxista ao existencialismo e de aceitar a existência de sínteses passivas no universo previamente significado, entende que o filósofo não consegue aceitar qualquer outra proposta teórica que possa questionar ou embaralhar os limites que busca manter “[...] entre a

⁷⁶BOURDIEU, P. *Le sens pratique*. Paris: Les Éditions Minuit, 1980. p. 51-70.

⁷⁷Tradução nossa. No original: “[...] comme l’objectivisme universalise le rapport savant à l’objet de la science, le subjectivisme universalise l’expérience que le sujet du discours savant se fait de lui-même en tant que sujet.” In: BOURDIEU, P. *Le sens pratique*. Paris: Les Éditions Minuit, 1980. p. 77.

transparência pura do sujeito e a opacidade mineral da coisa.”⁷⁸ Significa compreender que a crítica bourdieusiana salienta a conservação da dualidade entre a consciência livre e a materialidade das condições sociais. A tensão sartriana entre consciência, liberdade e política se mantém nas tensões por trás do discurso dialético entre a materialidade e a práxis, entre a inércia do grupo reduzido à sua essência e a criação continuada do projeto coletivo em uma série de atos decisórios necessários para a transformação revolucionária do grupo social.⁷⁹

O mundo social, lugar desses compromissos ‘bastardos’ entre a coisa e o sentido que definem o ‘sentido objetivo’ como sentido feito coisa e as disposições como sentido feito corpo, constitui um verdadeiro desafio para quem não respira senão no universo puro da consciência ou da ‘práxis’.⁸⁰

Na concepção bourdieusiana, a proposta de uma teoria social apresentada pelo existencialismo sartriano não consegue superar sua base fenomenológica, pois termina propondo uma visão da realidade social alicerçada na concepção de um sujeito puro, sem laços e sem raízes.⁸¹ Isto é, a proposta de uma consciência auto-constituída e criadora de mundos na compreensão da experiência social sartriana é considerada como sendo limitada e parcial desde o ponto de vista de que uma subjetividade é formada a partir dos constrangimentos promovidos pelas desigualdades. Para o autor, portanto, o estruturalismo e o existencialismo são considerados pouco apropriados e limitados, se tomados isoladamente, para construir o conhecimento do mundo social a partir da experiência concreta. A oposição bourdieusiana tanto ao objetivismo em sua vertente estruturalista como ao subjetivismo em sua vertente existencialista cumpre com o objetivo de apresentar a proposta teórica que o autor constrói, a qual termina por

⁷⁸Tradução nossa. No original: “[...] entre la transparence pure du sujet et l’opacité minérale de la chose.” In: BOURDIEU, P. *Le sens pratique*. Paris: Les Éditions Minuit, 1980. p. 73.

⁷⁹ BOURDIEU, P. *Le sens pratique*. Paris: Les Éditions Minuit, 1980. p.76.

⁸⁰Tradução nossa. No original: “Le monde social, lieu de ces compromis ‘bâtards’ entre la chose et le sens qui définissent le ‘sens objectif’ comme sens fait chose et les dispositions comme sens fait corps, constitui un véritable défi pour qui ne respire que dans l’univers pur de la conscience ou de la ‘práxis’.” In: BOURDIEU, P. *Le sens pratique*. Paris: Les Éditions Minuit, 1980. p. 73-74.

⁸¹ BOURDIEU, P. *Le sens pratique*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980. p. 77.

denominar como “construtivismo estruturalista ou estruturalismo construtivista”.⁸²

Por estruturalismo ou estruturalista, quero dizer que existem, no próprio mundo social e não apenas nos sistemas simbólicos – linguagem, mito, etc.-, estruturas objetivas, independentes da consciência e da vontade dos agentes, as quais são capazes de orientar ou coagir suas práticas e representações. Por construtivismo, quero dizer que há, de um lado, uma gênese social dos esquemas de percepção, pensamento e ação que são constitutivos do que chamo de *habitus* e, de outro, das estruturas sociais, em particular do que chamo de campos e grupos, e particularmente do que se costuma chamar de classes sociais.⁸³

O pensamento norteador da obra bourdieusiana encontra-se sustentado na inserção do agente social, posicionando-o nas estruturas sociais ao mesmo tempo em que as estruturas são consideradas tanto constituintes desse agente como também constituídas pelo mesmo. Portanto, compreender o pensamento bourdieusiano implica em considerar uma visão da realidade social fundamentada pelas estruturas sociais externas e pelas estruturas sociais incorporadas pelos agentes sociais, constituindo-se a partir de uma relação dialética entre agente e realidade social. Significa dizer que tal proposta contempla tanto o sentido objetivo das estruturas sociais externas e independentes da consciência e da vontade dos agentes como o sentido subjetivo das experiências vividas, das crenças, dos pensamentos e da visão de mundo dos mesmos. Instigado a pesquisar os mecanismos subjacentes à reprodução das desigualdades sociais, o autor busca compreender a posição ocupada pelo agente na estrutura social na qual se encontra inserido, assim como a rede estrutural na qual se encontra enredado.

Em tal configuração, a análise das práticas nas quais as ações dos agentes estão alicerçadas pode ser considerada o ponto de inflexão para uma nova proposta de análise social. À luz do construtivismo estruturalista ou do estruturalismo construtivista, com o qual se afina a presente dissertação, a

⁸² Aveso a classificações e a rótulos, o autor é provocado a nomear seu pensamento. A tal provocação, o autor responde nomeando-o de construtivismo estruturalista ou estruturalismo construtivista em uma conferência proferida na Universidade de San Diego em 1986. In: BOURDIEU, P. Espaço social e poder simbólico. In: _____. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 149.

⁸³ BOURDIEU, P. Espaço social e poder simbólico. In: _____. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990. p.149.

proposta de uma teoria da prática ou praxiologia como sendo uma via de acesso ao conhecimento do mundo social, introduz as noções de *habitus*, campo e capital. Tal tríade de noções pode ser considerada como sendo o núcleo duro de sua teoria.

2 TEORIA DA PRÁTICA E AS NOÇÕES DE HABITUS, CAMPO E CAPITAL

“[...] il faut prendre les concepts aux sérieux, les contrôler, et surtout les faire travailler sous contrôle, sous surveillance, dans la recherche. C’est ainsi qu’ils s’améliorent peu à peu, et non par le contrôle logique pur, qui les fossilise. Un bon concept [...] détruit beaucoup des problèmes [...] et en fait surgir beaucoup d’autres, mais réels. Lorsqu’il est bien construit et bien contrôlé, il tend à se défendre lui-même contre les réductions.”⁸⁴

A teoria da prática é apresentada em *Esquisses d’une théorie de la pratique* (1972), em *La distinction* (1979) e em *Le Sens Pratique* (1980),⁸⁵ como uma alternativa epistemológica a respeito do conhecimento do mundo social. Instigado pela necessidade de investigar tanto as estruturas subjacentes nos mundos sociais como os mecanismos de transformação ou reprodução⁸⁶ das desigualdades, pode-se dizer conforme Martins⁸⁷ que a apreensão da prática das ações humanas tornou-se o ponto de partida a partir do qual o autor busca estabelecer uma relação dialética entre teoria e prática. Por meio das análises etnográficas empreendidas durante sua estadia em Cabília (Argélia) às quais se acrescentam as pesquisas realizadas na região de Béarn (França), Bourdieu⁸⁸ propõe retirar a prática de uma existência considerada como epistemologicamente inexistente. A prática, portanto, é assumida como a categoria básica de análise na construção de uma teoria social voltada para a compreensão da complexa relação agente e meio social. Pode-se colocar que

⁸⁴BOURDIEU, P. *Le marché linguistique*. In: **Questions de sociologie**. Paris: Les Éditions de Minuit, 2002. p. 121. Tradução nossa: “[...] É preciso levar os conceitos a sério, controlá-los e, sobretudo, fazê-los trabalhar sob controle, sob vigilância, na pesquisa. É assim que eles melhoram pouco a pouco e não pelo controle lógico puro que os fossiliza. Um bom conceito [...] destrói muitos problemas [...] fazendo surgir deles muitos outros, porém reais. Quando é bem construído e bem controlado, ele tende a se defender ele mesmo contra as reduções.”

⁸⁵Segundo Martinez, em *Esquisse d’une théorie de la pratique* (1972), Bourdieu destaca a pesquisa realizada em Cabília, em torno da qual elabora a discussão com o estruturalismo e a fenomenologia, enquanto que em *Le sens pratique* (1980) as pesquisas realizadas não somente na Argélia, mas também no interior francês, a respeito da fotografia, dos museus e a respeito do gosto (tema de pesquisa da obra *La distinction*) encontram-se integradas à discussão teórica que propõe. In: MARTINEZ, A.T. **Pierre Bourdieu: razones y lecciones de una práctica sociológica**. Buenos Aires: Manantial, 2007. p.219-220.

⁸⁶BOURDIEU, P. **La Nobleza de Estado: Educación de élite y espíritu de cuerpo**. Buenos Aires: Siglo XXI editores, 2013. p.13.

⁸⁷MARTINS, C. B. Sobre a noção da prática. **Novos Estudos**, São Paulo: CEBRAP, março 2002, nº 62, p.163-181. Disponível em: novosestudios.org.br/v1/issues/view/96. Acesso em: 31 de julho 2015.

⁸⁸BOURDIEU, P. **Le sens pratique**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980. p.20-22.

a busca pelo entendimento a respeito da maneira como é realizada a apreensão da realidade foi o fio condutor que permitiu relevar o senso prático das ações dos agentes, situando-o como um ponto relevante na constituição e conservação das relações sociais. Assim, na construção da teoria social bourdieusiana, a conjunção entre intuição etnológica, observação e análise das pesquisas realizadas na década de sessenta conduziu o autor a incluir, nas análises etnológicas, as práticas geralmente desconsideradas pelas teorias em vigor.⁸⁹

A crítica bourdieusiana aos dois modos de conhecimento - o objetivista e o subjetivista – recai sobre a redução que ambos os pressupostos teóricos terminam por realizar ao propor a primazia das estruturas objetivas ou a primazia do indivíduo e da experiência primeira em detrimento das estruturas sociais. O questionamento bourdieusiano ressaltando tais limites, busca demonstrar a insuficiência de suas análises por não conseguirem apreender o senso prático das ações dos agentes. O senso prático com Bourdieu passa a ser considerado como sendo o propulsor das ações constituintes das relações sociais tidas como dadas – caso dos rituais, por exemplo - e, assim, impensadas do cotidiano. A partir disso, o senso prático é concebido pelo autor como sendo a chave teórica para apreender os mecanismos que se encontram subjacentes na reprodução das desigualdades sociais. Por um lado, o objetivismo, identificado com o estruturalismo, ao priorizar as estruturas, o sistema de regras e de relações já estabelecidas previamente aos atos dos agentes tanto exclui as condições da experiência primeira formadora dessas estruturas como termina por analisar as práticas a partir de sua exterioridade, isto é, “[...] como uma reação mecânica sem agente [...]”.⁹⁰ Por outro lado, o

⁸⁹As práticas às quais o autor se refere são, por exemplo, a observação e a análise da estrutura e a orientação no tempo (divisões do ano, da jornada, da vida humana), a estrutura e a orientação no espaço (o espaço interno da casa, os jogos infantis e os movimentos do corpo, as cores e as interpretações tradicionais dos sonhos, entre outros). Assim como as práticas simbólicas, tais como entrar e sair, esvaziar e encher, abrir e fechar, entre outras. A novidade disto, segundo o autor, diz respeito à amplitude da possibilidade das correlações que poderiam ser feitas, como por exemplo, “[...] à tous les liens qui, par intermédiaire de l’opposition entre l’oncle paternel et l’oncle maternel, s’établissent entre le système officiel des relations de parente et le système mythico-rituel.” In: BOURDIEU, P. **Le sens pratique**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980. p.21.

⁹⁰Tradução nossa. No original: “[...] como una reacción mecánica “sin agente” [...]” In: BOURDIEU, P. & WACQUANT, L. **Una invitación a la sociología reflexiva**. Buenos Aires: Siglo XXI editores, 2005.p.161.

subjetivismo, identificado com a fenomenologia, ao se propor a analisar a experiência primeira não consegue ir além da descrição dessa experiência. Significa dizer que ao considerar o mundo como evidente, tal teoria exclui as condições de possibilidade dessa experiência. Em outras palavras, ao analisar a prática dos agentes, o subjetivismo considera a ação dos agentes como sendo ações deliberadas e livres de uma intenção da consciência. A despeito de reconhecer a validade de ambos os polos de conhecimento, o que a teoria prática bourdieusiana propõe é “[...] retornar à prática, lugar da dialética do *opus operatum* e do *modus operandi*, dos produtos objetivados e dos produtos incorporados da prática histórica, das estruturas e dos *habitus*.”⁹¹

O retorno à prática proposto pelo autor implica na elaboração de uma teoria da prática a qual pudesse superar ambas as linhas teóricas, mas ao mesmo tempo, que pudesse conservar parte de cada uma delas integrando-as numa relação dialética entre “senso objetivo e senso vivido”, de maneira que pudesse captar o “senso prático das ações ou senso do jogo social constituído”.⁹² Gutiérrez⁹³ sublinha que o autor ao voltar-se para a análise das ações dos agentes busca ressaltar das mesmas a lógica da prática, propondo para alcançar esse propósito, o modo de conhecimento denominado de praxiologia. A praxiologia, portanto, contempla tanto o sistema de relações objetivas construídas pelo objetivismo e as relações dialéticas entre essas estruturas como as disposições estruturadas por meio das quais se atualizam e se reproduzem.⁹⁴ Embora o termo praxiologia apareça somente na obra *Esquisse d'une théorie de la pratique* (1972) e não reapareça em *Le sens pratique* (1980), interessa compreender que a teoria da prática bourdieusiana propõe uma ruptura epistemológica com as propostas teóricas vigentes à sua época. Tanto em uma obra com na outra, ressalta-se o interesse teórico alicerçado na motivação do autor em superar as dicotomias das teorias sociais

⁹¹Tradução nossa. No original: “[...] il faut revenir à pratique lieu dialectique de l'*opus operatum* et du *modus operandi*, des produits objectivés et des produits incorporés de la pratique historique, des structures et des *habitus*.” In: BOURDIEU, P. **Le sens pratique**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980. p.88.

⁹²BOURDIEU, P. **Le sens pratique**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980. p. 45-46.

⁹³GUTIÉRREZ, A. B. **Las prácticas sociales: una introducción a Pierre Bourdieu**. Córdoba: Ferreyra Editor, 2005. p.113-115.

⁹⁴BOURDIEU, P. **Esquisse d'une théorie de la pratique**. Paris: Éditions du Seuil, 2000. p.234-236.

com o objetivo de encontrar meios para, no mínimo, propor um caminho teórico prático que visasse a diminuição das desigualdades sociais. Encontrando no senso prático a chave para compreender as ações dos agentes sociais, Bourdieu passa a analisar as ações não como sendo uma reação mecânica ou autômata e nem como o resultado de uma consciência livre, mas como sendo a conjunção de ambos. Tal compreensão permite-lhe partir do pressuposto que os objetos do conhecimento são construídos a partir de “[...] um sistema socialmente constituído de disposições estruturadas e estruturantes adquiridas na prática e constantemente dirigidas a funções práticas”.⁹⁵

Na esteira da proposta dessa teoria da prática torna-se relevante colocar que a mesma implica tanto em uma ruptura teórica com uma determinada visão da realidade social como também implica em uma ruptura metodológica e conceitual. Conforme Peters, se por um lado a praxiologia rompe com as representações espontâneas do agente social como seu modo de apreender as estruturas nas quais se encontra imerso enquanto posição e por meio das quais é compelido a agir, reagir, experienciar e representar. Por outro lado, esse procedimento objetivista é complementado por um momento subjetivista de apreensão dessas estruturas buscando a “[...] recuperação das intenções e significações práticas que animam as mentes e corpos dos atores”.⁹⁶ Bourdieu com tal proposta busca apreender a complexidade do mundo social, propondo-se a elaborar um constructo teórico que pudesse abarcar os elementos de tal realidade, os quais são praticados impensadamente pelos agentes sociais.

A produção intelectual bourdieusiana é erguida a partir da *pro-vocação* em pesquisar, buscar e esmiuçar as estruturas subjacentes no mundo social, cujos mecanismos propiciam a reprodução das desigualdades sociais.⁹⁷ A

⁹⁵Tradução nossa. No original: “[...] un sistema socialmente constituído de disposiciones estructuradas y estructurantes adquirido en la práctica y constantemente dirigido a funciones prácticas.” In: BOURDIEU, P. & WACQUANT, L. *Una invitación a la sociología reflexiva*. Buenos Aires: Siglo XXI editores, 2005.p.161.

⁹⁶PETERS, G. Explicação, Compreensão e Determinismo na sociologia de Pierre Bourdieu. **Estudos de Sociologia**, Recife, v.2, n.17, mar. 2013. Disponível em: <http://www.revista.ufpe.br/revsocio/index.php/revista/article/view/39/30>. Acesso em: 30 de outubro 2015.

⁹⁷Com esse intuito, o empreendimento teórico prático bourdieusiano realizou uma vasta pesquisa nos mais diversos campos sociais, tais como, o literário, o escolar, o universitário, o intelectual, entre outros.

teoria da prática, por meio das ações dos agentes⁹⁸ enquanto categoria de análise busca alcançar um duplo objetivo, a saber, a possibilidade de apreender tanto as estruturas sociais como a introdução da noção de agente social sob a égide do pensamento relacional. Embora tenha como ponto de partida o interesse em estabelecer uma mediação entre agente social e sociedade, o interesse bourdieusiano não está focado no resultado produzido pelas práticas, mas em seu [...] “*modus operandi*, ou seja, na análise do próprio ato de constituição e realização das práticas”.⁹⁹ No intuito de alcançar esse objetivo, Bourdieu depara-se com a necessidade de identificar “o princípio gerador (*principium importans ordinem ad actum*, como dizia a escolástica) capaz de orientar as práticas de maneira às vezes inconsciente e sistemática [...]”¹⁰⁰ por meio da apreensão da lógica da prática advinda da análise das práticas. Ao realizar tal propósito torna-se possível restabelecer o papel do agente não mais como um sujeito submerso nas regras das estruturas sociais, mas como aquele que participa ativamente da conservação ou modificação das mesmas por meio do senso prático de suas ações.

A insistência na lógica da prática instiga a pensar o senso prático das ações a partir de uma lógica diferente da lógica. Isto é, refere-se à lógica da prática como sendo o senso prático que se encontra imanente às ações dos agentes antes mesmo de serem pensadas porque são incorporadas¹⁰¹. Portanto, as práticas são conhecidas do agente não por uma relação de

⁹⁸A noção de agente conforme Chevallier e Chauviré busca superar as oposições entre indivíduo/sociedade, subjetivo/objetivo entre outras, assim como as antinomias que são conduzidas por essas oposições tidas como concepções mentalistas das relações do homem com o mundo, com os outros e consigo mesmo. In: CHEVALLIER, S. & CHAUVIRÉ, C. **Diccionario Bourdieu**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2011. p.23-24.

⁹⁹MARTINS, C. B. Sobre a noção da prática. **Novos Estudos**, São Paulo: CEBRAP, março 2002, nº 62, p.169. Disponível em: novosestudos.org.br/v1/issues/view/96. Acesso em: 31 de julho 2015.

¹⁰⁰BOURDIEU, P. **Le sens pratique**. Paris: Éditions de Minuit, 1980. p.22.

¹⁰¹“L’idée de logique pratique, logique en soi, sans réflexion consciente ni controle logique, est une *contradiction dans les termes*, qui défie la logique logique. Cette logique paradoxale est celle de toute pratique ou, mieux, de tout *sens pratique*: hapée par ce *dont il s’agit*, totalement présente au présent et aux fonctions pratiques que’elle y découvre sous la forme de potentialités objectives, la pratique exclut le retour sur soi (c’est-à-dire sur le passé), ignorant les principes qui la commandent et les possibilités que’elle enferme et qu’elle ne peut découvrir qu’en les agissant, c’est-à-dire en les déployant dans le temps.” In: BOURDIEU, P. **Le sens pratique**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980. p.154.

exterioridade e de objetivação, mas simplesmente porque elas são atuadas.¹⁰² Tal ponto é crucial na teoria social bourdieusiana, pois o senso prático das ações dos agentes pode ser considerado como sendo o ponto chave que alicerça as noções desenvolvidas: *habitus* campo e capital.

2.1. A NOÇÃO DE HABITUS E A MEDIAÇÃO COM O MEIO SOCIAL

2.1.1 *Habitus*: uma breve trajetória do conceito

No intuito de encontrar uma solução para o nó obscuro que se encontra na maneira como apreendemos a realidade que nos circunda, o autor propõe a noção de *habitus* como sendo o princípio gerador que impulsiona nossas práticas geradoras de ações por meio do qual apreendemos a realidade social. Com isso, a noção de *habitus* bourdieusiana pode ser considerada como a principal chave conceitual de seu empreendimento teórico. O *habitus* não é uma noção nova no pensamento ocidental, Bourdieu em alguns momentos¹⁰³ ao longo de sua obra cita a trajetória desta noção presente desde a filosofia aristotélica. Sem a pretensão de realizar uma genealogia do conceito, é interessante traçar brevemente o percurso percorrido pelo conceito ao longo da tradição intelectual, cujo objetivo é visualizar minimamente as várias formas de tratamento teórico.

Wacquant¹⁰⁴ assinala a raiz aristotélica do termo presente na noção de *hexis* apresentada na “Ética a Nicômano”. Segundo o autor, em tal obra, a *hexis* aristotélica é apresentada na argumentação a respeito da virtude, na qual é compreendida como sendo o conjunto de disposições duradouras aprendidas a partir das experiências repetidas e constantes vividas por dado indivíduo orientando suas ações e, com isso, seu comportamento. No século XIII a noção

¹⁰²“Il le comprend en un sens trop bien, sans distance objetivante, comme allant de soi, précisément parce qu’il fait corps avec lui, qu’il habite comme un habit ou un habit familial.” In: BOURDIEU, P. *Méditations pascaliennes*. Paris: Éditions du Seuil, 2003. p.206.

¹⁰³Podemos referir dois desses momentos nos quais o autor faz referência a essa colocação: BOURDIEU, P. A Gênese dos conceitos. In: **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1989. p.60-62; HONNETH, A; KOCYBA, H. & SCHWIBS, B. “The Struggle for Symbolic Order an Interview with Pierre Bourdieu.” In: **Theory, Culture & Society**, vol.3, n.3, nov, 1986;

¹⁰⁴WACQUANT, L. Esclarecendo o habitus. **Educação & Linguagem**, ano 10, n.16, p.63-71, jul-dez, 2007.

de *hexis* é traduzida para o latim como *habitus*¹⁰⁵ na “Suma Teológica” por São Tomás de Aquino, a partir do qual passa a ser concebida como a capacidade de transformar as habilidades presentes como potência em atos por meio da reiteração prática e contínua das ações. Na interpretação escolástica da *hexis* aristotélica, o *habitus* é acrescido da concepção de qualidade operada em ação, isto é, da capacidade de crescer por meio da atividade realizada. O termo passa a ser trabalhado posteriormente por Émile Durkheim no estudo a respeito da pedagogia francesa; por Marcel Mauss no livro sobre as técnicas do corpo; por Max Weber na discussão a respeito do ascetismo religioso; por Norbert Elias, no trabalho que realiza a respeito dos hábitos psíquicos das pessoas civilizadas; por Erwin Panofsky no estudo que realiza a respeito da arquitetura gótica, quando aborda o *habitus* como explicação do efeito do pensamento escolástico.

No campo da filosofia moderna e contemporânea ressalta-se a fenomenologia husserliana, a qual introduz o vocábulo *habitus* (*Häbitualität*) como sendo o conceito mediador entre os diferentes graus de objetivação presentes desde a experiência primeira até o grau mais formalizado da ciência. Segundo Martinez,¹⁰⁶ o *habitus* husserliano assume o papel de mediador entre o que está dado e a atividade do conhecimento, mantendo os resultados disponíveis e duradouros e preparando o próximo nível de formalização. Na esteira da fenomenologia e, apesar de não ter empregado o termo *habitus* no *corpus* de sua obra, destaca-se na filosofia de Maurice Merleau-Ponty, a “Fenomenologia da Percepção (1999)” na qual faz referência ao hábito. Em tal obra, o filósofo ao tratar do corpo vivido enquanto veículo do ser no mundo identifica, no nível pré-reflexivo, uma unidade de sentido que possibilita ao corpo apreender aspectos do mundo, os quais não passam pela consciência. Os hábitos (*habitudes*), portanto, não podem ser considerados nem conhecimento e nem meros automatismos, mas podem ser entendidos como um saber corporal antes da consciência pelo qual se apreende nossa

¹⁰⁵ *Habitus* é o participio passado do verbo *habere*, cujo significado é ter ou possuir. In: MORA, J.F. **Diccionario de filosofia**. Tomo II. Barcelona: Editorial Ariel, 2009. p.1543-1544.

¹⁰⁶ MARTINEZ, A.T. **Pierre Bourdieu: razones y lecciones de una práctica sociológica**. Buenos Aires: Manantial, 2007. p.149-150.

ancoragem no mundo.¹⁰⁷ Convém referir que outros pensadores abordaram o mesmo tema a partir de outras terminologias e convergindo para o mesmo fim: compreender o nó obscuro que se encontra entrelaçado na captação do meio social por parte do indivíduo.

Apesar de não ser o objetivo de abordar as influências recepcionadas por Bourdieu nesta dissertação, é inegável que essas discussões teóricas e seus respectivos referenciais encontram-se de alguma maneira entretecidos na construção da concepção de *habitus* desenvolvido desde as pesquisas etnológicas dos rituais do casamento realizadas na década de sessenta. Em “A Gênese dos conceitos”,¹⁰⁸ o autor esclarece que a escolha por um termo tradicional pouco aprofundado ocorreu devido à força teórica que o mesmo apresentava no que diz respeito ao objetivo da pesquisa que buscava empreender. Associado a esse interesse, encontra-se a intenção teórica afinada com aqueles que ao longo da tradição como ele almejavam o afastamento da filosofia da consciência e do sujeito sem, no entanto, anular o agente enquanto produtor de práticas e construtor de mundos.

Em *Outline of a theory of practice*¹⁰⁹, o autor reforça a intenção de usar o termo *habitus* com o objetivo de afastá-lo do uso comumente conhecido – hábito -, o qual geralmente encontra-se associado a reflexos mecânicos ou com tendências fixas condutoras de respostas idênticas a estímulos idênticos. Com isso salientamos que o *habitus* bourdieusiano percorre outro caminho. A noção trabalhada arduamente busca ao mesmo tempo incorporar e ir além desse significado, tratando-o como um princípio gerador capaz de ser flexível, adaptativo, criativo e versátil o que possibilita a atuação do agente em uma ampla gama de situações e de ambientes sociais. Valendo-se de uma espécie de registro mnemônico incorporado a partir da apreensão das estruturas sociais às quais alicerçam as experiências vividas do agente, o *habitus* é o princípio que possibilita o agir perante novas experiências, assimilando-as e constituindo, com isso, um novo aprendizado.

¹⁰⁷MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p.143-212.

¹⁰⁸BOURDIEU, P. A Gênese dos conceitos. In: _____. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1989. p.62.

¹⁰⁹_____. **Outline of a theory of practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977. p.225.

2.1.2 O *habitus* bourdieusiano

O ponto de partida da noção de *habitus* bourdieusiana ocorre nas primeiras pesquisas etnográficas e etnológicas realizadas tanto na sociedade argelina como na sociedade francesa da região bearnesa, assim como aparece esboçado ao longo das pesquisas realizadas a respeito da fotografia, da frequência dos museus e da universidade. No entanto, é com o estudo da obra “Arquitetura Gótica e Escolástica: sobre a analogia entre arte, filosofia e teologia na Idade Média (1951)”, de Erwin Panofski para a qual escreve o posfácio de edição francesa em 1970, que Bourdieu formaliza o conceito. O interesse de Bourdieu pela obra de Panofski reside na introdução do conceito de hábito mental adotado a partir do conceito de *habitus* apresentado por São Tomás de Aquino. Panofski com tal conceito busca estabelecer uma relação entre pensamento escolástico e arquitetura gótica. Perante a hegemonia da escolástica nas letras, no ensino e na filosofia, o autor percebe a intrínseca relação entre formação intelectual e projetos arquitetônicos.¹¹⁰ Presentes em todas as sociedades de todas as épocas, os hábitos mentais, segundo o autor, são o *modus operandi* tratados como princípios unificadores de práticas diferentes, os quais são operados pelos indivíduos sem que tais indivíduos possuam conhecimento exato a seu respeito.

Conforme Martinez¹¹¹, Bourdieu vê nessa abordagem a possibilidade de superar o objetivismo e ao mesmo tempo a possibilidade de introduzir o agente na proposta de sua teoria social. Além disso, encontra por meio de Panofski a possibilidade de utilizar o *habitus* como um conceito disposicional, uma vez que encontra naquele autor a possibilidade de transformar o conhecimento coletivo - no caso do estudo realizado por Panofski são as obras de arte de uma época as que são relacionadas à prática de uma escola - em inconsciente individual. Por meio da introdução de *habitus* mentais ofertados na análise de Panofski, o

¹¹⁰“Na fase do ‘apogeu’ desse desenvolvimento surpreendentemente síncrono, (...) pode-se detectar, a meu ver, uma relação mais concreta entre a arquitetura gótica e a escolástica do que simples desenvolvimento paralelo, e, no entanto, mais geral que aquelas (importantíssimas) influências individuais que naturalmente terão sido exercidas por conselheiros instruídos sobre pintores, escultores e arquitetos.” In: PANOFSKY, E. **Arquitetura Gótica e Escolástica**. p. 13. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 13-14.

¹¹¹MARTINEZ, A.T. **Pierre Bourdieu; razones y lecciones de una práctica sociológica**. Buenos Aires: Manantial, 2007. p. 94.

autor analisa a incorporação das informações e conhecimento por parte dos agentes-aprendizes durante a formação artística e intelectual, passando a reproduzir aquilo que apreendiam e aprendiam durante sua formação assumindo como dado o pensamento da época e, assim, sendo transmitido.¹¹²

Concebido para articular as estruturas internas do agente e as estruturas externas do mundo social, ponto de mediação entre agente e meio social, o *habitus* na teoria bourdieusiana passa a ser o elemento com o qual se torna possível encontrar a saída para a compreensão da reprodução e da possível transformação das desigualdades. Compreendido como conjunto de esquemas geradores com os quais os agentes percebem o mundo e atuam nele, estes esquemas são construídos a partir das estruturas sociais (campos sociais) nos quais estão inseridos.¹¹³ Socialmente estruturados, os esquemas geradores são formados ao longo da trajetória do agente social supondo sua interiorização ao mesmo tempo em que se configuram em estruturas que produzem as percepções e as ações do agente. Dessa forma, passam a participar da estruturação do campo à medida que as conservam ou as transformam por meio das ações praticadas. O *habitus*, com isso, também é um processo de individuação e socialização¹¹⁴. Por individuação compreende-se a trajetória e localização únicas no mundo social que o agente possui, internalizando ao longo de sua vida, inúmeros esquemas de percepção e cognição. Por socialização compreende-se a assimilação por meio da incorporação das estruturas sociais dos campos social, sendo compartilhadas por todos os agentes pertencentes ao mesmo campo. Significa dizer que os agentes pertencentes ao mesmo campo configuram o pertencimento a tal campo por meio da homologia das experiências e das condições dispostas no mesmo. Assim, ao se identificarem como pertencendo ao mesmo espaço social

¹¹²BOURDIEU, P. Estrutura, habitus e prática. In: _____. **A economia das trocas simbólicas**. Introdução, organização e seleção Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2011. p.346.

¹¹³WACQUANT, L. **Pierre Bourdieu**. In: STONES, R. *Key Contemporary Thinkers*. London: Macmillan, 2006. p. 261-277. Disponível em: loicwacquant.net/assets/Papers/PIERREBOURDIEUStones2007.pdf. Acesso em: 25 janeiro 2016.

¹¹⁴“[...] l'agent réel peut être défini, indifféremment, comme collectif individué par l'incorporation ou comme individu biologique « collectivisé » par la socialisation [...]” In: BOURDIEU, P. **Sociologie**. Disponível em: www.college-de-france.fr/media/pierre-bourdieu.

diferenciam-se pela posição que ocupam e pela maneira como interagem. Tal diferenciação diz respeito ao *habitus* de cada um.

[...] esses sistemas de esquemas de percepção, de apreciação e de ação permitem tanto operar atos de conhecimento prático, baseados no mapeamento e no reconhecimento de estímulos condicionais e convencionais aos quais eles estão dispostos a reagir, como também engendrar, sem posição explícita de fins nem cálculo racional de meios, estratégias adaptadas e incessantemente renovadas, mas nos limites das restrições estruturais dos quais eles são o produto e que os define.¹¹⁵

Enquanto princípio gerador, estruturado e estruturante, impulsionador das práticas dos agentes e formado por elas, o *habitus* não é somente um princípio de ação, mas também é uma estrutura cognitiva formadora de esquemas de classificação e de percepção conformes à ordem social. Tais esquemas são o resultado da interiorização das estruturas mentais ou cognitivas dominantes em um dado campo. Em outras palavras, a apreensão da estrutura social de determinado campo social e sua interiorização estruturam o *habitus*, o qual passa a incorporá-las como uma espécie de segunda natureza. É a razão pela qual Bourdieu refere que “[...] sendo o *habitus* o social incorporado, se encontra ‘em casa’ no campo que habita, percebendo-o dotado de significado e interesse imediatos”.¹¹⁶ Significa dizer que ao compreendê-lo como segunda natureza, o *habitus* provoca o entendimento de elementos do mundo social como sendo naturais e óbvios quando na realidade se constituem no resultado da construção social realizada ao longo do tempo.¹¹⁷

¹¹⁵Tradução nossa. No original: “[...] ces systèmes de schèmes de perception, d’appréciation et d’action permettent d’opérer des actes de connaissance pratique, fondés sur le réperage et la reconnaissance des stimuli conditionnels et conventionnels auxquels ils sont disposés à réagir, et d’engendrer, sans position explicite de fins ni calcul rationnel des moyens, des stratégies adaptées et sans cesse renouvelées, mais dans les limites des contraintes structurales dont ils sont le produit et qui les définissent.” In: BOURDIEU, P. *Méditations pascaliennes*. Paris: Éditions de Seuil, 2003. p. 200.

¹¹⁶Tradução nossa. No original: “[...] Siendo el *habitus* lo social encarnado, se encuentra ‘en casa’ en el campo que habita, lo percibe dotado de significado e interés inmediatos.” In: BOURDIEU, P. & WACQUANT, L. *Una invitación a la sociología reflexiva*. Buenos Aires: Siglo XXI editores, 2008. p. 169.

¹¹⁷Podemos visualizar essa colocação pela tendência tácita que o agente social possui de compreender como natural a exigência de dominar um idioma estrangeiro como condição *sine qua non* para participar em determinado campo social. Perante essa exigência, o agente social busca cumpri-la sem se questionar se é somente essa a única exigência para

Pode-se colocar como exemplo disso as classificações entre o belo e o feio, o adequado e o inadequado, o bom e o mau, categorias e avaliações a partir das quais serão impulsionadas as ações e as posições dos agentes. Com isso, salienta-se que as ações do agente não são nem ações livres e conscientes nem meros reflexos da estrutura, mas compreende-se como o encontro de duas histórias, uma iniciada desde que foi introduzido no mundo ao nascer – história individual - a outra que é a história acumulada da estrutura social do campo no qual está inserido – história coletiva.¹¹⁸ Nem guiados por condicionamentos externos, nem por intenções internas, o *habitus* dos agentes são “[...] produto da história, da história do campo social em seu conjunto e da experiência acumulada por um trajeto dentro de um subcampo específico.”¹¹⁹

Convém colocar que a pesquisa bourdieusiana almejava superar as dicotomias presentes nas teorias sociais de sua época, cujo objetivo visava *des-cobrir* os mecanismos subjacentes nos processos de reprodução e, com isso, rastrear as possibilidades de transformação das desigualdades sociais. Em tal contexto, a noção de *habitus* é a concepção teórica a qual surge como uma possibilidade de enfrentar os constrangimentos e os condicionamentos dos campos sociais. Nesse sentido, as pesquisas realizadas sobre a frequência nos museus, os gostos, a costura, a fotografia, as instituições escolares entre outras, permitiram-lhe identificar tanto a reprodução como a possibilidade de transformação. Significa dizer que, apesar das mesmas condições de existência produzir práticas e estilos homólogos entre si, os quais tendem a se repetir por meio da cumplicidade tácita do *habitus* e do campo, o *habitus* encerra consigo uma espécie de potência geradora - transformadora e singular, ainda que tenha a tendência conservadora de reproduzir a lógica objetiva dos condicionamentos por meio de práticas (ações). Isto é, mesmo que tenhamos a tendência a repetir ações ou comportamentos existe sempre a possibilidade do imprevisível, da reação contrária às forças conservadoras do campo social

participar desse campo ou se a mesma é cabível, entre outros questionamentos possíveis. Simplesmente cumpre com o que está estabelecido muitas vezes de maneira implícita.

¹¹⁸BOURDIEU, P. *La distinction*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1979, p.540-552.

¹¹⁹Tradução nossa. No original: “[...] producto de la historia, de la historia del campo social en su conjunto y de la experiencia acumulada por un trayecto dentro de un subcampo específico.” In: BOURDIEU, P. & WACQUANT, L. *Una invitación a la sociología reflexiva*. Buenos Aires: Siglo XXI editores, 2008. p. 177.

possibilitando transformações tanto em sua status pessoal como no status do campo social no qual o agente está inserido.

Princípio de uma autonomia real em relação às determinações imediatas pela 'situação', o *habitus* não é um tipo de essência a-histórica, cuja existência somente seria o desenvolvimento, enfim um destino de uma vez por todas definido. Os ajustamentos que são sem parar impostos pela necessidade da adaptação a situações novas e imprevistas, podem determinar transformações duráveis do *habitus*, mas que permanecem em certos limites: entre outras razões porque o *habitus* definiu a percepção que o determina.¹²⁰

Produto da história ao mesmo tempo em que produz história, incorporação de esquemas de percepção, de ação e de apreciação, o *habitus* é história encarnada e inscrita no corpo, a qual ocorre por meio das experiências passadas e atualizadas no ato presente da ação impensada (senso prático).¹²¹ Pode-se dizer que o *habitus* é o nó de relações assimiladas pela disposição do agente, ou seja, há sempre o singular na maneira como e naquilo que é incorporado do campo social por parte do agente social. A visão bourdieusiana comporta, portanto, um agente ativo e não passivo perante as estruturas que o envolvem. Conforme o autor, “[...] os agentes sociais somente são determinados na medida em que se determinam a si mesmos”.¹²² Enredado na teia estrutural social, o agente é determinado a se determinar inconscientemente por meio das categorias de percepção, apreciação e ação as quais apreendem as relações estruturais do campo social. Ao mesmo tempo, a partir do momento em que percebemos que somos nós mesmos que

¹²⁰Tradução nossa. No original: “Principe d’une autonomie réelle par rapport aux déterminations immédiates par la ‘situation’, l’habitus n’est pas pour autant une sorte d’essence anhistorique dont l’existence ne serait que le développement, bref un destin une fois pour toutes défini. Les ajustements qui sont sans cesse imposés par les nécessités de l’adaptations à des situations nouvelles et imprévues, peuvent déterminer des transformations durables de l’habitus, mais qui demeurent dans certains limites: entre autres raisons parce que l’habitus définit la perception de la situation qui le détermine.” In: BOURDIEU, P. *Le marché linguistique*. In: _____. **Questions de sociologie**. Paris: Les Éditions de Minuit, 2002, p.135.

¹²¹“Le rapport doxique au monde natal, cette sorte d’engagement ontologique qu’instaure le sens pratique, est une relation d’appartenance et de possession dans laquelle le corps approprié par la histoire s’approprie de manière absolue et immédiate les choses habitées par la même histoire.” In: BOURDIEU, P. *Le mort saisit le vif [Les relations entre l’histoire réifiée et l’histoire incorporée]*. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v.32-33, avril/juin 1980. Disponível em: www.persee.fr. Acesso em 15 set 2015.

¹²²Tradução nossa. No original: “[...] los agentes sociales son determinados sólo en la medida en que se determinan a sí mismos.” In: BOURDIEU, P. **Una invitación a la sociología reflexiva**. Buenos Aires: Siglo XXI editores, 2002. p.177.

alimentamos a situação para que ela aja sobre nós, altera-se a percepção que temos a respeito da situação, capacitando-nos para intervir - mesmo que até certo ponto - na relação de cumplicidade imediata entre posição e disposição. Considerando o *habitus* como uma estrutura estruturante, a capacidade transformadora almejada é entendida sempre como limitada ao jogo do campo social no qual o agente social está inserido. Noção complexa, trabalhada e retrabalhada ao longo da obra do autor, o *habitus* constitui-se no *tour de force* teórico, o qual só faz sentido quando relacionado a um campo e ao capital.

2.2 NOÇÃO DE CAMPO

Em relação à noção de *habitus*, a noção de campo surge tardiamente na obra bourdieusiana. Referindo-se à trajetória da noção de campo, Bourdieu¹²³ assinala o surgimento da mesma por ocasião da análise do texto weberiano a respeito da sociologia da religião. Somam-se a tal análise, as pesquisas sobre a sociologia da arte que realizava desde a década de sessenta. Interessado em compreender os processos de produção cultural, sobretudo literária, no que diz respeito à ideia de autonomia especialmente em relação ao fator econômico, o autor assinala três textos seminais na evolução da noção de campo que elaborou: “Campo intelectual e projeto criador (1966)”, “Campo do poder, campo intelectual e habitus de classe (1971)” e “O mercado dos bens simbólicos (1971)”.¹²⁴ Contudo, é na obra “As Regras da Arte: gênese e

¹²³HONNETH, A; KOCYBA, H. & SCHWIBS, B. “The Struggle for Symbolic Order an Interview with Pierre Bourdieu.” In: ***Theory, Culture & Society***, vol.3, n.3, nov./1986; BOURDIEU, P. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. Lisboa: Editorial Presença, 1996. p.207-215.

¹²⁴“Eu fizera uma primeira apresentação provisória dos princípios metodológicos das investigações sobre os campos literários, artístico e filosófico, que tiveram seu começo no quadro de um seminário realizado na École Normale Supérieure entre os anos 60 e 80, em três artigos complementares: “Champ intellectuel et projet createur”, *Les Temps modernes*, n. 246, 1966, pp. 865-906; “Champ du pouvoir, champ intellectuel et habitus de classe”, *Scolies*. n. 1, 1971, pp. 7-26, e “Le marche des biens symboliques”, *Année Sociologique*, n. 22, 1971. pp. 49-126. Aos usuários eventuais desses trabalhos devo dizer que o primeiro desses textos parece-me a uma só vez essencial e ultrapassado: avança proposições centrais referentes a gênese e a estrutura do campo, e alguns dos desenvolvimentos mais recentes de meu trabalho, assim como tudo que se refere aos pares de oposições que funcionam como matrizes de lugares-comuns, de tópicos, aí se encontram anunciadas; mas contém dois erros que o segundo artigo visa corrigir; ele tende a reduzir as relações objetivas entre as posições às interações entre os agentes e deixa de situar o campo de produção cultural no campo do poder, deixando escapar, assim, o princípio real de algumas de suas propriedades. Quanto ao terceiro, revela, sob uma forma por vezes um pouco

estrutura do campo literário (1992)” que a referida noção é assimilada definitivamente dentro de seu *corpus* teórico, ganhando contornos que lhe permitiram pensar em elaborar uma teoria geral dos campos. Martinez refere que o autor com esta obra apresenta tal noção em um nível de maior objetivação, ou seja, permitindo-se “[...] analisar a política apoliticamente, a religião de maneira não religiosa, a arte para além de suas sublimações”.¹²⁵ Significa dizer que por meio da noção de campo, o autor rompe com a visão por vezes ilusória da autonomia e do desinteresse pela questão econômica e, portanto, a ausência de lutas e de dominação decorrentes de tal desinteresse presentes no campo literário e artístico.¹²⁶

Concebido inicialmente para superar a alternativa entre uma “leitura interna e uma análise externa”¹²⁷ comumente realizada nas ciências culturais – literatura, arte, religião, ciência -, Bourdieu¹²⁸ por meio da análise da estrutura do campo literário, apreende as relações estabelecidas decorrentes da tomada de posições dos agentes sociais no espaço de cada microespaço cultural. No caso do escritor, sua obra literária e o campo literário ao qual pertence, o autor visa relevar as relações de força estabelecidas pelas posições ocupadas entre essas instâncias e a maneira como interferem na criação da obra e na recepção pública da mesma, incluindo o leitor como outra instância de análise. Contudo, a noção de campo não se restringe a análise específica do campo literário, mas pode ser considerado o ponto de partida a partir do qual o autor

abrupta, os princípios que serviram de base aos trabalhos apresentados aqui e a todo um conjunto de pesquisas realizadas por outros.” BOURDIEU, P. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. Lisboa: Editorial Presença, 1996. p.216.

¹²⁵Tradução nossa. No original: “[...] analizar la política apolíticamente, la religión de manera no religiosa, el arte más allá de sus sublimaciones.” MARTINEZ, A.T. *Una indagación sociológica sobre el campo literario. Las Reglas del arte, según Pierre Bourdieu*. In: **Trabajo y Sociedad**, vol. IX, Nº 10, Otoño 2008. Disponível em: <http://www.unse.edu.ar/trabajosociedad>. Acesso em 11 de dezembro de 2015.

¹²⁶Partindo da análise da obra de Gustave Flaubert, o autor analisa a constituição do campo literário francês a partir do final do século XIX o qual se constitui a partir de dado momento como sendo um mundo a parte. Isto é, afirmando a independência do artista em relação a tudo o que fosse ou representasse a burguesia. Realizando uma ampla discussão, Bourdieu tem como objetivo analisar a inter-relação entre produção criativa, política, posição e tomada de posição dos agentes e autonomia. BOURDIEU, P. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. Lisboa: Editorial Presença, 1996. p.67- 103.

¹²⁷O autor refere-se às análises objetivistas e subjetivistas com as quais estava discordando e a partir das quais empreende sua análise e delimita o conceito de campo. BOURDIEU, P. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. Lisboa: Editorial Presença, 2007. p. 239.

¹²⁸_____. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. Lisboa: Editorial Presença, 2007. p. 207-241.

passa a analisar os vários campos constituintes do espaço social. Da mesma forma que passa a vislumbrar a construção de uma teoria geral dos campos¹²⁹, possibilitando analisar o espaço social como o espaço formado por campos ou microcosmos sociais. É o motivo pelo qual a noção de campo pode ser adotada nesta dissertação.

Na esteira de elaborar uma teoria geral dos campos, Bourdieu¹³⁰ salienta um dos aspectos relevantes para compreender e pesquisar os diferentes campos, a saber, a lei geral dos campos. De acordo com o autor, o que possibilita pesquisar campos diferentes como o da política, o da religião, o da filosofia ou da literatura, por exemplo, é a presença de leis que funcionam como invariantes. Assim, a análise a respeito do campo literário permitiu-lhe pesquisar em outros campos as motivações impulsionadoras das lutas ocorridas entre as diferentes posições em dado campo. Ao detectar a presença de leis invariantes, o autor tece a definição de campo como sendo um microespaço social constituído por meio de sistemas de relações objetivas, as quais são constituídas com as posições objetivamente definidas decorrentes da luta pela assunção de posições. Tais posições são reconhecidas sempre em relação à posição dominante seja por parte dos agentes seja por parte das instituições. Significa dizer que as relações objetivamente constituídas em dado espaço e em determinado momento, são constitutivas de campos, os quais por sua vez constituem o espaço social.

Conforme o autor, “em termos analíticos um campo pode ser definido como uma rede ou uma configuração de relações objetivas entre posições”.¹³¹ As posições são por sua vez objetivamente definidas por meio de dois aspectos: pela presença potencial na estrutura de determinado volume de capital, a partir do qual se organiza o acesso a vantagens disponíveis e específicas jogadas no jogo próprio de cada campo e pela relação objetiva estabelecida com outras posições, tais como relações de dominação ou

¹²⁹Segundo o autor, à medida que a pesquisa no campo literário avançou, foi possível identificar “[...] propriedades gerais, válidas nos diferentes campos [...]”. BOURDIEU, P. A Gênese dos conceitos. In: _____. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1989. p.68.

¹³⁰BOURDIEU, P. *Quelques propriétés des champs*. In: _____. **Questions de sociologie**. Paris: Les Éditions de Minuit, 2013.p.113-120

¹³¹BOURDIEU, P. & WACQUANT, L. **Una invitación a la sociología reflexiva**. Buenos Aires: Siglo XXI editores, 2008. p.134.

subordinação.¹³² Contudo, é relevante colocar que antes de tudo um campo é um espaço de forças específicas próprias a cada campo e que são impostas tacitamente àqueles que buscam participar, constituindo-se, portanto, em um espaço de lutas pela conservação ou subversão do *status quo* do campo.

A estrutura do campo é um estado de relação de força entre os agentes ou instituições engajadas na luta ou, se preferir, da distribuição do capital específico que, acumulado ao longo das lutas anteriores, orienta estratégias ulteriores. Esta estrutura que está na origem das estratégias destinadas a transformá-la, também está sempre no jogo: as lutas, onde o campo é o lugar, tem como desafio o monopólio da violência legítima (autoridade específica) que é característica do campo considerado, isto é, definitivamente, a conservação ou a subversão da estrutura da distribuição do capital específico.¹³³

Os campos sociais são campos estruturados por leis próprias e imanentes, as quais são denominadas como sendo *nomos*. Compreendidas pelo autor como o princípio de distribuição, de visão e divisão implícita, em última análise é uma ordem instituída sem fundamento: “no começo da lei, não há nada mais do que o arbitrário.”¹³⁴ *Nomos*, portanto, é considerada a regra incorporada de caráter não escrito, não objetivado e não promulgado, compreendido como o arbitrário acumulado. Nas palavras do autor, “[...] a necessidade arbitrária (*nomô*) pela qual o grupo se constitui como tal ao instituir aquilo que os une e os separa.”¹³⁵ Ao conceber o *nomos* como a lei invariante constituinte dos campos, Bourdieu busca salientar que o *nomos* ao

¹³²BOURDIEU, P. & WACQUANT, L. *Una invitación a la sociología reflexiva*. Buenos Aires: Siglo XXI editores, 2008. p.131-144; _____. *Quelques propriétés des champs*. In: _____. **Questões de sociologie**. Paris: Les Éditions de Minuit, 2013.p.113-120; _____. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. Lisboa: Editorial Presença, 2007. p.264-273.

¹³³Tradução nossa. No original: “La structure du champ est un état du rapport de force entre les agents ou les institutions engagés dans la lutte, ou , si prefere, de la distribution du capital spécifique qui, accumulé au cours des luttes antérieurs, oriente les stratégies ultérieures. Cette structure, qui est au principe des stratégies destinées à la transformer, est elle même toujours en jeu: les luttes dont le champ est le lieu ont pour enjeu le monopole de la violence legitime (autorité spécifique) qui est caractéristique du champ considéré, c’est-à-dire, en définitive, la conservation ou la subversion de la structure de la distribution du capital spécifique.” In: BOURDIEU, P. *Quelques propriétés des champs*. In: _____. **Questões de sociologie**. Paris: Les Éditions de Minuit, 2013.p.114.

¹³⁴ Tradução nossa. No original: “Au principe de la loi, il n’y a rien d’autre que l’arbitraire[...]” In: BOURDIEU, P. **Méditations pascaliennes**. Paris: Éditions du Seuil, 1997. p. 138.

¹³⁵Tradução nossa. No original: “[...] la nécessité arbitraire (*nomô*) par laquelle le groupe se constitue comme tel em instituant ce qui l’unit et le separe.” In: BOURDIEU, P. **Le sens pratique**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980. p. 348.

provocar um corte inicial na instauração do campo, estabelece uma fronteira entre dado campo e os outros campos do espaço social, configurando uma identidade social para aqueles que pertencem a determinado campo, distinguindo-os dos outros.¹³⁶ Ao *nomos*, por sua vez, acrescenta-se a *doxa*, concebida como sendo o conjunto de crenças associadas a um dado campo. A *doxa* é considerada como sendo as crenças, os valores, as formas de agir e de pensar que não são discutidas, não são explícitas ou verbalizadas, tornando o campo social como algo natural e, portanto, inquestionável. Cada campo possui sua própria *doxa*, formando o impensado que se encontra inscrito em seu legado, o qual se impõe de maneira pré-reflexiva, impensada e de maneira inevitável para os agentes. O autor refere-se à *doxa* como sendo “O mais escondido, é aquilo sobre o qual todo mundo se coloca de acordo, mas tão de acordo que nem sequer se fala do mesmo, o que está fora de questão, o que está dado.”¹³⁷

O agente social que adentra em um determinado campo (literário, científico, universitário, entre outros), portanto, adere tacitamente tanto ao *nomos* como à *doxa*, incorporando-as em seu *habitus* e tornando-as parte de si mesmo. Formando parte da inclusão dos agentes nos campos sociais, ambos os elementos estruturam a *illusio*. A *illusio* é compreendida no sentido de investimento, interesse não consciente do agente no jogo estabelecido no campo. Significa compreender que se trata daquilo que está pressuposto quando da aderência ao jogo, daquilo que está estabelecido pela configuração das relações entretidas no campo social. Segundo Bourdieu, o jogo social estabelecido em cada campo é um jogo que se faz esquecer como tal, “[...] é essa relação encantada com um jogo que é o produto de uma relação de cumplicidade ontológica entre estruturas mentais e estruturas objetivas do espaço social.”¹³⁸ Em outras palavras, ao adentrar em um determinado campo

¹³⁶Na análise do campo literário francês do final do século XIX, Bourdieu analisa a gênese do *nomos* literário a qual estabelece que somente é possível alguém se definir como artista quando reconhece a autonomia do campo literário e artístico em relação ao econômico e político.

¹³⁷Tradução nossa. No original: “Le plus cachê, c’est ce sur quoi tout le monde est d’accord, tellement d’accord qu’on n’en parle même pas, ce qui est hors de question, qui va de soi.” In: BOURDIEU, P. *Pour une sociologie des sociologues*. In: _____. **Questions de sociologie**. Paris: Les Éditions de Minuit, 2002. p. 83.

¹³⁸BOURDIEU, P. É possível um ato desinteressado? In: _____. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. Tradução de Mariza Corrêa. 11ªed. Campinas: Papirus, 2011. p.139-140.

social, o agente social mesmo que não escolha jogar o jogo do campo, pois o mesmo já está dado, o que ele escolhe é a maneira como vai jogá-lo.

Dotados de leis próprias imanentes, *nomos*, por um lado, e de sua própria *doxa*, por outro lado, os campos são atravessados pela história, sendo sua dinâmica compreendida sob dois níveis, a do agente que visa participar de determinado campo e busca posicionar-se a partir do que apreende desse campo, cuja existência o precede e a do campo que se constrói ao longo do tempo e que, portanto, possui mecanismos de conservação e manutenção assumidos por agentes que dele participam. O encontro entre agente e campo, é compreendido como sendo “o reencontro de duas histórias”,¹³⁹ a saber, a do *nomos/doxa* do campo e a do *habitus* do agente. Especificamente, trata-se da relação dialética entre o legado do campo instituído em suas leis imanentes e crenças tácitas e o *habitus* do agente, na qual se encontram engendrados os desafios atualizados a partir do momento em o agente social aceita participar do jogo do campo. Portanto, a lógica de um campo, a hierarquização de interesses e os objetos pertencentes e instituídos no campo podem ser considerados como sendo o pano de fundo do senso prático das ações dos agentes. Em outras palavras, fazem parte da apreensão silenciosa e impensada de todos os elementos que compõem determinado campo no qual os agentes participam e que fundamentam as ações, colaborações, mas também alimentam os conflitos e desacordos em torno da luta pelo reconhecimento.

Um aspecto de extrema relevância no que diz respeito à participação do agente é colocado por Bourdieu¹⁴⁰ em tom de alerta. O autor chama a atenção para o esquecimento que geralmente ocorre em relação ao acordo tácito entre os agentes pertencentes a determinado campo, ressaltando que geralmente se participa do jogo e se aceita silenciosamente o que é posto como se fosse próprio do jogo.¹⁴¹ Assim, daqueles que entram em determinado campo é

¹³⁹BOURDIEU, P. *Le reencontre de deux histoires*. In: _____. **Méditations Pascalienues**. Paris: Éditions du Seuil, 1997. p.217.

¹⁴⁰BOURDIEU, P. *Quelques propriétés des champs*. In: _____. **Questions de sociologie**. Paris: Les Éditions de Minuit, 2013. p.115-116.

¹⁴¹Convém ressaltar que o autor vale-se da metáfora do jogo e de suas características para referir-se à composição e correlação de forças existentes no interior dos campos sociais.

esperado a concordância e o reconhecimento do *nomos* e da *doxa* própria do campo, sob pena da exclusão.¹⁴² Embora essa compreensão possa parecer uma visão determinista por parte do autor, a mesma não se configura como tal, pois ao considerar o campo como lugar de relações de força e de lutas, Bourdieu possibilita a transformação do *status quo* dos campos advinda dos conflitos e da concorrência instaurada pelos agentes. Com isso, ressalta-se que se por um lado estamos “embarcados no mundo”¹⁴³ e esse mundo teoricamente é formado por espaços sociais constituídos de campos, o agente social não é mero reprodutor de mecanismos, ou melhor, “os agentes sociais não são partículas mecânicas empurradas e puxadas daqui para lá por forças externas [...]”¹⁴⁴ Ao contrário, ao serem dotados de capitais específicos adquiridos ao longo de suas trajetórias e das posições ocupadas desde o início de suas vidas, os agentes sociais estão aptos a se orientarem, a agirem e a encontrarem os meios seja para conservar conservando-se seja para transformar transformando-se nos campos nos quais decidem participar. Considerando a existência de uma cumplicidade ontológica entre *habitus* e campo, as relações estabelecidas a partir do volume e da composição do capital acumulado incorporado no *habitus* do agente e estruturando o campo social encontram-se inter-relacionados entre si no pensamento social bourdieusiano.

2.3 O CAPITAL BOURDIEUSIANO

Na construção teórica bourdieusiana, as noções de *habitus* e campo constituem-se em elementos fundamentais na compreensão da teoria social bourdieusiana. No entanto, a compreensão de tais noções estará completa com a inclusão da noção de capital, a qual é incluída em seu *corpus* teórico ao

¹⁴²A exclusão não se restringe somente à expulsão efetiva do campo, mas inclui a marginalização sofrida pelo agente discordante ou distoante com o jogo proposto em dado campo.

¹⁴³Tradução nossa. No original: “nous sommes embarqués”. In: PASCAL, B. *Pensées. Texte de l'Édition Brunschvicg. Introduction et notes par Ch.-Marc des Granges*. Paris: Garnier, 1961. p.136. A referência à filosofia de Blaise Pascal neste trecho segue o diálogo estabelecido por Bourdieu ao longo de sua obra, principalmente na obra *Méditations pascaliennes* (1997).

¹⁴⁴BOURDIEU, P. & WACQUANT, L. *Una invitación a la sociología reflexiva*. Buenos Aires: Siglo XXI editores, 2008. p.147.

propor analisar os meios pelos quais tanto os agentes como os campos estabelecem as relações de força, compondo o espaço de luta e de conflitos. Em relação à noção de *habitus* e à noção de campo, a noção de capital é introduzida pelo autor, sobretudo, para combater a ideia de homogeneidade social que vigorava no período pós-guerra francês, cuja ênfase recaia na trajetória escolar como meio de superar as desigualdades.¹⁴⁵ No rastro da reprodução das desigualdades sociais e dos respectivos mecanismos de reprodução fabricados e legitimados pela hierarquia social, Bourdieu volta-se para a pesquisa do campo educacional francês. A realização dessas pesquisas permitiu-lhe romper com a explicação econômica advinda, especialmente da teoria marxista, como sendo a única explicação plausível para tal questão. Partindo do pressuposto que o mundo social é resultado da acumulação histórica irredutível aos acontecimentos momentâneos e considerando que os agentes não são operadores e criadores livres de seu mundo, a noção de capital, sua acumulação e seus efeitos em conjunto com o *habitus* e o campo possuem papel primordial na compreensão dos mecanismos de reprodução social. Por outro lado, o autor exige uma visão dinâmica da inter-relação campo, *habitus* e capital para não recair na tendência rápida de considerar sua teoria uma teoria reprodutivista. Ao contrário, compreender a dinâmica da reprodução social por meio da tríade de elementos permite compreender a dinâmica à qual estão expostos os agentes inseridos nos campos sociais¹⁴⁶,

¹⁴⁵A ideia difundida de igualdade social no interior da *École normale supérieure* nos anos cinquenta e a ênfase na meritocracia defendida pelas *Grandes Écoles* francesas (conforme foi abordado no primeiro capítulo desta dissertação) elencaram as pesquisas do autor a respeito das desigualdades sociais alicerçadas em outros elementos que não somente os critérios econômicos. O resultado disso se traduz em obras como *Les Héritiers* (1964), *Homme Académique* (1984) *La Noblesse d'État. Grandes Écoles et esprit de corps* (1989), cujo objetivo foi o de elucidar os mecanismos de reprodução das desigualdades por meio da análise dos dados empíricos os quais relevaram a rede de relações estabelecidas no interior do campo educacional

¹⁴⁶“This conceptual triad also allows us to elucidate cases of reproduction – when social and mental structures are in agreement and reinforce each other – as well as transformation – when discordances arise between habitus and field – leading to innovation, crisis, and structural change, as evidenced in Bourdieu’s early work on cultural disjuncture and social transformation in war-torn Algeria and rural Béarn (Etnography 2002) as well as in two of his major books, *Distinction* and *Homme Académique*.” In: WACQUANT, L. **Pierre Bourdieu**. In: STONES, R. *Key Contemporary Thinkers*. London: Macmillan, 2006. p. 261-277. Disponível em: loicwacquant.net/assets/Papers/PIERREBOURDIEUStones2007.pdf. Acesso em: 25 janeiro 2016.

permitindo encontrar os meios de superação dessa tendência à reprodução presente nas desigualdades sociais.

Considerando os campos como sendo um espaço de lutas, de tensões e de conflitos, a energia social advinda de tal constituição é traduzida no capital que o compõe. Significa compreender que o valor e a força de cada campo se encontram ancorados em sua capacidade de produção, de difusão e de preservação dos capitais valorizados especificamente em dado campo.¹⁴⁷ O capital, portanto, designa o conjunto de recursos legítimos, valiosos e permutáveis que dispõem tanto agentes como também os campos sociais, promovendo formas de vantagens em conformidade a determinado campo e possibilitando privilégios e benefícios para os agentes sociais que os possuem. Compreendido como sendo uma força impulsora das posições e das tomadas de posição (ação) dos agentes sociais, o capital bourdieusiano se refere a tudo aquilo que possa ser valorizado na medida em que exista algum agente social disposto a fazê-lo, ou seja, esteja disposto a apreciá-lo e a reconhecê-lo conferindo-lhe valor. Acrescenta-se ainda o conjunto dos agentes sociais que estão inseridos em determinado campo, os quais corroboram ou não tal apreciação ou reconhecimento.

O capital é trabalho acumulado (em sua forma materializada ou em sua forma 'incorporada', de maneira corporatizada), que quando se apropriam dela de forma privada, i.e., exclusiva, por um agente ou grupo de agentes, os capacita para se apropriarem da energia social em forma de trabalho vivo ou reificado. É um **vis insita**, uma força inscrita nas estruturas objetivas ou subjetivas, mas é também uma **lex insita**, o princípio subjacente nas regularidades imanentes ao mundo social.¹⁴⁸

Concebido como poder inerente das estruturas do campo social e do *habitus* do agente social e como princípio imanente e subjacente às práticas

¹⁴⁷ VIZCARRA, F. *Premisas y conceptos básicos en la sociología de Pierre Bourdieu. Estudios sobre las Culturas Contemporâneas*, v. VIII, n. 16, dic./2002, p. 55-68. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=31601604>. Acesso em 6 abril 2016.

¹⁴⁸ Tradução nossa. No original: "El capital es trabajo acumulado (en su forma materializada o en su forma "incorporada", forma corporatizada), que cuando es apropiada de forma privada, i.e. exclusiva, por un agente o grupo de agentes, los capacita para apropiarse de la energía social en la forma de trabajo vivo o reificado. Es un **vis insita**, una fuerza inscrita en las estructuras objetivas o subjetivas, pero es también un **lex insita**, el principio subyacente en las regularidades inmanentes del mundo social." In: BOURDIEU, P. *Las formas del capital*. Tradução de Rubén U. Alvarado. Disponível em https://www.academia.edu/1360865/LAS_FORMAS_DE_CAPITAL.

dos agentes, o capital torna-se um elemento crucial na estrutura social por sua força inscrita e despendida em acumular, assegurar e usufruir dos benefícios que produz. Segundo o autor, dependendo da estrutura de distribuição dos diferentes tipos de capital em dado momento, as oportunidades de sucesso são conduzidas pelo conjunto de coações inscritas no mundo social, “[...] governando seu funcionamento de maneira duradoura, determinando pelas práticas as oportunidades de sucesso”.¹⁴⁹ Como consequência, apresenta uma proposta conceitual tridimensional, isto é, para compreender as posições, as disposições (*habitus*) e tomadas de posição (ação) dos agentes sociais nos campos onde estão inseridos, é preciso considerar o volume de capital e sua composição “[...] de acordo com o peso relativo dos diversos tipos de capital na totalidade de seu capital, especialmente o econômico e o cultural [...]”¹⁵⁰. Acrescenta-se a isso a trajetória temporal do volume e da composição, ou seja, a trajetória percorrida ao longo do tempo das aquisições e perdas do agente social no meio social. Embora discorde da primazia do capital econômico na análise das desigualdades sociais e em sua hierarquização, o autor reconhece sua importância - e quase predominância à medida que está relacionado com a sobrevivência do agente - na formação social e nas relações estabelecidas nos campos sociais. Sob tal perspectiva, Bourdieu apresenta como forças impulsionadoras além do capital econômico, o capital cultural, o capital social e o capital simbólico, os quais são introduzidos ao longo de sua construção teórica.

2.3.1 Capital cultural, capital social e capital simbólico

O capital cultural foi elaborado a partir da análise das desigualdades escolares, as quais geralmente são atribuídas às aptidões naturais, isoladas do

¹⁴⁹Tradução nossa. No original: “[...] que gobiernan su funcionamiento de una manera durable, determinando, por las prácticas, las oportunidades de suceso.” In: BOURDIEU, P. **Las formas del capital**. Tradução de Rubén U. Alvarado. Disponível em https://www.academia.edu/1360865/LAS_FORMAS_DE_CAPITAL.

¹⁵⁰Tradução nossa. No original: “[...] según el peso relativo de los diversos tipos de capital en la totalidad de su capital, especialmente el económico y el cultural [...]” In: BOURDIEU, P. *Cómo se hace una clase social? Sobre la existencia teórica y práctica de los grupos*. In: _____. **Poder, Derecho y Clases Sociales**. Bilbao: Desclé de Brouwer, 2001. p.106.

contexto social. Por meio das pesquisas que efetuou, Bourdieu¹⁵¹ constrói o conceito, definindo-o como sendo o conjunto de bens simbólicos adquiridos ao longo da trajetória de um agente, representando seu ponto de ancoragem a partir do qual se ergue nos campos onde participa. O capital cultural bourdieusiano é configurado por três estados: i. o estado incorporado, como é o caso das competências acadêmicas, a aquisição de linguagem erudita, ter domínio na oratória conhecer e ser conhecido no mundo social na medida em que decodifica seus códigos, entre outros; ii. o estado objetivado em patrimônios de bens culturais, como livros, quadros, instrumentos e outros e iii. o estado institucionalizado é o reconhecimento público realizado pelas instituições, como por exemplo, é o caso dos diplomas, da aprovação em concursos, entre outros.¹⁵²

O estado incorporado do capital cultural implica em considerar o tempo e a disponibilidade de recursos materiais, da mesma forma que é preciso considerar a vinculação direta com o agente, uma vez que também será formador do *habitus*. Conforme Bourdieu, tal vinculação encontra-se na forma de disposições duráveis do organismo, isto é, “[...] é um ter tornado ser, uma propriedade feito corpo, tornada parte da pessoa, um *habitus*.”¹⁵³ Pode ser traduzido no investimento de tempo e de recursos na aquisição de um determinado conhecimento ou de cultura, o qual exige dedicação mental e corporal. Sob essa perspectiva, o mesmo não é nem transmitido e nem herdado. É a razão pela qual, o agente e somente ele é quem pode agir em prol dessa aquisição, seja usufruindo as vantagens que possa ter para adquiri-lo, seja pelo esforço exigido para adquiri-lo na ausência de tais vantagens.

Com isso compreende-se que capital cultural e capital econômico encontram-se estreitamente vinculados, ainda que o primeiro esteja revestido talvez de maior significância simbólica ao ponto de ser na maioria das vezes

¹⁵¹BOURDIEU, P. **Las formas del capital**. Traducción de: Rubén U. Alvarado. Disponível em https://www.academia.edu/1360865/LAS_FORMAS_DE_CAPITAL. Acesso em 15 dez 2015.

¹⁵²BONNEWITZ, P. **La sociologia de Pierre Bourdieu**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2006. p.47.

¹⁵³Tradução nossa. No original: “[...] est un avoir devenu être, une propriété faite corps, devenue partie integrante de la ‘personne’, un *habitus*.” In: BOURDIEU, P. **Les trois états du capital culturel**. **Actes de la recherche en sciences sociales**. Paris, v. 30, nov./1979, p.3-6. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1979_num_30_1_2654. Acesso em 17 março 2016.

negligenciado nas análises do mundo social¹⁵⁴. O estado objetivado identificado por bens culturais materializados em obras de arte, livros, por exemplo, são passíveis de transmissão de uma geração a outra, mas também são passíveis de serem capital incorporado.¹⁵⁵ E, por fim, o estado institucionalizado é instituído como capital cultural na medida em que o agente ao ser reconhecido institucionalmente possui um reconhecimento público de suas competências educacionais, conferindo valor não somente simbólico, mas também possibilitando a conversão em capital econômico e social.

O capital social, por sua vez, é definido pelo conjunto de contatos, de relacionamentos sociais, em última análise, o denominado *network*, conferindo ao agente maior ou menor consistência social, maior ou menor poder de ação e de reação decorrentes da qualidade e da quantidade de vínculos que possua com outros agentes. Bourdieu¹⁵⁶ refere que a reprodução desse capital exige do agente a disposição (*habitus*) para a constante socialização mantendo atitudes contínuas de intercâmbio no qual se busca a manutenção do reconhecimento do campo no qual está inserido. Pressupondo uma herança social familiar que tanto pode facilitar como pode dificultar a mobilidade nos campos sociais, o capital social despende energia e aprendizagem por parte do agente, seja para manter e ampliar a rede de relacionamentos seja para iniciar uma nova rede de relacionamentos em novos campos sociais¹⁵⁷. Por um lado, o volume de capital social depende da rede de relacionamentos que o agente é capaz de mobilizar, por outro lado, essa capacidade de mobilidade também depende do volume dos capitais econômicos e culturais do próprio agente e

¹⁵⁴“Sin embargo, no debe olvidarse que el capital cultural existe simbólica y materialmente activo, como capital efectivo, solamente hasta que es apropiado por agentes e implementado e investido como un arma y un juego en las luchas que ocurren en los campos de la producción cultural (el campo artístico, el campo científico, etc.) y, más allá de ellos, en el campo de las clases sociales -luchas en la que los agentes poseen fuerza y obtienen beneficios proporcionales a sus maestrías (dominio) de ese capital objetivado, y por eso al volumen de sus capitales incorporados.” In: BOURDIEU, P. **Las formas del capital**. Traducción de: Rubén U. Alvarado. Disponível em https://www.academia.edu/1360865/LAS_FORMAS_DE_CAPITAL. Acesso em 15 dez 2015.

¹⁵⁵O fato de ter acesso a obras de arte em decorrência da estrutura familiar, por exemplo, não somente se traduz em herança material, mas também em capital incorporado via educação.

¹⁵⁶BOURDIEU, P. **Las formas del capital**. Traducción de: Rubén U. Alvarado. Disponível em https://www.academia.edu/1360865/LAS_FORMAS_DE_CAPITAL. Acesso em 15 dez 2015.

¹⁵⁷BOURDIEU, P. *Le sociologue en question*. In: _____. **Questions de sociologie**. Paris: Les Éditions de Minuit, 2002. p.52-53.

dos grupos inseridos nos campos aos quais pertence. A despeito da interdependência existente entre os capitais, o autor ressalta o capital social como sendo aquele que vai garantir uma participação mais ativa ou menos ativa no jogo estabelecido no campo no qual está inserido¹⁵⁸.

O capital simbólico, segundo Pinto¹⁵⁹ é introduzido na teoria social pelo interesse de Bourdieu na reflexão a respeito do simbólico como categoria autônoma de análise. Na esteira dessa colocação, Bourdieu¹⁶⁰ designa como capital simbólico o conjunto de rituais relacionados à etiqueta social ou aos protocolos, os quais estejam relacionados à honra e ao reconhecimento dos agentes sociais. Assim, o autor o compreende como sendo a forma adquirida por qualquer tipo de capital (econômico, social, cultural) a partir do momento em que é percebido ou assimilado e valorizado pelos agentes. Tal percepção é o resultado da incorporação das divisões ou das oposições inscritas na estrutura do capital, ou seja, diz respeito às classificações decorrentes disso tais como pobre/rico, culto/inculto, entre outras.¹⁶¹ Sob essa ótica, o capital simbólico se constitui em uma lógica de distinção e diferenciação, uma vez que não é possível determinar ou perseguir uma igualdade na distribuição desse capital de maneira que possa permitir aos agentes terem as mesmas condições para se posicionarem e tomarem posição nos campos nos quais estão inseridos.

¹⁵⁸“En otras palabras, la red de relacionamientos es el producto de estrategias de inversión, individual o colectiva, consciente o inconscientemente objetivada en el establecimiento o reproducción de relaciones sociales que son directamente usables a corto o largo plazo, i.e. en la transformación de relaciones contingentes, tales como aquellos de vecindad, el lugar de trabajo, o aún el parentesco, en relacionamientos que son necesarios y electivos, implicando obligaciones durables subjetivamente sentidas (sentimientos de gratitud, respeto, amistad, etc.) o institucionalmente garantizados (derechos). Esto es hecho a través de la alquimia de la consagración, la constitución simbólica producida por la institución social (institucionalizado como un pariente: hermano, hermana, primo, etc.) o como un caballero, un heredero, u anciano, etc.) y reproducido infinitamente en y a través del intercambio (de regalos, palabras, mujeres, etc.) que alienta y el cual presupone y produce conocimiento y reconocimiento mutuo. El intercambio transforma las cosas intercambiadas en signos de reconocimiento y, a través del reconocimiento mutuo y del reconocimiento de la pertenencia al grupo que ello implica, re-reproduce al grupo.” In: BOURDIEU, P. **Las formas del capital**. Traducción de: Rubén U. Alvarado. Disponível em https://www.academia.edu/1360865/LAS_FORMAS_DE_CAPITAL. Acesso em: 15 dez 2015.

¹⁵⁹PINTO, L. **Pierre Bourdieu y la teoría del mundo social**. Buenos Aires: Siglo XXI editores, 2002. p.146-147.

¹⁶⁰BOURDIEU, P. **Méditations pascaliennes**. Paris: Éditions du Seuil, 1997. p. 344-351.

¹⁶¹BOURDIEU, P. Espírito de Estado. Gênese e estrutura do campo burocrático. In: _____. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. Tradução de Mariza Corrêa. 11ªed. Campinas: Papirus, 2011. p. 107.

Convém ressaltar que o capital simbólico atravessa as outras formas de capital, a saber, o econômico, o cultural e o social de tal maneira que poderia inclusive se pensar em efeitos simbólicos do capital. Pode-se perceber isso, por exemplo, no sobrenome familiar, cuja relevância social muitas vezes se sobrepõe à relevância econômica, ainda que a ela esteja relacionado. Portanto, compreende-se que o capital simbólico não se constitui em uma instância diferenciada de análise já que se encontra engendrado nas outras três formas de capital. Disto decorre em certa medida que o desconhecimento ou negligência por parte das análises sociais da força, do poder ou da capacidade de exploração do capital simbólico, já que normalmente são reconhecidas como legítimas.

Bourdieu, no entanto, ressalta que o capital existe e age como capital simbólico se relacionado a um *habitus* disposto a percebê-lo e a significá-lo como tal, “[...] isto é à conhecer e reconhecer em função de estruturas cognitivas aptas e inclinadas a lhe conceder o reconhecimento porque está em acordo a isso que ele é.”¹⁶² Assim, o crédito ou a autoridade conferidas a determinado agente por meio do reconhecimento em conjunto com a posse das outras três formas de capital em um dado campo é o que confere vantagens concretas na posição ocupada pelo mesmo. O ato de reconhecer e ser reconhecido significa também o poder de reconhecer, de designar o que e quem deve ser reconhecido ou o que é pertinente de ser dito ou não em dado momento em dado campo. Em outras palavras, dependendo da posição ocupada pelo agente em determinado campo, é o conjunto dos capitais, mas, sobretudo, o capital simbólico do mesmo somado à concordância ou conformidade ao *habitus* que vão compor as forças, as tensões, os conflitos e as lutas para conservar ou subverter o *status quo* dos campos sociais.

¹⁶²Tradução nossa. No original: “[...] c’est-à-dire à le connaître et à le reconnaître em fonction de structures cognitives aptes et inclinées à lui accorder la reconnaissance parce que accordées à ce qu’il est.” In: BOURDIEU, P. *Méditations Pascaliennes*. Paris: Éditions du Seuil, 1997. P. 347.

3 A INTER-RELAÇÃO DAS NOÇÕES HABITUS, CAMPO E CAPITAL

*Faire le tout petit peu qu'on peut...pour changer les choses.*¹⁶³

A proposta do presente capítulo almeja demonstrar que para a compreensão da teoria social bourdieusiana é preciso ter uma visão relacional das noções *habitus*, campo e capital, o que nos permite considerá-las como sendo noções inter-relacionadas. Para tal propósito é relevante colocar que o construtivismo estruturalista ou estruturalismo construtivista possui como eixo principal o modo de pensamento relacional. A adoção do modo de pensamento relacional¹⁶⁴ como fio condutor da teoria social bourdieusiana permite ao autor a elaboração de uma teoria do mundo social a partir da concepção da noção de espaço social. Tal noção pode ser compreendida como sendo a chave que nos permite introduzir a proposta desta dissertação, pois consideramos que as noções *habitus*, campo e capital encontram-se imbricadas no mesmo. Sob essa perspectiva, a introdução da noção de espaço social torna-se necessária para compreender a incorporação dessa noção na noção de campo – campo como espaço social - e ofertar uma visão mais dinâmica e global da teoria. Ao propormos a demonstração da inter-relação das noções *habitus*, campo e capital, estamos alicerçando tal proposta nas diversas ocasiões em que Bourdieu afirma a relevância de considerar a tríade de noções não de maneira isolada, mas sob uma perspectiva inter-relacional, as quais se encontram relacionadas ao sistema de relações elaboradas em sua teoria. Em outras palavras, compreender a teoria social bourdieusiana implica em conservar o alerta de que as noções teóricas propostas somente fazem sentido quando consideradas sob tal pressuposto.

¹⁶³LA SOCIOLOGIE est un sport de combat. Direção: Pierre Carles. Produtores: Véronique Frégosi e Annie Gonzalez. Documentário, França, 2001. Tradução nossa. “Fazer o pouco que pudermos... para mudar as coisas”

¹⁶⁴Bourdieu refere-se reiteradamente ao longo de sua obra à relevância de analisar seu pensamento a partir do modo de pensamento relacional. Entre suas obras, destacamos as seguintes: *As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário* (1992), *Espaço social e espaço simbólico* (1989); *Una invitación a la sociología reflexiva* (1992); HONNETH, A.; KOCYBA, H.; SCHWIBS, B. *The Struggle for Symbolic Order. An Interview with Pierre Bourdieu*. (1986).

“As mencionadas noções de habitus, campo e capital podem ser definidas, mas somente dentro do sistema teórico que as constituem não de maneira isolada. [...] E o que é certo para os conceitos é certo para as relações, só adquirem significado dentro de um sistema de relações.”¹⁶⁵

Pensar relacionalmente é um desafio assimilado pelo autor desde o momento em que adota o método estruturalista por ocasião da realização das primeiras pesquisas de campo na sociedade argelina e na sociedade bearnesa. Esse é o fio condutor que lhe possibilita encontrar o ponto de partida de seu empreendimento teórico ao mesmo tempo em que lhe permite romper com o referido método ao incluir o pesquisador como outro ponto de vista relevante na análise teórica das investigações de campo.¹⁶⁶ A implicação dessa virada epistemológica no pensamento bourdieusiano diz respeito à ruptura que empreende com o modo de pensar substancialista aristotélico e escolástico presente nas teorias de sua época.¹⁶⁷ Ainda que brevemente, é relevante colocar que a diferença entre pensar substancialmente e pensar relacionalmente encontra-se na ênfase que o primeiro fornece às coisas, seres e essências como unidades de investigação dos fatos sociais, considerando-os como realidades substanciais e materiais¹⁶⁸.

¹⁶⁵“Las mencionadas nociones de habitus, campo y capital pueden ser definidas, pero sólo dentro del sistema teórico que constituyen, no de manera aislada. [...] Y lo que es cierto para los conceptos es que sólo adquieren su significado dentro de un sistema de relaciones.” In: BOURDIEU, P. & WACQUANT, L. **Una invitación a la sociología reflexiva**. Buenos Aires: Siglo XXI editores, 2002. p. 132.

¹⁶⁶Os limites do método relevados, sobretudo no distanciamento do pesquisador em relação ao objeto de estudo, colocando-o como um ponto de referência na pesquisa, alertou o autor não somente para a inclusão do pesquisador como um dos pontos de vista relevantes na análise dos dados da pesquisa, mas também lhe possibilitou a introdução da noção de agente em sua teoria.

¹⁶⁷Cassirer perante o problema do conhecimento se refere ao pensamento relacional da matemática e física moderna, mas também da geometria e da química como o modo de pensar mais adequado para compreender os conceitos da ciência, propondo uma ruptura com o modo de pensar substancialista aristotélico e escolástico. No prefácio de *Substance and Functions (1910)*, o filósofo refere que uma concepção relacional não descarta os particulares que estão subsumidos no geral, mas busca relevar a necessidade da manifestação e a conexão dos particulares com parte integrante e reguladora do geral. In: CASSIRER, E. **Substance and Function and Einstein's Theory of Relativity**. Chicago: Dover Publications, 1953. p.3 -18.

¹⁶⁸Segundo Bourdieu, o pensamento substancialista acaba assumindo como realidade suas construções teóricas, desconsiderando que o que realiza são interpretações da realidade. In: BOURDIEU, P. *Como se hace una clase social? Sobre la existencia teórica y práctica de los grupos*. In: _____. **Poder, derecho y clases sociales**. Bilbao: Desclé de Brouwer, 2001. p.106.

O segundo modo de pensamento, entretanto, enfatiza as relações e os processos invisíveis e exteriores existentes nas interações tecidas tanto na presença como na ausência dos agentes. Tais processos, no entanto, se encontram presentes e são atualizados devido à incorporação por parte dos agentes das estruturas sociais, cujos *habitus* as engendram. O mundo social, portanto, passa a ser compreendido à luz das relações e dos processos exteriores e invisíveis que o compõe, tornando-as visíveis pelo exercício intelectual efetuado na análise das pesquisas práticas e teóricas. A ruptura epistemológica operada decorrente dessa concepção, na construção da teoria social bourdieusiana, a mesma implica em uma dupla ruptura: com o senso comum ou atitude dóxica – identificado como tendendo ao pensamento substancialista - e com a atitude dóxica das teorias sociais ¹⁶⁹. A visão de mundo social ofertada pela teoria bourdieusiana, portanto, promove uma virada não somente epistemológica, mas também ontológica assinalada na colocação alicerçada na filosofia hegeliana: “o real é relacional” ¹⁷⁰, em relação às teorias de sua época. ¹⁷¹

A concepção de espaço social é uma construção teórica elaborada pelo autor e, portanto, não tem realidade em si mesma ¹⁷², pois resulta da análise

¹⁶⁹Em relação ao senso comum ou atitude dóxica, Bourdieu se refere ao conhecimento do cotidiano no qual o próprio pesquisador encontra-se inserido, mas também se refere à necessidade de retornar à cotidianidade como maneira de rever a teoria e afinar a metodologia. Tema que é reiteradamente encontrado ao longo de suas obras, entre as quais destacamos *Méditations pascaliennes* (1997), *Questions de Sociologie* (1980), *Una invitación a la sociología reflexiva* (1992). Em relação ao senso comum ou à *doxa* do campo científico e intelectual, portanto presente nas teorias sociais, o autor salienta aqueles temas sobre os quais todos estão tão de acordo que não se fala a respeito, pois são considerados como *allant de soi* e, por isso, não é considerado como objeto de pesquisas. Exemplo disso é o reiterado assinalamento que o autor faz à ausência de pesquisas a respeito do campo intelectual ou do campo científico. In: BOURDIEU, P. *Pour une sociologie des sociologues*. In: _____. *Questions de sociologie*. Paris: Les Éditions de Minuit, 2002.p.79-85.

¹⁷⁰“Podría darle un giro a la famosa fórmula de Hegel y decir que lo real es relacional: lo que existe en el mundo social son relaciones.” BOURDIEU, P. & WACQUANT, L. *Una invitación a la sociología reflexiva*. Buenos Aires: Siglo XXI, p. 134.

¹⁷¹Ao considerar o real como sendo relacional, pode-se colocar que o autor compreende a existência de relações objetivas no mundo social, a partir das quais se estruturam o *habitus* dos agentes desde o nascimento, estabelecendo-se, com isso, uma relação dialética entre agente social e meio social.

¹⁷²Bourdieu por meio da revisão da noção de classes sociais, crítica a marcada tendência que o intelectual possui de assumir uma teoria como sendo a realidade em si, ou seja, crítica o efeito teoria que faz com que se assuma como realidade dada teoria. Com isso, aponta que o esquecimento efetuado pelo intelectual a respeito da construção teórica realizada faz com que deixe de confrontá-la com a realidade que busca compreender e, portanto, corre o risco de não acompanhar a dinâmica da mesma. Tal colocação pode ser encontrada em “Espaço social e Gênese de classes” (1989). Por outro lado, pode se inferir que esta é uma

efetuada da realidade a partir das pesquisas empíricas realizadas nos diversos campos sociais, entre os quais se destacam as pesquisas no campo da arte, da literatura, das escolas e das universidades. Por meio da análise teórica dos dados empíricos colhidos nas pesquisas de campo, o autor capta a rede de relações entre as posições, disposições e tomadas de posição dos agentes sociais. Partindo do pressuposto que a realidade não é fixa, imutável e dada¹⁷³, compreende-a como sendo o resultado das relações estabelecidas entre os agentes envolvidos em determinado campo social. Em tais campos, os agentes se confrontam desenvolvendo suas ações práticas em conformidade às suas posições no espaço social. Considerando sua rejeição a uma visão mecanicista do meio social, o espaço social relacional bourdieusiano dispõe-se a fornecer uma visão dinâmica e interativa entre os vários processos sociais impulsionados pelas ações dos agentes.

Convém ressaltar que as ações das práticas dos agentes dizem respeito ao senso prático subjacente às suas ações, impulsionando-as.¹⁷⁴ Portanto, as ações dos agentes, na maioria das vezes, não obedecem a uma consciência intencional, mas as mesmas são consideradas como sendo o resultado de uma reação anterior, pré-reflexiva, corporal. A digressão realizada é relevante para sublinhar que o espaço social bourdieusiano comporta uma composição de redes de ações práticas e diferenciadas – as quais delimitam os campos sociais -, vinculadas aos *habitus* singulares dos agentes sociais. Ao mesmo tempo, a rede de ações práticas e diferenciadas se conforma em uma realidade invisível e pré-existente porque historicamente estruturada e, em razão disso, é transmitida de geração a geração pela incorporação dessas estruturas por

preocupação do autor desde o início de seus estudos, quando em *Le sens pratique* (1980) realiza a crítica ao modelo estruturalista, o qual transfere o modelo da realidade para a realidade do modelo. Além disso, é a preocupação que possui a respeito de sua própria teoria.

¹⁷³A teoria social bourdieusiana busca romper com a tendência à naturalização dos processos sociais ou à ausência do agente nesses processos. O objetivo do autor é proporcionar uma visão dialética na qual meio social e agente encontram-se amalgamados.

¹⁷⁴“Le sens pratique, nécessité sociale devenue nature, convertie em schèmes moteurs et em automatismes corporels, est ce qui fait que les pratiques, dans et par ce qui en elles reste obscure aux yeux de leur producteurs et par ou se trahissent les principes transsubjectives de leur production, sont *sensées*, c’est-à-dire habitées par um sens comum. C’est parce que les agents ne savent jamais complètement ce qu’ils font que ce qu’ils font a plus de sens qu’ils ne le savent.” In: BOURDIEU, P. *Le sens pratique*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980. p. 116.

parte dos agentes sociais.¹⁷⁵ A noção de incorporação das estruturas pré-existentes as quais estruturam o *habitus* dos agentes a partir do nascimento é a chave que nos permite compreender o caminho traçado pelo autor para relevar os mecanismos de reprodução das desigualdades sociais. Tal compreensão é possível ao assimilar o senso prático como o ponto crucial em seu empreendimento, pois ao alicerçar as ações dos agentes, o senso prático tece as relações invisíveis pré-existentes e persistentes na estrutura de dado campo.

O mundo social visto sob a lente do espaço social constitui-se em uma rede “[...] de relações invisíveis e organizadoras de práticas e representações dos agentes”¹⁷⁶. Essa noção permite compreender que as relações exteriores estabelecidas no espaço social estão engendradas nas posições, disposições (*habitus*) e tomadas de posição (ações) dos agentes constituindo-os em pontos de vista geradores de práticas e de sentido. Configurando-se em uma estrutura estruturante, o espaço social é concebido como sendo um espaço dinâmico em constante movimento. Significa compreendê-lo não como uma estrutura rígida, mas como uma estrutura flexível a partir dela mesma. Em outras palavras, sublinha-se que a flexibilidade da estrutura ocorre por meio das brechas e das assimetrias que a constituem, bem como pelo resultado advindo do movimento imposto pelos agentes. Tal movimento pode ser visto na luta empreendida pelos agentes para participar dos campos sociais, no qual se confrontam e confrontam outros agentes gerando uma luta silenciosa e imperceptível seja para conservar o *status quo* dos campos seja para transformá-los.

Em sendo assim, as posições dos agentes não são posições rígidas e permanentes. Ao contrário, tais posições obedecem a uma série de interações na maioria das vezes não téticas, não intencionais, cujas estratégias se vinculam ao *habitus* de cada um, o qual é estruturado e alterado pelos campos sociais nos quais está inserido. Cumprindo com uma relação dialética e uma

¹⁷⁵Pode se considerar este como sendo o viés genético do pensamento bourdieusiano. Ressalta-se que antes de nomear sua teoria de construtivismo estruturalista ou estruturalismo construtivista, Bourdieu refere-se à mesma como estruturalismo genético. Tal colocação pode ser vista em: HONNETH, A.; KOCYBA, H.; SCHWIBS, B. *The Struggle for Symbolic Order. An Interview with Pierre Bourdieu. Theory, Culture & Society*, v.3, n.3, p. 35-51, nov.1986.

¹⁷⁶BOURDIEU, P. Espaço social e espaço simbólico. In: _____. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. Tradução de Mariza Corrêa. 11ªed. Campinas: Papirus, 2011. p. 24.

cumplicidade ontológica, o *habitus* também estrutura o campo por meio da interação com outros agentes, ao qual é preciso incluir o capital acumulado pelo *habitus* do agente, fio condutor das posições, das tomadas de posições e das disposições dos agentes.

Concebendo o espaço social a partir das posições, disposição (*habitus*) e tomadas de posição (ação), salientam-se as diferenças estabelecidas decorrentes das posições ocupadas pelos agentes decorrentes de seu capital. Na esteira de desvelar as desigualdades sociais, Bourdieu ressalta as diferenças e as aproximações estabelecidas no intercâmbio realizado entre as práticas exercidas pelos agentes. Ressaltar as diferenças significa localizar o agente social sob o pressuposto de que o mesmo não ocupa um único espaço social, pois participa de diversos campos sociais. Com isso, o espaço social constitui-se em um espaço de pontos de referência (agentes) aproximados pelo intercâmbio de práticas consideradas iguais, como por exemplo, entre aqueles que compartilham o mesmo clube social e, portanto, possuem capital semelhante em concordância ao campo permitindo-lhes tal convivência. No entanto, é preciso relevar que o capital é o convergente na semelhança do intercâmbio de práticas o que permite compartilhar o mesmo campo social (no caso do exemplo, o mesmo clube social), embora seus agentes possuam diferenças nas condições de luta pela pertença a determinado campo advindas da singularidade do *habitus*.

Por outro lado, o distanciamento ocorre pelo intercâmbio de práticas diferentes, podendo ser exemplificada na escolha entre uma escola pública e uma escola privada¹⁷⁷, cujos agentes encontram-se distanciados no espaço social. Distantes por um lado, podem estar próximos, por outro lado ao compartilharem outros espaços, como por exemplo, a confluência de agentes oriundos de espaços sociais distantes que se encontram no campo universitário.¹⁷⁸ Aproximação e distanciamento, no entanto, também ocorrem

¹⁷⁷PEREIRA, G. R. M. & CATANI, A. M. Espaço Social e simbólico: introdução a uma topologia social. *Perspectiva*, Florianópolis, v.20, n.Especial, p. 107-120, jul./dez.2002. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10279>. Acesso em 03 fev 2016.

¹⁷⁸Pode-se citar como exemplo disso, o primeiro capítulo desta dissertação, no que diz respeito à *École normale supérieure*. Em tal apresentação, ressaltou-se o princípio da meritocracia como sendo o princípio a partir do qual as origens sociais dos *normaliens* pareciam se extinguir. Significa dizer que os *normaliens* - independente das diferenças sociais advindas

no interior do intercâmbio das práticas iguais ou no interior das práticas diferentes, uma vez que o agente é singular e o *habitus* é criativo em elaborar estratégias de pertencimento ao campo ao qual pertence ou ao qual visa pertencer.

[...] o espaço social é definido pela exclusão mútua ou a *distinção* das posições que o constituem, isto é, como estrutura de justaposições das posições sociais (ela mesma definida, como será visto, como posições na estrutura da distribuição de diferentes espécies de capitais). Os agentes sociais e também as coisas enquanto sejam apropriadas por eles, então constituídas como propriedades, estão situadas em um lugar do espaço social, lugar distinto e distinguido que pode ser caracterizado pela posição relativa que ele ocupa em relação a outros lugares (acima, abaixo, entre, etc.) e pela distância (as vezes 'respeituosa': e *longínquo reverentia*) que o separa deles.¹⁷⁹

Na construção teórica bourdieusiana, a noção de espaço social aparece desde as primeiras pesquisas etnológicas realizadas na sociedade argelina e na sociedade béarnesa. A noção de espaço social é incorporada à noção de campo ao longo do percurso intelectual do autor, permitindo propor uma visão do mundo social como um espaço social global ou ofertando uma visão global da sociedade. Com isso, pode-se compreender que a complexificação sofrida pela teoria busca uma aproximação à complexa realidade do mundo social na tentativa de apreender o máximo de elementos que pudessem lhe possibilitar apreender os mecanismos subjacentes à reprodução social. Na esteira dessa proposta, Bourdieu não somente propõe novas ferramentas para analisar a realidade como também trabalha com noções sempre em estado aberto, isto é, noções prontas para serem retrabalhadas e reavaliadas por meio do trabalho empírico.¹⁸⁰ Ao incorporar a noção de espaço social na noção de campo o

da origem social de cada *normalien* - ganhariam espaço e reconhecimento institucional a partir do esforço empreendido em ascender intelectualmente.

¹⁷⁹[...] l'espace sociale est défini par la exclusion mutuelle, ou la distinction, des positions qui le constituent, c'est-à-dire comme structure de juxtaposition de positions sociales (elles mêmes définies, on le verra, comme des positions dans la structure de la distribution des différentes espèces de capital). Les agents sociaux, et aussi les choses en tant qu'elles sont appropriées par eux, donc constituées comme *propriétés*, sont situés en un lieu de l'espace sociale, lieu distinct et distinctif qui peut être caractérisé par la position relative qu'il occupe par rapport à d'autres lieux (au-dessus, au dessous, entre, etc) et par la distance (dite parfois 'respectueuse': e *longínquo reverentia*) qui le sépare d'eux. In: BOURDIEU, P. *Méditations pascaliennes*. Paris: Éditions du Seuil, 2003. p.195.

¹⁸⁰Rejeitando a concepção de que teorias científicas devem ser confrontadas com outras teorias, o autor segue a filosofia bachelardiana do verdadeiro espírito científico, a saber, teorias são construções temporais que tomam forma por e pelo trabalho empírico. In:

autor busca abrir espaço para romper com visões consideradas ilusórias a respeito das posições, das tomadas de posição e das disposições dos agentes, da mesma forma em que propõe uma visão dinâmica de tais posições.

Pode-se visualizar isso na obra “As Regras da Arte: Gênese e estrutura do campo literário (1992)”. Bourdieu ao partir da análise da obra “*L’Éducation sentimentale* (1869)” de Gustave Flaubert, termina por identificar por meio da mesma a construção do campo literário francês no final do século XIX. De acordo com sua pesquisa, o autor salienta o início do estilo difundido posteriormente de que o campo literário e artístico se constituía em um mundo a parte em relação aos outros campos sociais. Significa compreender com isso que o campo literário francês desde esse momento afirma a independência do artista em relação a tudo o que fosse ou representasse a burguesia. Sob tal perspectiva, ressalta a existência da necessidade por parte dos escritores e dos artistas de se desvincular do que consideravam como sendo aspectos e características da burguesia, com a qual não queriam ser identificados. Contextualizando historicamente a obra de Flaubert e o próprio escritor, a análise bourdieusiana realiza uma ampla discussão sobre as posições do autor, as disposições (*habitus*) e tomadas de posição do escritor (ações) relacionando-o aos outros pontos de vista (autores). Com isso, analisa a inter-relação entre produção criativa, editoras, público, política, posição e tomada de posição dos agentes partícipes do campo, assim como a autonomia tanto dos agentes como do campo.

Por meio dessa análise, o autor promove uma espécie de desencantamento do campo literário ao demonstrar que o estilo de vida difundido como boêmio e desprovido de interesse financeiro em contraposição à vida considerada burguesa termina por constituir-se em uma ilusão, uma vez que termina por afastar os agentes dos constrangimentos da realidade como se tal não influenciasse em sua produção literária ou artística. Embora, a realidade e seus constrangimentos se faça presente, Bourdieu aponta a pronta aderência dos agentes sociais partícipes do referido campo, os quais o fazem

silenciosamente, sendo transmitindo generacionalmente¹⁸¹. Ao efetuar tal análise, Bourdieu não somente delimita o surgimento do campo literário francês, como também lhe possibilita a introdução do agente social, cujo *habitus* e capital facilitam ou dificultam a posição e tomadas de posição em relação aos outros agentes sociais partícipes do referido campo.

Com a elaboração teórica do campo, o autor propõe a visão de um espaço social constituído de campos inter-relacionados, homólogos estruturalmente, relativamente autônomos, na medida em que cada qual se constitui em um espaço social próprio, com *nomos* e *doxa* próprias o que o identifica como sendo campo literário, artístico, universitário, familiar, de poder, econômico, entre outros. E, ainda, fornece a visão de que cada campo é composto de subcampos cada qual com *nomos* e *doxa* próprias. Portanto, nos deparamos com um espaço social no qual os diversos campos se inter-relacionam externamente, cuja autonomia de um campo em relação a outro se encontra alicerçada nas relações internas de cada campo em conformidade a seu espaço social. Dessa maneira, concebe-se uma dimensão multidimensional do espaço social vinculada à sua constituição, ou seja, a presença de diversos e variados campos sociais.

Tal concepção não obedece mais a uma espécie de “[...] lei arbitrária alicerçada em um ponto de vista, seja econômico ou político¹⁸²”, a qual hierarquiza rigidamente e estreitamente a visão de mundo social. Ao contrário, ao propor a noção de espaço social podemos salientar que as noções de *habitus*, campo e capital encontram-se ali imbricadas formando uma espécie de rede conceitual multidimensional o que torna a maioria das vezes complexa sua compreensão. A ideia de uma rede conceitual multidimensional encontra vinculação com a colocação de Pinto¹⁸³ ao referir-se que cada noção possui elementos próprios internos, uma multiplicidade de relações e conexões as quais se encontram em relação com o externo, remetendo-nos à dupla

¹⁸¹BOURDIEU, P. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. Lisboa: Editorial Presença, 1996. 398p.

¹⁸²CHEVALLIER, S. & CHAUVIRÉ, C. **Diccionario Bourdieu**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2011.p.32.

¹⁸³PINTO, L. **Pierre Bourdieu y la teoría del mundo social**. Buenos Aires: Siglo XXI editores, 2002. p.111-112.

exterioridade da interioridade e à interioridade da exterioridade da tríade de noções.

Considerado como espaço multidimensional, as dimensões dos campos sociais são desenhadas pela complexa rede de interações entre posições, disposições e tomadas de posição vinculadas a uma visão tridimensional do capital: ao seu volume, à sua composição e à sua trajetória temporal.¹⁸⁴ Concebidos como espaço de forças e de lutas, os campos só são configurados como tal pelas diferenças advindas da singularidade dos *habitus* dos agentes que o compõem. Diferenças provenientes das aproximações e distanciamentos decorrentes das posições e tomadas de posição assumidas pelos agentes provocadas pelo *habitus* e pela assimilação do capital que possuem e o qual facilita ou dificulta a inserção em dado campo.

O capital em suas três formas é o fio condutor o qual simbolicamente vincula as relações invisíveis entre agentes e campo social. Na inter-relacionalidade das noções, o capital cultural, econômico e social desempenha um papel relevante na posição e na tomada de posição dos agentes. Considerando o capital como o fio condutor por meio do qual os agentes se aproximam ou se distanciam no campo social, cuja força torna-se o poder motivador que age silenciosamente, torna-se relevante compreender que o capital incorporado simbolicamente ao *habitus* do agente, direciona as ações práticas em prol da aproximação daqueles que são identificados como agentes que ocupam posições dominantes em dado campo. Posições dominantes, no entanto, devem ser compreendidas como sendo as posições de destaque, as quais permitem aos agentes – em conformidade ao campo – privilégios, ou seja, ganhos efetivos de reconhecimento e poder. Gerador e impulsionador de ações práticas, o capital engendra-se ao *nomos* e a *doxa* do campo social incorporando-se nos *habitus* dos agentes, os quais realimentam tal processo transmitindo geração após geração o capital simbólico de dado campo.

Pode-se visualizar isso nas pesquisas realizadas pelo autor no campo educacional francês e em seu contundente questionamento à escolástica no

¹⁸⁴BOURDIEU, P. *Como se hace una clase social? Sobre la existencia teórica y práctica de los grupos*. In: _____. **Poder, derecho y clases sociales**. Bilbao: Desclé de Brouwer, 2001. p.106.

campo filosófico francês.¹⁸⁵ Nas teses e dissertações, nas posturas dos professores, na aquisição da linguagem, no todo que compõe esses campos de formação educacional, os ritos que os atravessam podem ser compreendidos como a história social encarnada atualizada na prática daqueles agentes que “se sentem em casa” no campo que habitam. Assim, com a cumplicidade ontológica que caracteriza o *habitus* e o campo, realizam o acordo tácito da manutenção do *status quo*. Por outro lado, o *status quo* é rompido se considerarmos a dinâmica dos campos sociais, os quais não são rigidamente estabelecidos, pois possuem brechas e assimetrias que aparecem no não dito dos discursos e das ações.

Nas posições assumidas pelos agentes sociais, considerados pontos de vista singulares nas relações estabelecidas no campo social - no qual se encontram divergências, confrontos e contradições - encontra-se a possibilidade de surgir uma voz singular, cuja posição e tomada de posição encontra nessas brechas e assimetrias a possibilidade da transformação. Contudo, tal agente somente será ouvido pelos seus pares quando estiver em consonância com outros pontos singulares e afins e, somente com essa consonância será possível promover transformações dentro dos limites que a estrutura em dado momento impõe.¹⁸⁶

A análise efetuada neste capítulo a respeito da inter-relacionalidade das noções *habitus*, campo e capital permite-nos afirmar a relevância de tal proposta para a compreensão da teoria social bourdieusiana. Os mecanismos de reprodução das desigualdades sociais demonstram-se mais complexos com o acréscimo do capital social, cultural e simbólico ao capital econômico e destes às noções de *habitus* e campo, uma vez que exige a ruptura com a tendência a analisar as desigualdades sociais sob o viés econômico e, em última análise, com uma visão social substancialista. Adotando a visão inter-

¹⁸⁵Pode-se dizer que o tema que permeia o pensamento bourdieusiano se refere à educação, porém entendendo educação como formação do indivíduo. As pesquisas desenvolvidas visaram encontrar os mecanismos subjacentes na reprodução e transformação das desigualdades, e para isso, Bourdieu encontra na educação o ponto central para perseguir seu objetivo. A educação enquanto formação do indivíduo é pesquisada em suas várias vertentes, o gosto, a arte, a literatura, as instituições e a política. Em relação a essas considerações salientamos as obras *La Noblesse d'État. Grandes écoles et esprit de corps* (1989) e *Méditations pascaliennes* (1997).

¹⁸⁶BOURDIEU, P. *Méditations pascaliennes*. Paris: Éditions du Seuil, 2003. p. 263-271.

relacional da tríade de noções torna-se possível compreender que as diferenças no meio social advindas das posições, disposições e tomadas de posição dos agentes sociais a partir da *pro-vocação* das estruturas dos campos e da posse de capital, auxilia na assunção de uma visão das desigualdades sociais não mais como sendo um destino condenatório. Ao contrário, se por um lado estamos enredados na teia estrutural do meio social desde o nascimento, a lente teórica bourdieusiana permite observar que se aceitamos o *habitus* como sendo um sistema aberto de disposições essa condenação não se cumpre. Significa compreender que o *habitus* aprende com as experiências, ou seja, incorpora novos esquemas de percepção e de ação à sua trajetória, assimilando-as à sua história pessoal. Com isso, pode-se colocar que a teoria social bourdieusiana abre espaço para superar os determinismos, os constrangimentos e as restrições assimilados dos campos sociais nos quais o agente social se insere, permitindo-lhe intervir na realidade a qual pertence.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A condução de uma pesquisa requer arcabouço teórico e investigativo conciliado com dedicação e introspecção daquele que assume o desafio do estudo. Ao propor estudar a teoria social de Pierre Bourdieu, se abre uma cortina de opções para o estudioso tendo em vista a miríade de áreas em que esse autor procurou estudar e expressar o seu pensamento. No momento de finalizar esta pesquisa, cabe destacar as facilidades e as limitações existentes ao longo de tal empreendimento. No caso das facilidades, o fato do autor lidar com diversos temas provoca uma bibliografia existente acessível a grande parte dos estudiosos, bem como a reprodução de artigos e publicações correlacionadas a sua obra. No caso das limitações, é inegável que o estudioso é obrigado a gerenciar a reprodução das obras em versões traduzidas e também os limites de recursos bibliográficos dos diversos ambientes de pesquisa. Assim, ao estudioso que assume o desafio de pesquisar sua obra a recomendação de ler as obras nos originais, na sua maior parte em francês, e, se possível, recorrer aos locais que possibilitem acesso aos seus trabalhos torna-se um elemento relevante na apreensão de seu pensamento.

No caso específico desta pesquisa, é inegável que a leitura de muitas obras nos originais facilitou a elaboração da dissertação, bem como a compreensão dos elementos trabalhados. Ao mesmo tempo, como qualquer obra versada no original e suas traduções, ocorreram momentos de diferença entre o original em francês e suas traduções no português e espanhol na sua maioria. A presente dissertação viabilizou minimizar essas dificuldades linguísticas fruto do nosso tempo em que obras proliferam e versões traduzidas se espalham. Procura-se com isso ressaltar o cuidado e a atenção com as leituras e interpretações difundidas, pois nem todas as produções científicas conduzem a uma compreensão adequada. Tal alerta, apesar de amplamente difundido academicamente deve ser assimilado apenas como uma sugestão em nível de lembrança especificamente pelo autor em questão: seu *modus operandi* – obstáculo a ser compreendido e superado - e a ampla aplicação de aspectos de sua obra nos mais variados campos do conhecimento. O interesse em abordar essa questão busca sublinhar a limitação temporal para se dedicar

à vastidão das obras bourdieusianas e à complexidade de seu pensamento. Embora o limite temporal seja uma contingência de nosso tempo, cujo escape é limitado, esse sempre será um fator a influenciar, porém não a impossibilitar a pesquisa.

Convém ressaltar que a escolha pela pesquisa da tríade de noções sob uma visão inter-relacional deve-se pela busca de relevar de seu constructo teórico o núcleo duro de seu pensamento. A inquietação motivadora implícita na dissertação é a busca por subsídios teóricos que permitam alicerçar o questionamento a respeito do indivíduo do século XXI, cujos desafios sociais, políticos, econômicos e educacionais encontram-se cada vez mais complexos devido, em parte, ao acréscimo da tecnologia no cotidiano social. Sem se constituir em um objetivo delimitado para a pesquisa, tal colocação visa o esclarecimento de que ao priorizarmos a tríade de noções, deixamos de lado aspectos como poder simbólico, violência simbólica, Estado, imprensa, entre outras noções, elemento e temas, pois nossa atenção dirigiu-se à estrutura da teoria bourdieusiana. Assim, esse limite foi necessário sob o ponto de vista do primeiro passo em direção à continuidade futura da pesquisa e da busca de um caminho à inquietação acima apontada. Realizadas tais colocações iniciais, cumpre sublinhar que ao finalizar esta dissertação, em que o fim, na verdade, é uma porta aberta para muitas outras portas que apontam novos caminhos, algumas considerações requerem a exposição necessária como forma não de resposta, mas sim de compreensão.

O fio condutor que atravessa a presente pesquisa é investigar a inter-relação entre as noções *habitus*, campo e capital, cujo objetivo é o enriquecimento do estudo e da compreensão da teoria social bourdieusiana. A despeito do autor e seus comentadores reiteradamente ressaltarem a necessidade de ter esse olhar ao estudar a teoria, não se encontrou até o momento desta pesquisa trabalhos que contemplatessem tal propósito. Adotando a posição bourdieusiana de que o campo intelectual é formado por atitudes dóxicas, procuramos empreender nesta dissertação a ruptura com essa atitude e buscamos relevar na teoria os fios que nos permitissem abordar e demonstrar a inter-relação da tríade de noções. Nesse sentido, procurou-se

apresentar um percurso teórico o qual brindasse uma visão global da teoria como forma de alavancar a proposta principal.

Percorrendo inicialmente o caminho da contextualização do pensamento bourdieusiano foram ressaltadas as discussões filosóficas ocorridas no âmbito da *École normale supérieure* na década de cinquenta, período em que realizou sua formação intelectual. Acompanhar sua trajetória intelectual nos parece relevante na medida em que concordamos com o autor de que as ideias não são puras. Ao contrário, elas respondem às necessidades e inquietudes da época na qual são erguidas e para a qual buscam respostas, as quais devem ser compreendidas sob seu aspecto dinâmico e aberto. É preciso considerar, no entanto, que ao buscar respostas para as necessidades e inquietudes de determinada época, às ideias erguidas para alcançar esse propósito incorporam-se as expressões de movimentos anteriores. Com isso tornou-se possível perceber, por meio do estudo efetuado a respeito dos momentos e rupturas da filosofia francesa contemporânea, que a ruptura com a filosofia tradicional e a relação entre acontecimentos sociais e políticos não só se torna relevante como se consolida no “Momento da Segunda Guerra”. Considerando que os acontecimentos advindos das guerras do início do século passado expuseram a face obscura de uma razão obstinada e destrutiva, tais experiências colocaram em xeque a tradição filosófica, o viés das pesquisas e o papel do intelectual perante a exposição de uma sociedade desigual e injusta. Disto resulta a ruptura com pensamentos considerados limitados para enfrentar a realidade da maneira como se apresentava. O recorte histórico proposto, portanto, permite-nos assinalar que tal ruptura iniciada na década de vinte com as manifestações contundentes realizadas a favor e contra a inclusão de assuntos políticos e sociais no pensamento filosófico se consolida no “Momento dos anos 60” quando surgem correntes filosóficas voltadas para o homem concreto, o cotidiano e, sobretudo, a necessidade de tentar compreender o meio social a partir dele mesmo.

As relações estabelecidas entre filosofia, política e sociedade, portanto passam a ser consideradas e encontram-se entrelaçadas na filosofia existencialista sartriana, a qual pode se considerar como sendo a expressão das mudanças almejadas em relação à filosofia tradicional à medida que

propõe a análise da existência humana a partir dela mesma. Entretanto, outra discussão faz parte do cenário intelectual, a saber, filosofia e ciência, colocando em xeque pressupostos filosóficos tradicionais, tais como a metafísica, acentuando a necessidade da filosofia rever conceitos basilares como conhecimento, liberdade, humanidade, entre outros. Pode-se vincular o incremento da ciência, qual se consolida no século XX, cujo reconhecimento da validade do conhecimento produzido por meio de instrumentos que lhe permitam apurar a realidade à luz do estatuto da prova coloca em xeque as ciências denominadas como sendo humanas. A desvinculação entre conhecimento científico e conhecimento humano acentua-se no cenário desse período, permitindo-nos sublinhar que o questionamento que permeava as ações e pensamentos dos intelectuais acima de tudo dizia respeito à possibilidade do conhecimento nas áreas do conhecimento não científico. Assim, as discussões entretecidas entre filosofia, ciência, política e sociedade, como pudemos constatar, possibilitaram ao estruturalismo surgir no cenário intelectual na década de sessenta.

As ciências humanas e sociais questionadas pela ausência de metodologia científica e, portanto, consideradas como pouco sérias pela falta do estatuto da prova, buscaram na associação a disciplinas como física, matemática e química, no início do século passado, um suporte que pudesse lhes conferir não somente sua renovação, mas também o *status* científico almejado. O estruturalismo visto sob essa ótica é a expressão de um movimento existente desde o início do século, o qual emerge e ganha expressão com a associação a outras áreas, entre as quais se destacam a psicanálise e a linguística, durante a década de sessenta. No entanto, o estruturalismo mais voltado para a antropologia convive no mesmo cenário com a filosofia identificada como filosofia do conceito, a qual apontava para outra vertente de análise filosófica, mais próxima de uma filosofia da ciência ou epistemologia histórica. Correntes que conviviam como pontos de vista diferenciados no espaço social das instituições formadoras francesas, pertencentes e circunstanciadas por um determinado campo social e político.

Podemos compreender que a busca da renovação conceitual, portanto, respondia à necessidade de renovação social e política francesa do pós-

guerra. Assim, nos deparamos com o surgimento de novas áreas de conhecimento como a antropologia e a sociologia, dividindo o cenário com a filosofia, entre tantas outras disciplinas. Na realidade, se observarmos com acuidade as pesquisas desse período, encontramos na filosofia foucaultiana o sinalizador da necessidade de novos horizontes conceituais, apontando a efervescência intelectual da época. Ao anunciar a morte do homem e identificá-lo como sendo um conceito elaborado na modernidade, a filosofia foucaultiana provoca uma série de desdobramentos válidos filosoficamente até o presente momento. Instaurando uma nova vertente de análise filosófica e social, sua filosofia ressalta a necessidade de abordar temas como a loucura e a sexualidade, os quais até aquele momento encontravam-se ausentes dos construtos teóricos. Com isso, buscamos salientar a necessidade de romper com visões parciais da realidade do indivíduo e do meio social. Além disso, torna-se possível elaborar a hipótese de que na história, na filosofia, na geografia, na literatura, nas artes havia a imperiosa necessidade de contestar o *status quo* epistemológico e ontológico existente.

Nesse contexto, a teoria bourdieusiana assume o empreendimento da renovação teórica. Além disso, busca proporcionar um *corpus teórico* que pudesse contemplar tanto o indivíduo como o meio social, assim como enriquecer a visão de mundo a partir da qual pudessem ser realizadas intervenções efetivas. Na esteira das *pro-vocações* de sua época, o homem enquanto conceito e a humanidade como categoria torna-se alvo de questionamentos necessários para o avanço da compreensão da constituição social, da sua desigualdade e do papel do agente social. O papel do agente social visto sob essa ótica carrega consigo a mudança de *status* teórico operada pela mudança de paradigma. Em outras palavras, o indivíduo visto como agente social passa a ser visto como um ser enredado em uma teia previamente tecida na qual são inseridos a partir do momento em que adentram no mundo por meio do nascimento.

A despeito disso, o agente social não pode ser visto como um ser passivo, mero receptor e reproduzidor da teia estrutural que o antecede, mas alguém capaz de se estimular a exercer um papel ativo em prol de transformar-se transformando os campos sociais nos quais está inserido. Com isso, a teoria

social bourdieusiana termina propondo o que denomina uma sociologia reflexiva alicerçada na proposta de uma socioanálise, ferramenta teórica que visa a inclusão do pesquisador como agente partícipe de diversos campos, o qual deve se estimular a romper tanto com suas atitudes dóxicas enquanto pesquisador como com a dos campos nos quais participa. Na proposta bourdieusiana encontra-se, portanto, a preocupação intelectual de fornecer uma saída para os constrangimentos impostos pela realidade do meio social. Pode-se acrescentar também a provocação realizada ao campo intelectual para a desacomodação e para o constante questionamento, partindo do pressuposto que no mundo social o jogo está sempre recomeçando.

A retomada dessa trajetória apresentada no início deste percurso teórico é pertinente à medida que Pierre Bourdieu, realizando sua formação intelectual nesse período, ergue seu constructo teórico alicerçado nas discussões pertinentes à sua época. À luz de seu tempo, o autor busca não somente elaborar uma teoria, mas busca também construir uma ciência sociológica, cujo método científico pudesse colocar a sociologia no cenário científico. Portanto, entendemos que sua proposta encontra eco na contextualização realizada nesta pesquisa. Além disso, buscamos desmistificar, dentro do possível e do adequado, o pressuposto de que não é interessante abordar o contexto do espaço e tempo a partir do qual o autor forma seu pensamento ao tratar de conceitos filosóficos. Em defesa de tal proposta, argumentamos que a contextualização por um lado permite abrir a possibilidade de encontrar os limites e as relações obscuras que formam todo pensamento teórico, ou seja, uma vertente de pesquisa. Registramos a sugestão. Por outro lado, permite-nos simplesmente assumi-la como pano de fundo, objetivo desta dissertação dado os limites pertinentes à proposta aqui desenvolvida.

A busca por compreender o lugar ocupado pelo indivíduo perante os constrangimentos e condicionamentos sociais, conduziu o autor a assimilar não somente os questionamentos de sua época, mas também a relacionar autores das mais variadas correntes filosóficas. Afinado com a filosofia do conceito, com a antropologia estruturalista e com autores da sociologia como Max Weber, Karl Marx, Émile Durkheim, Marcel Mauss, entre outros, Bourdieu não

somente apresenta a síntese desses pensadores em sua teoria, mas provoca certo incômodo aos pesquisadores de sua obra. A preocupação com o problema da desigualdade é a mola propulsora perseguida ao longo de sua vida intelectual, portanto, a escolha dos autores foi conduzida por essa inquietação. Tal *modus operandi* pode ser considerado uma inovação intelectual no meio acadêmico, mas pode ser considerado também um dos limites para sua compreensão, já que a linguagem usada mescla diversas linguagens de diversas áreas. Exemplo disso pode ser visto na polêmica surgida ao utilizar o termo interesse como elemento de análise na configuração entre agente social e campos sociais. O limite é devido, em parte, à exigência que o autor transfere para o pesquisador de permanecer constantemente em uma espécie de estado de alerta para não enveredar em interpretações precipitadas. Da mesma forma que se torna necessária assumir uma postura intelectual alicerçada na humildade ao aceitar a necessidade de pesquisar arduamente os termos usados e contextualizá-los em sua teoria. Nos tempos atuais, nos quais a velocidade suplanta o tempo, isto é um limite problemático, porém não intransponível.

A teoria social bourdieusiana nasce das inquietações que nele adquirem voz: as desigualdades sociais. Obviamente, o autor não é o único a buscar compreender mecanismos subjacentes às reproduções e transformações das desigualdades, mas encontramos nele uma proposta instigadora e um ponto de vista inovador. A despeito da complexidade de sua teoria, cujo estudo exige dedicação e desprendimento, a proposta de uma visão relacional do mundo social, permite-nos repensar os pressupostos que norteiam pesquisas e posicionamentos a respeito da complexa relação entre indivíduo e sociedade. Acima de tudo, a construção teórica realizada possibilita uma espécie de voltar a cabeça em direção ao universo da formação intelectual em todos seus níveis. Compreende-se esse interesse se assumirmos junto com o autor a educação como sendo o espaço no qual o agente não somente forma seu *habitus* como também é introduzido na realidade do mundo social.

É preciso, no entanto, entender a educação como a formação iniciada no campo familiar a qual encontra no âmbito escolar sua confirmação e seu confronto. No entanto, convém ressaltar que as pesquisas bourdieusianas

tangenciam o campo familiar, priorizando o âmbito escolar do campo educacional a partir do qual se relevam os mecanismos subjacentes à reprodução e transformação das desigualdades sociais no seio da formação social, política, intelectual e cultural. Além disso, ao pesquisar o campo educacional e adentrar no coração do espaço intelectual, o pensamento bourdieusiano promove o desencantamento de tal espaço ao sublinhar que intelectuais e pesquisadores não são agentes posicionados de maneira distante e acima do cotidiano das relações sociais. Ao contrário, os agentes em sua posição de intelectuais e formadores de intelectualidade são pontos de referências, cujas experiências sociais podem gerar afinidades ou antipatias nas diversas relações que estabelecem no campo em que atuam e igualmente com os objetos de estudo aos quais se dedicam. Portanto, a exigência é a de romper com atitudes dóxicas tanto com as pesquisas realizadas quanto com o próprio campo no qual estão inseridos, mas, sobretudo, com o próprio *habitus* do pesquisador e intelectual. Desafio constante a ser considerado.

É no conjunto de suas pesquisas em diversos campos sociais, entretanto, que se torna possível compreender a proposta realizada pelo autor de que os mecanismos de reprodução e transformação das desigualdades se encontram mais entranhados no agente e no meio social do que conseguimos ou apreciamos perceber. Ao propor-se pesquisar tais mecanismos, Bourdieu oferece um denso constructo teórico, cujas categorias de análise são igualmente densas e complexas. O estudo separado de cada uma delas apresentado no segundo capítulo auxiliou-nos na compreensão de cada uma isoladamente, para podermos apresentar a inter-relação entre as três de maneira que pudemos apreender mais apuradamente sua teoria. De tal estudo, é possível depreender que o senso prático considerado como impulsionador das ações dos agentes conduz à repetição e transmissão de posturas, atitudes, comportamentos e visão de mundo de uma geração a outra. Compreender isso implica em aceitar que o senso prático é uma reação pré-reflexiva incorporada ao *habitus* do agente de tal maneira que o próprio agente não reconhece na maioria de suas ações a presença de repetições de elementos os quais não lhe possibilitam romper com as reproduções de mecanismos de manutenção de desigualdades nos campos sociais nos quais está inserido. Contudo, a

transmissão e repetição de comportamentos e maneiras de pensar atuados no senso prático das ações dos agentes só ocorrem se o entendermos como a expressão do conjunto da tríade de noções.

A adoção de uma visão inter-relacional, por sua vez, torna possível considerar o *habitus* como um ponto ressaltado, porém não central, como às vezes pode parecer devido ao viés psicológico, filosófico e político que teoricamente carrega consigo. Na teoria social bourdieusiana não há pontos centrais, nem posições definitivas. Significa dizer que as relações de dominação se mantêm pela força empreendida nos campos para mantê-la devido à cumplicidade ontológica das três noções. Compreendendo uma noção relacionada com a outra, além de compreender que cada uma dessas categorias carrega consigo as outras devido a amálgama estabelecida entre todas, torna-se compreensível algumas afirmações do autor, como, por exemplo, a de que alimentamos as relações de dominação, perpetuando desigualdades sociais. Tal afirmação só pode ser compreendida se relevamos de seu constructo teórico o fio que acompanha essa construção, a saber, os acordos tácitos como fios condutores das posições, disposições (*habitus*) e tomadas de posição (ações) dos agentes sociais atravessada pela tridimensionalidade do capital nos diversos campos sociais que compõem o espaço social. Por outro lado, o que pode parecer um viés determinista, a teoria bourdieusiana surpreende com seu viés contrário ao apontar a possibilidade do aprendizado, da apreensão e da assimilação presente no *habitus* dos agentes, o que possibilita a percepção das brechas e assimetrias dos campos nos quais estão inseridos. Brechas e assimetrias que podem ou não permitir transformações dependendo do capital do agente e da possibilidade de encontrar eco em outros agentes afins com a sua visão e posição.

A visão inter-relacional proposta permite-nos igualmente perceber que ações individuais se refletem coletivamente. Essa colocação encontra-se vinculada na adoção do modo de pensamento relacional na teoria bourdieusiana, a qual assume a visão de uma sociedade entretecida por relações invisíveis e na maioria das vezes imperceptíveis por parte dos agentes. Tal visão, no entanto, adquire sentido se considerarmos a visão de

mundo social assumida pelo autor. Significa dizer que é preciso considerar a visão agonística dos campos sociais, ou seja, como sendo espaços de lutas, conflitos e tensões na maioria das vezes de maneira velada e negada pelos próprios partícipes dos campos. Ao seguirmos esse pressuposto, encontramos coerência em sua proposta teórica, pois a tríade de noções inter-relacionadas permite-nos uma compreensão mais próxima da luta cotidiana observada nos diversos campos sociais em busca da sobrevivência material entrelaçada na busca do reconhecimento e da pertença aos campos nos quais os agentes participam. Assim, podemos colocar que perante a provocação dissertativa e a inquietação motivadora implícita à mesma encontramos na teoria bourdieusiana um interlocutor instigante que nos permite mantê-lo como ponto de partida para pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obras de Pierre Bourdieu

BOURDIEU, Pierre. *Esquisse pour une auto-analyse*. Paris: Raison d'Agir, 2004. 142p.

_____. *La Nobleza de Estado*: educación de elite y espíritu de cuerpo. Buenos Aires: Siglo XXI editores, 2013. 548p.

_____. *La distinction*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1979. 670p.

_____. *Le sens pratique*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980. 475p.

_____. *Outline of a theory of practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977. 257p.

_____. *Méditations Pascaliennes*. Paris: Éditions du Seuil, 1997. 386.

_____. *O poder simbólico*. Tradução de: Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1989. 313p.

_____. *As regras da arte*: gênese e estrutura do campo literário. Lisboa: Editorial Presença, 2007. 398p.

_____. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Tradução de: Mariza Corrêa. 11ªed. Campinas: Papyrus, 2011. 222p.

_____. *Coisas Ditas*. São Paulo : Brasiliense, 1990. 234p.

_____. *Leçon sur leçon*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1982. 56p.

_____. *Questions de sociologie*. Paris: Les Éditions de Minuit, 2002, 277p.

_____. **El oficio del sociólogo**. Tradução de Fernando H. Azcurra e Jose Sazbon. Buenos Aires: Siglo XXI editores, 2002. 343p.

_____. **Esquisse d'une théorie de la pratique**. Paris: Éditions du Seuil, 2000. 429p.

_____. Estrutura, habitus e prática. In: _____. **A economia das trocas simbólicas**. Introdução, organização e seleção Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2011. p.337-361.

_____. *Como se hace una clase social? Sobre la existencia teórica y práctica de los grupos*. In: _____. **Poder, derecho y clases sociales**. Bilbao: Desclé de Brouwer, 2001. p.101-129.

_____. **Intervenciones, 1961-2001. Ciencia Social y Acción Política**. Textos seleccionados y presentados por Franck Poupeau y Thierry Discepolo. Traducción de Beatriz Morales Bastos. Hondarribia: Editorial Hiru, 2004. 594p.

_____. **Sociologie**. Disponível em: www.college-de-france.fr/media/pierre-bourdieu.

_____. *Le mort saisit le vif [Les relations entre l'hitoire réifiée et l'histoire incorporée]*. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v.32-33, avril/juin 1980. Disponível em: www.persee.fr. Acesso em 15 set 2015.

_____. *Les trois états du capital culturel*. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 30, nov./1979, p.3-6. Disponível em: <http://www.persee.fr>. Acesso em 17 março 2016.

_____; SCHULTHEIS, F. & PFEUFFER, A. *With Weber Against Weber: Conversation With Pierre Bourdieu*. Translate by Simon Susen. In: SUSEN, S. & TURNER, B.S. **The Legacy of Pierre Bourdieu: Critical Essays**. London: Anthem Press, 2011.

_____; WACQUANT, Loïc. **Una invitación a la sociología reflexiva**. Buenos Aires: Siglo XXI editores, 2005. 412p.

Bibliografia Secundária

BARING, Edward. ***The young Derrida and French philosophy, 1945-1968.*** New York: Cambridge University Press, 2011. 326p.

BONNEWITZ, Patrice. ***La sociología de Pierre Bourdieu.*** Buenos Aires: Nueva Visión, 2006. 126p.

CASSIRER, Ernst. ***Substance and Function and Einstein's Theory of Relativity.*** Chicago: Dover Publications, 1953. 489p.

CATANI, A. M.; CATANI, D. B. & PEREIRA, G. R de M. As apropriações da obra de Pierre Bourdieu no campo educacional brasileiro através de periódicos da área. **Rev. Brasileira de Educação**, n.17, p. 63-65, mai/jun/jul/ago 2001. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27501706ER>. Acesso em: 20 março 2016.

CHEVALLIER, Stephane. ; CHAUVIRÉ, Christiane. ***Diccionario Bourdieu.*** Buenos Aires: Nueva Visión, 2011. 189p.

DESAULT, Yves. Entrevista de Pierre Bourdieu com Yvette Desault: Sobre o espírito da pesquisa. Tradução de Paulo Neves. **Tempo Social** revista de sociologia da USP, São Paulo, v.17, n.1, p.175-210. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v17n1/v17n1a07>. Acesso em: 01 fevereiro 2016.

DESCOLA, Philippe. Claude Lévi-Strauss, uma apresentação. **Estud. av.**, São Paulo , v. 23, n. 67, pp. 148-160, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v23n67/a19v2367.pdf> >. Acesso em: 02 nov. 2015.

DOSSE, François. ***História do Estruturalismo: o campo do signo, 1945-1966.*** v.1. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1993. 447 p.

FOUCAULT, Michel. A vida: a Experiência e a Ciência. In: MOTTA, Manuel Barros. (Org.). **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento:** Michel Foucault. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. (Ditos e Escritos, v.II). p. 353-366.

GARCIA, A. & PESSANHA, E. Encontros com Pierre Bourdieu e com sua obra: Entrevista com Gisele Sapiro. Tradução de Eduardo Dimitrov e Maíra M. Volpe. **Sociologia&Antropologia**, Rio de Janeiro, v.3, p. 11-42, jun. 2013. Disponível em: <http://revistappgsa.ifcs.ufrj.br>. Acesso em 15 março 2016.

GRENFELL, Michael James. **Pierre Bourdieu: Agent Provocateur**. London: Continuum, 2004. 214p.

GUTIÉRREZ, Alicia Beatriz. **Las prácticas sociales: una introducción a Pierre Bourdieu**. Córdoba: Ferreyra Editor, 2005. 124p.

HONNETH, A.; KOCYBA, H.; SCHWIBS, B. *The Struggle for Symbolic Order. An Interview with Pierre Bourdieu*. **Theory, Culture & Society**, v.3, n.3, p. 35-51, nov.1986.

HUSSERL, Edmund. **A crise da humanidade europeia e a filosofia**. Introdução e tradução de Urbano Zilles. 4.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. 92p.

JOUMIER, Laurent. **Husserl**. Paris: Ellipses, 2012. 84p.

LANE, JEREMY F. **Pierre Bourdieu: a critical introduction**. London : Pluto Press, 2000. 225p.

LA SOCIOLOGIE est un sport de combat. Direção: Pierre Carles. Produtores: Véronique Frégosi e Annie Gonzalez. **Documentário**, França, 2001.

LESCOURRET, Marie-Anne. **Pierre Bourdieu vers une économie du bonheur**. Paris: Flammarion, 2008. 538p.

LEVI-STRAUSS, Claude. *El análisis estructural en lingüística y en Antropología*. In: _____. **Antropología Estructural**. Traducción de Eliseo Verón. Barcelona: Paidós, 1995. p. 75-95.

_____. História e Dialética. In: _____. **O pensamento selvagem**. Tradução de Tânia Pellegrini. Campinas: Papirus, 2008. p.273-298.

MARTINEZ, Ana Teresa. **Pierre Bourdieu: razones y lecciones de una práctica sociológica**. Buenos Aires: Manantial, 2007.360p.

_____. *Una indagación sociológica sobre el campo literario. Las Reglas del arte, según Pierre Bourdieu*. **Trabajo y Sociedad**, Santiago del Estero, Argentina, v. IX, n.10, 2008. Disponível em: <<http://www.unse.edu.ar/trabajosociedad/MARTINEZ.pdf>>. Acesso em: 11 dez de 2015.

MARTINS, Carlos Benedito. Sobre a noção da prática. **Novos Estudos**, São Paulo: CEBRAP, n. 62, p.163-181, mar. 2002. Disponível em: <http://novosestudios.org.br/v1/files/uploads/contents/96/20080627_sobre_a_nocao_da_pratica.pdf>. Acesso em: 31 de jul 2015.

MAUGER, Gérard. **Lire Pierre Bourdieu**. Disponível em: http://psychaanalyse.com/pdf/LIRE_PIERRE_BOURDIEU_RAISONS_D_AGIR_GERARD_MAUGER_4PAGES.pdf. Acesso em 18 março 2016.

MERINO, Catalina Uribe. Sartre y la figura del intelectual comprometido. **Ciência Política**, n.2, p.30-57, jul./dic., 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.unal.edu.co/index.php/cienciapol/article/view/29361/29595>> Acesso em: 10 set 2015.

MORA, José Ferrater. **Diccionario de filosofia**. Barcelona: Editorial Ariel, 2009.p.1543-1544. (Tomo II).

MÜNSTER, Arno. Dialética e práxis no pensamento de Jean Paul Sartre (Uma leitura crítica da *Crítica da Razão Dialética*). **doisPontos**, Curitiba, São Carlos, v.3, n.2, Out./2006, p. 173-188. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/doisPontos/article/view/6502/4670>. Acesso em 31 jan 2016.

ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. 191p.

_____. Nota sobre a recepção de Pierre Bourdieu no Brasil. **Sociologia&Antropologia**, Rio de Janeiro,v.3, p.81-90, jun. 2013. Disponível em: <http://revistappgsa.ifcs.ufrj.br>. Acesso em 20 março 2016.

PANOFSKY, Erwin. **Arquitetura Gótica e Escolástica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001, 138p.

PASCAL, BLAISE. **Pensées**. Texte de l'Édition Brunschvicg. Introduction et notes par Ch.-Marc des Granges. Paris: Garnier, 1961. 341p.

PEREIRA, G. R. M. & CATANI, A. M. Espaço social e simbólico: introdução a uma topologia social. **Perspectiva**, Florianópolis, v.20, n. Especial, p. 107-120, jul./dez. 2002. Disponível em <https://periódicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10279>. Acesso em 03 fev 2016.

PETERS, Gabriel. Explicação, Compreensão e Determinismo na sociologia de Pierre Bourdieu. **Estudos de Sociologia**, Recife, v.2, n.17, mar. 2013. Disponível em : <http://www.revista.ufpe.br/revsocio/index.php/revista/article/view/39/30>. Acesso em: 30 out 2015.

_____. Habitus, reflexividade e neo-objetivismo na teoria da prática de Pierre Bourdieu. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v.28, n. 83, p. 47-71, oct. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092013000300004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 25 jan 2016.

PINTO, Louis. **Pierre Bourdieu y la teoría del mundo social**. Buenos Aires: Siglo XXI editores, 2002. 218p.

SARTRE, Jean Paul. **O existencialismo é um humanismo**. 3ªed. Tradução de: Rita Correa Guedes. São Paulo: Nova Cultural, 1987. 32p.

SCHRIFT, Alan D. **Twentieth-Century French Philosophy: Key Themes and Thinkers**. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2006. 284p.

VALÉRY, Paul. **La crise de l'esprit** (1919). Chicoutimi: Bibliothèque Paul - Émile Boulet de l'Université du Québec, 2005.p.6. Disponível em: http://classiques.uqac.ca/classiques/Valery_paul/crise_de_lesprit/valery_esprit.pdf. Acesso em: 25 jul 2015.

VIZCARRA, Fernando. *Premisas y conceptos básicos en la sociología de Pierre Bourdieu*. **Estudios sobre las Culturas Contemporâneas**, Colima, v. VIII, n. 16, dic./2002, p. 55-68. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=31601604>. Acesso em 6 abril 2016.

WACQUANT, Loïc. Esclarecendo o habitus. **Educação & Linguagem**, ano 10, n.16, p.63-71, jul.-dez. 2007.

_____. **Pierre Bourdieu**. In: STONES, R. *Key Contemporary Thinkers*. London: Macmillan, 2006. p. 261-277. Disponível em: loicwacquant.net/assets/Papers/PIERREBOURDIEUStones2007.pdf. Acesso em: 25 janeiro 2016.

WORMS, Frédéric. **La philosophie en France au XXe siècle**. *Moments*. Paris: Gallimard, 2009. 643p.